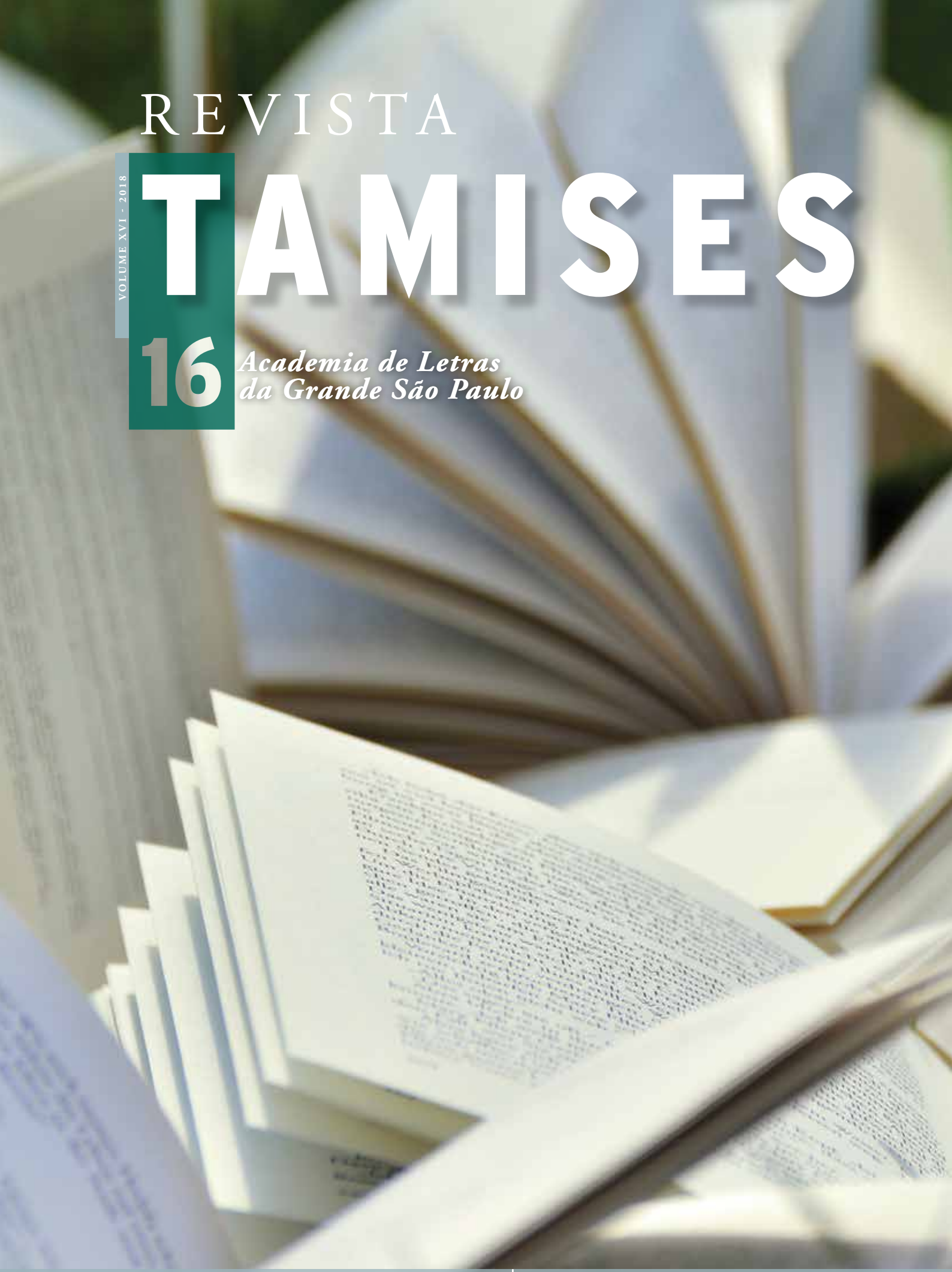


REVISTA TAMISES

VOLUME XVI - 2018

16

Academia de Letras da Grande São Paulo

Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul

TAMISES

VOLUME XVI - 2018

REVISTA
DA ACADEMIA
DE LETRAS
DA GRANDE
SÃO PAULO

PRO BONO
ET BELLO

REVISTA
TAMISES
VOLUME XV - 2017

ACADEMIA
DE LETRAS
DA GRANDE
SÃO PAULO

Coordenação Geral
Maria Zulema Cebrian

Revisão
M.Guaraciaba Gissoni Fenício

Secretaria e Coordenação
Maria Aparecida Mancini Fedatto

Editoração
Maria Zulema Cebrian
Maria Aparecida Mancini Fedatto

Projeto Gráfico e Capista
Roberta Giotto

Impressão
Hawaii Gráfica e Editora Ltda

Copyright@2018 – da ALGRASP

Permitida a reprodução de textos originais, mesmo parciais, e por qualquer processo, com autorização da ALGRASP

Os conceitos emitidos pelos articulistas e/ou manifestantes são de inteira responsabilidade de seus autores.

Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255
Santa Paula - CP.: 09521-520
São Caetano do Sul – SP.
Tel.(0xx) 11 4221-1643

www.algrasp.com.br
academiadeletrassp@gmail.com

Composto em sistema de editoração eletrônica
Impresso no Brasil

DIRETORIA
Presidente de Honra
José Auricchio Júnior
Presidente
Maria Zulema Cebrian
Vice-Presidente
José Roberto Espíndola Xavier
Secretário
Celso de Almeida Cini
Tesoureiro
Sebastião G. Ferreira Gomes
Coordenação da Biblioteca
Maria do Céu Formiga de Oliveira
Diretora Adjunta
do Cerimonial de Solenidades
Eva Bueno Marques
Conselho Fiscal
Humberto Domingos Pastore
João Bosco
José Bueno Lima

CADEIRA
01

Patrono:
Gustavo Teixeira
Acadêmico:
SEBASTIÃO GERALDO FERREIRA GOMES

CADEIRA
02

Patrono:
Olavo Bilac
Acadêmico:
VAGA

CADEIRA
03

Patrono:
Guilherme de Almeida
Acadêmico:
MARIA ZULEMA CEBRIÁN

CADEIRA
04

Patrono:
Rui Barbosa
Acadêmico:
AGNALDO L. SACRAMENTO

CADEIRA
05

Patrono:
Lima Barreto
Acadêmico:
MILTON BIGUCCI

CADEIRA
06

Patrono:
Machado de Assis
Acadêmico:
ANDRÉ APARECIDO BEZERRA CHAVES

CADEIRA
07

Patrono:
Raul de Leoni
Acadêmico:
VAGA

CADEIRA
08

Patrono:
Monteiro Lobato
Acadêmico:
MÁRIO PORFÍRIO RODRIGUES

CADEIRA
09

Patrono:
Rinaldo Gissoni
Acadêmico:
ANA MARIA STOPPA

CADEIRA
10

Patrono:
José de Anchieta
Acadêmico:
PADRE JORDÉLIO SILES LEDO

CADEIRA
11

Patrono:
Rocha Pombo
Acadêmico:
VAGA

CADEIRA
12

Patrono:
Herculano Pires
Acadêmico:
ANA CRISTINA SILVA ABREU

CADEIRA
13

Patrono:
Alberto Torres
Acadêmico:
MÁRIO DAL'MAS

CADEIRA
14

Patrono:
Álvares de Azevedo
Acadêmico:
JOSÉ BUENO LIMA

CADEIRA
15

Patrono:
Martins Fontes
Acadêmico:
VAGA

CADEIRA
16

Patrono:
Euclides da Cunha
Acadêmico:
CLÓVIS ROBERTO DOS SANTOS

CADEIRA
17

Patrono:
José de Alencar
Acadêmico:
JOSÉ CARLOS DONADÃO

CADEIRA
18

Patrono:
Judas Isgorogota
Acadêmico:
VAGA

CADEIRA
19

Patrono:
D. Aquino Correa
Acadêmico:
HUMBERTO DOMINGOS PASTORE

CADEIRA
20

Patrono:
Mário de Andrade
Acadêmico:
VAGA

CADEIRA
21

Patrono:
José Lins do Rego
Acadêmico:
VAGA

CADEIRA
22

Patrono:
Castro Alves
Acadêmico:
JOSÉ JÚLIO FERNANDES

CADEIRA
23

Patrono:
Tristão de Athayde
Acadêmico:
VAGA

CADEIRA
24

Patrono:
Alberto de Oliveira
Acadêmico:
JOSÉ ROBERTO E. XAVIER

CADEIRA
25

Patrono:
Vinicius de Morais
Acadêmico:
ALCIDÉA MIGUEL DE SOUZA

CADEIRA
26

Patrono:
Cecília Meireles
Acadêmico:
EVA BUENO MARQUES

CADEIRA
27

Patrono:
Jorge Andrade
Acadêmico:
VAGA

CADEIRA
28

Patrono:
Catulo da Paixão Cearense
Acadêmico:
JOÃO BOSCO DOS SANTOS

CADEIRA
29

Patrono:
Humberto de Campos
Acadêmico:
VAGA

CADEIRA
30

Patrono:
Augusto dos Anjos
Acadêmico:
GIOCONDA LABECCA

CADEIRA
31

Patrono:
Gonçalves Dias
Acadêmico:
VAGA

CADEIRA
32

Patrono:
Manuel Bandeira
Acadêmico:
CLAUDIO ROGÉRIO BRACO

CADEIRA
33

Patrono:
Amadeu Amaral
Acadêmico:
JOSÉ RAMOS VITORINO

CADEIRA
34

Patrono:
Carlos Drumond de Andrade
Acadêmico:
DANIEL BELUCCI CONTRO

CADEIRA
35

Patrono:
Plínio Salgado
Acadêmico:
VAGA

CADEIRA
36

Patrono:
Cora Coralina
Acadêmico:
SILMARA R. CASADEI

CADEIRA
37

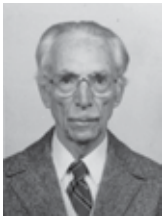
Patrono:
Afonso Schmidt
Acadêmico:
CELSO DE ALMEIDA CINI

CADEIRA
38

Patrono:
Mário Quintana
Acadêmico:
MARIA DO CÉU FORMIGA DE OLIVEIRA

CADEIRA
39

Patrono:
Casemiro de Abreu
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
40

Patrono:
Guimarães Rosa
Acadêmico:
PAULO DE SOUZA RAMOS

SÓCIO CORRESPONDENTE

ANTÔNIO ROBERTO DE CARVALHO

CARMEN LÚCIA HUSSEIN

FLÁVIO FERREIRA DE MELO

REVISTA TAMISES

SUMÁRIO

17 **Pronunciamento**

19 **Profissão de Fé Acadêmica**

21 **Atividades Realizadas pela Academia de Letras**

25 **Intercâmbio Revista Tamises 15**

27 Necrólogo

29 _ JORNAL LOCAL

32 ***Celso de Almeida Cini***
_ NECROLÓGIO PARA
DOMINGO GLENIR SANTARNECCHI

34 ***Eva Bueno Marques***
_ DESPEDIDA AO CONFRADE
DOMINGO GLENIR SANTARNECCHI

37 Textos

38 ***André Aparecido Bezerra Chaves***
_ OPOSTOS – Uma crítica literária acerca do
maniqueísmo na Magnum Opus de J.K.Rowling

43 ***Celso de Almeida Cini***
_ VI PANORAMA CULTURAL –
PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA

53 _ CRISE DA ACADEMIA SUECA – Escândalos 2018

57 _ ADIAMENTO DO PREMIO NOBEL
DE LITERATURA DE 2018

59 ***Maria Zulema Cebrian***
_ PICASSO – a personalidade artística predominante do século XX, um dos maiores gênios criativos de todos os tempos

69 ***Ana Cristina Silva Abreu***
_ O CASO DA PREGUIÇA

74 ***Flávio Ferreira de Melo***
_ DIVA DAS BRUMAS

83 ***José Bueno Lima***
_ BODAS
86 _ CHICO BENTO NA PEDRA BRANCA

88 ***João Bosco dos Santos***
_ NÍSIA FLORESTA

92 ***Eva Bueno Marques***
_ A PRESENÇA DA POESIA EM MINHA VIDA

98 ***Ana Stoppa***
_ PAZ - Semeia-se a paz de todos os dias

101 ***Humberto Domingos Pastore***
_ HISTÓRIAS QUE ESCREVI TOMANDO VINHO

106 ***Antonio Roberto de Carvalho***
_ O GPS MENTAL

110 ***Milton Bigucci***
_ A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO NA VIDA DO JOVEM
111 _ O RELACIONAMENTO COM OS JOVENS
113 _ PARA PENSAR

114 ***Clóvis Roberto dos Santos***
_ CRÔNICAS PEDAGÓGICAS

118 ***Agnaldo L. Sacramento***
_ CRÔNICA DE UMA BORBOLETA

121 Poesias

122 ***Rinaldo Gissoni*** *(IN MEMORIAN)*
_ LAGO DAS BRISAS
_ LE VASE BRISÉ
_ MEU RETRATO
_ MEUS ANTEPASSADOS

124 ***Gioconda Labecca***
_ DIAGRAMA
_ A SOLIDÃO RONDA MEU QUARTO
_ PERFEITA UNIÃO

126 ***Maria do Céu Formiga de Oliveira***
_ SOBRE A VIDA E O VERSO

130 ***José Roberto E. Xavier***
_ ATO DE CRIAÇÃO – Homenagem à mulheres
_ RENASCER

132 ***Ana Stoppa***
_ TÍTULO

133 ***Sebastião Geraldo Ferreira Gomes***
_ MATÉRIAS

135 ***José Ramos Vitorino***
_ NOVA ERA
_ ATO DE FÉ
_ TEM LÓGICA
_ C'EST FINI

137 Posse

138 DISCURSO DE APRESENTAÇÃO - ALCIDÉA MIGUEL DE SOUZA
Maria Zulema Cebrian

140 DISCURSO DE POSSE
Alcidéa Miguel de Souza

Pronunciamento

Maria Zulema Cebrian

Presidente da Academia de Letras da Grande Sao Paulo

A Academia de Letras da Grande São Paulo caracteriza-se pela qualidade específica de cultivar a evolução da cultura, na construção das letras, assegurando-nos que a literatura será mantida em sua mais honrada posição. Um ano consagrado a atividades intelectuais literárias e informativas com temas que foram relevantes em 2018. Orgulhamo-nos em possuir as características necessárias para oferecer engrandecimento cultural àqueles que creem que o saber deva ser o pilar sustentador da esperança do povo de uma Nação.

Baseados no propósito e empenho em elaborar e desenvolver projetos que permitam o crescimento da cultura, editamos a Revista Tamises 16 onde compilamos uma variedade temática, constituída a partir da demanda espontânea do trabalho de todos, que com sua persistência e determinação pulsam como coração desta Casa. Encontraremos trabalhos literários, científicos, informativos e poéticos, demonstrando a versatilidade e a criatividade no uso das letras, uma batalha incansável para que o trabalho da Academia de Letras da Grande São Paulo possa determinar grandeza de objetivos e persistência no crescimento intelectual.

A Academia de Letras da Grande São Paulo vem demonstrando a cada ano seu esforço na realização de trabalhos literários. Logramos atingir um novo Marco dentro desta nossa trajetória. Editamos a Primeira Antologia Literária que teve como tema *Moinhos de Vento*, uma viagem ao imaginário coletivo de cada um de seus autores. Trabalhos merecedores de atenção que estimulam o interesse pela leitura, brindando aos leitores momentos de enlevo com os temas apresentados.

As dificuldades que nosso País vem apresentando serviu de motivo para um empenho ainda maior em favor da cultura e divulgação da literatura.

Os artistas são sonhadores e sempre acreditam que há como transformar o mundo e a adversidade com dedicação e afinco; as letras nos permitem realizar esse sonho e transpor as dificuldades que a vida apresenta a todos.

A Revista Tamises 16 oferecer-lhes-á a vivência na arte de escrever, permitindo-lhes vislumbrar um mundo com alto grau de qualidade e exigência em prol do crescimento do leitor.

Uma vez mais PRO BONO ET BELLO foi nossa bandeira. Seguimos na busca incessante da direção correta, preservando a individualidade de cada autor que inseridos de maneira íntima e particular, foram partícipes desta trajetória.

Uma vez mais agradeço a todos os Confrades e Confreiras que contribuíram para que este trabalho pudesse ser realizado com tanto brilhantismo. T

Maria Zulema Cebrian
Presidente da Academia de Letras da Grande Sao Paulo

Profissão de Fé Acadêmica

POSSA A MINHA INTELIGÊNCIA
ESTAR SEMPRE A SERVIÇO
DO BEM E DO BELO

QUE O MEU TALENTO SIRVA
À PERFEIÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

QUE EU POSSA, SEMPRE, TRANSMITIR
MENSAGENS DE PAZ, AMOR E CONFIANÇA

ASSIM ESTAREI RECOMPENSADO
DOS MEUS ESFORÇOS

Atividades Realizadas em 2018

JANEIRO

A Academia de Letras da Grande São Paulo, ficou em Recesso.

FEVEREIRO

8 de fevereiro – A Academia de Letras da Grande São Paulo realizou a primeira Reunião Mensal do exercício de 2018. Foram apresentados os objetivos para o ano em curso e as providências administrativas e operacionais necessárias, objetivando realizações de importância literária focadas no engrandecimento da língua portuguesa.

MARÇO

12 de março – Conselho Fiscal da Academia de Letras da Grande São Paulo – ALGRASP, reuniu-se às 15h, em sua sede localizada à Av. Dr. Augusto de Toledo, 255, São Caetano do Sul, para análise do Balanço Patrimonial e Demonstrativo Anual das Receitas e Despesas, bem como o Demonstrativo dos Gastos com Recursos Próprios e com a Subvenção recebida da Prefeitura de São Caetano do Sul, Estado de São Paulo para o ano de 2017.

ABRIL

18 de abril – A Academia de Letras da Grande São Paulo – ALGRASP, em parceria com a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul e Nair Alves Duarte, recebeu a visita de vinte e seis alunos do 1º grau do Colégio Eduardo Gomes e sua professora, Vitória Oliva Perrich. A Presidente Maria Zulema Cebrian apresentou a importância e as diretrizes de uma Academia, brincando com as crianças que participaram e interagiram com muita alegria.

MAIO

24 de maio – A Academia de Letras da Grande São Paulo realizou Reunião de Diretoria, às 15h para discutir assuntos relativos a projetos do segundo semestre para o ano de 2018, e tratar da substituição do Tesoureiro Glenir Domingo Santarnecchi que ocupava a cadeira 31 cujo patrono era Gonçalves Dias, em virtude de seu falecimento, no dia 18 deste mês. Para o seu lugar foi nomeado Sebastião G. Ferreira Gomes que ocupa a Cadeira 01 cujo patrono é Gustavo Teixeira.

JUNHO

28 de junho – Reunião mensal. Balanço e confraternização pelo término do primeiro semestre do ano.

JULHO

26 de julho – A Academia de Letras da Grande São Paulo realizou Reunião de Diretoria, às 15h para discutir e deliberar a programação do segundo semestre.

AGOSTO

03 de agosto – Fabiana Cavalcante e Nair Alves Duarte da - Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul e a Academia de Letras da Grande São Paulo recebeu os professores do segundo grau para apresentação do Projeto Arte e Literatura que visa incluir os estudantes que prestarão vestibular.

23 de agosto – A Academia de Letras da Grande São Paulo – ALGRASP, foi convidada pelo Museu de Santo André a participar de Encontro Cultural: Santo André e suas Memórias, com palestra proferida pelo Acadêmico José Bueno Lima, que ocupa a Cadeira 14 cujo patrono é Alvarez de Azevedo. Houve intercâmbio cultural entre poetas e escritores que acudiram ao convite da Academia de Letras e do Museu de Santo André.

30 de agosto – Solenidade de Posse da Novel Acadêmica Alcidéa Miguel, que ocupará a Cadeira 25 cujo Patrono é Vinícius de Moraes.

SETEMBRO

15 de setembro – Lançamento do livro Isaac Schutemberg e os segredos do nazismo do Acadêmico André Bezerra que ocupa a Cadeira 06 cujo patrono é Machado de Assis.

25 de setembro, – Reunião de diretoria e com os Acadêmicos para e apresentação das chapas para a eleição para o Biênio 2019/2020. A eleição foi agendada para 22 de novembro.

OUTUBRO

25 de outubro – Lançamento da I Antologia Literária – Moinhos de Vento editada pela Academia de Letras da Grande São Paulo - ALGRASP.

NOVEMBRO

06 de novembro de 18 – XII Semana de Filosofia apresentação da palestra Confúcio, o filosofo chinês, apresentada por Sr. Alberto Amigo, diretor Presidente Nova Acrópole de São Caetano do Sul

22 de novembro – Eleição da nova Diretoria da Academia de Letras da Grande São Paulo.

29 de novembro – A Academia de Letras da Grande São Paulo realizou o lançamento anual da Revista Tamises 16.

DEZEMBRO

13 de dezembro – A Academia de Letras da Grande São Paulo realizou nesta data seu Jantar de Confraternização e encerramento das atividades de 2018.

Maria Zulema Cebrian
Presidente da Academia de Letras da Grande Sao Paulo

Intercâmbio

Revista Tamises n° 15

No ano de 2017 a **ACADEMIA DE LETRAS DA GRANDE SÃO PAULO,** através de intercâmbio cultural, divulgou sua revista T***amises nº 15*** com diversas Academias de Letras do Brasil, jornais, jornalistas, entidades de classe, e, visitantes.

Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, RJ;

Academia Paulista de Letras, São Paulo, SP;

Academia de Letras da Bahia, Salvador, BA;

Academia Paranaense de Letras, Curitiba, PR;

Academia de Letras do Vale do Iguaçu, União da Vitória, PR;

Academia de Letras de Rondônia, Porto Velho, RO;

ABEC-Academia Bras.Educ. Cult.Ltda., Rio de Janeiro, RJ;

Academia Amazonense Letras, Manaus, AM;

Academia Cachoeirense de Letras, Cachoeira de Itapemirim, ES;

Academia Carioca de Letras, Rio de Janeiro, RJ;

Academia Cearense de Letras, Fortaleza, CE;

Academia das Letras do Noroeste de Minas, Paracatu, MG;

Academia de Ciências e Letras de Conselho Lafaiete, MG;

Academia de Ciências e Letras de Maricá, Marica, RJ;

Academia Guanabarina de Letras, Riod e Janeiro, RJ;

Academia de Letras Ciências e Artes de Manaus, Manaus, AM;

Academia de Letras e Artes do Planalto, Luziânia, GO;

Academia Caxiense de Letras, Caxias, MA;

Academia de Letras do Brasil Mariana, Mariana, MG;

Academia Poços Caldense de Letras, Poços de Caldas, MG;

Academia Pouso-Alegrense de Letras, Pouso Alegre, MG;

Ateneu Angreense de Letras e Artes, Angra dos Reis, RJ;

Academia Fluminense de Letras, Rio de Janeiro, RJ;

Academia Santo-Angelense de Letras, Santo Ângelo, RS.

Nota: Recebemos de todas as Academias agradecimentos, revistas, jornais, e livros dos mesmos.

Jornal Diário do Grande ABC, jornalista Ademir Médici;
Jornal A Tribuna do ABC jornalista Antonio Júlio P. de Moraes;
Jornal ABC News;
Rudge Ramos Jornal;
Jornal Folha de São Caetano;
Jornal ABC Repórter;
Jornal ABCD Maior;
Jornal Folha do ABC;
Jornal Politika do ABC;
Jornal de São Caetano;
Jornal Giro ABC;
Jornal Hoje Jornal;
Jornal Gazeta de São Paulo;
Jornal O Estado de São Paulo;
Jornal Folha de São Paulo;
Jornalista Arnaldo Niskier, Jornal das Letras;
Jornalista Aníbal Cavalcanti;
Jornalista Umberto Del Maestro;
Jornal Ateneu Angreense de Letras;
Jornal Tribuna de Lavras;
Jornalista Ivis Gandra Marins;
Jornalista Márcia Dutra;
Neide B. Rego, Escritora e Jornalista;
Dr. William Mofitt, Academia dos Escritores Médicos;
Vencedores do último Concurso de Contos e Dissertações, promovido pela Algrasp;
Ong Sebo Cultural de Campanha.

Necrológio

Transcrito do *Jornal Local*,
Ano I - 4 de março de 2006.
*14 de agosto de 1944 — † 18 de maio de 2018

ENTREVISTA:
Glenir Santarnecchi, um comunicador nato

Domingo Glenir Santarnecchi é um dos profissionais da comunicação mais conhecidos da Grande ABC. Gaúcho de nascimento, ainda bem pequenino mudou-se com seus familiares para a região, vindo a residir inicialmente em São Caetano do Sul, em 1947. Posteriormente, fixou residência em Santo André.

O senhor nasceu no Rio Grande do Sul. Como veio parar em Santo André?

— Nasci na terra do Teixeirinha, na cidade de Passo Fundo, em 1944, filho caçula de uma família de oito irmãos. Meu pai, Dante Santarnecchi, era italiano da cidade de Lucca, onde aos 17 anos lutou na 1ª Guerra Mundial, vindo depois para o Brasil, para a cidade de Veranópolis, também no Rio Grande do Sul, onde conheceu Maria Pasquali, que se tornou sua esposa. Em 1947, a família veio para São Paulo, estabelecendo-se na cidade de São Caetano do Sul, quando ainda pertencia a Santo André.

Em que escolas o senhor estudou, quando chegou aqui?

— Fiz o curso primário no Senador Fláquer, no Bairro da Fundação. Cursei o Ginásio e o Clássico no Instituto Estadual de Ensino Coronel Bonifácio de Carvalho. Animado por uma professora de Português, passei a gostar de escrever e ler o que aumentou meus conhecimentos pela Língua Pátria. No ginásio fiz parte do Grêmio Estudantil 28 de Julho, onde projetava filmes no auditório e escrevia para o jornal da escola, o "Archote". Durante o curso Clássico montei, juntamente com outros dois colegas, um jornal estudantil, "O Iceberg". Prestei vestibular e fui cursar Direito na Universidade São Francisco, onde após graduar-me prestei exame na Ordem dos Advogados do Brasil, recebendo a carteira de advogado. Nessa época ingressei na Prefeitura de São Caetano como escriturário, no Serviço de Imprensa do Gabinete do Prefeito, permanecendo por 17 anos. Cheguei a Procurador Judicial. Atuei no Cerimonial da Prefeitura chegando a ser Chefe de Gabinete do Prefeito João Dal'Mas.

O que o levou para o mundo da comunicação?

— Depois de Cursar Especialização em Direito Administrativo, na PUC de São Paulo, fiz o Curso de Mestrado em Direito Civil, também na PUC. Ao mesmo tempo, ingressei, em 1965, como jornalista profissional, no Jornal de São Caetano, onde permaneci durante 12 anos e, até hoje, colaboro com diversos jornais e revistas da região do ABC. Por duas ocasiões atuei na Rádio Cacique de São Caetano: em 1963, em um programa estudantil e mais tarde, em 1974, quando era Chefe da Imprensa da Prefeitura, durante o governo do Prefeito Walter Braido, como repórter num programa noticioso, das 12 às 13 horas, narrando os principais fatos do dia ocorridos na Prefeitura e na cidade. As outras cidades da região também participavam.

E depois?

— Trabalhei na "ABC em Revista", fazendo cobertura nas televisões de São Paulo, de programas como a Jovem Guarda, Discoteca do Chacrinha, Festivais de Música Po-

pular Brasileira da Tv Record, o Fino da Bossa, Tropicália, Hebe Camargo, etc. atualmente faço parte do Conselho Editorial da Revista *Raízes* da Fundação Pró-Memória.

É verdade que o senhor também exerceu a docência?

— Sim. No Ensino Superior, fui Professor de Direito e Legislação Social, por dez anos, na Faculdade Paulista de Serviço Social de São Caetano, depois fui Diretor de Cultura e Extensão na Universidade do ABC (UNIABC) e mais tarde, Assessor de Imprensa da Faculdade Editora Nacional FAENAC.

E sua passagem pela televisão, como se deu?

— Com a instalação na cidade da TV São Caetano, fui um dos pioneiros apresentando o Programa "ABC Brasil", pelo Canal 45 UHF e Canal 14 da CANBRAS, hoje VIVAX, durante 13 anos. Só deixei a TV porque ela foi vendida para outro grupo. A partir de 2004, passei a apresentar um programa de televisão na Internet, denominado "Equilíbrio & Saúde" e depois "Equilíbrio & Informação", com entrevistas de profissionais da área médica e da comunicação, através da IT'S TV (www.itstv.com.br). Essa TV foi transferida para São Paulo.

E o Glenir pesquisador?

— Pesquiso e escrevo trabalhos sobre comunicação, que apresento anualmente nos Encontros Nacionais da Rede Alfredo de Carvalho e também nos Congressos Nacionais de Comunicação da INRTERCOM, que acontece todos os anos em diversas cidades do Brasil, em forma de rodízio. A cada dois anos, participo dos Congressos de História do Grande ABC que neste ano acontecerá em São Bernardo do Campo. Atualmente, estou escrevendo um livro sobre a vida de São Caetano Di Thiene, o Santo Padroeiro da cidade, cuja biografia vem sendo escrita e atualizada desde 1972. T

NECROLÓGIO PARA DOMINGO GLENIR SANTARNECCHI

Despedida Acadêmica

Celso de Almeida Cini

São Caetano do Sul, 19 de Maio de 2018

Querido e pranteado companheiro, irmão e Confrade, Acadêmico Domingo Glenir Santarnecchi.

Agora, já nenhum temor, nenhuma angustiosa sombra, nenhum mal físico, nenhuma dor poderá causar tristezas ou amarguras à sua alma benfazeja, amigo, ilustre colega de profissão, companheiro de lutas e de agradáveis e amistosas tertúlias.

Você foi sempre o irmão e amigo das horas mais agradáveis em nossa Academia, para todos e em tudo. E nosso convívio, por curto que tenha sido, valeu para todos nós, como graça que asperge bênçãos, alimenta nossa alma, aquece nosso coração, faz bem à nossa mente, acalenta e mantém nosso espírito fraterno.

Agora, você deposita sua alma e seu espírito nas mãos de Cristo para o julgamento final. Mas, suas qualidades e talentos, sua caridade e fidelidade, como homem, como esposo fiel, pai amoroso, zeloso profissional, escritor de talento criativo, amigo do bem e do belo e sua sinceridade pessoal como cristão reto e varão fiel, falarão alto e defenderão seu caráter idôneo, com seu modo humilde e glorioso de servir. Foi para isto que nascemos: para conhecer, amar e servir ao Pai Celeste, presente em cada semelhante com quem convivemos aqui na Terra.

Amigo Domingo Glenir Santarnecchi, agora já sabemos que a morte, não existe. Ela é apenas o nome que damos à porta de comunicação entre este vale de lágrimas e o mundo celestial eterno onde há muitas mansões à nossa espera e onde não se conhecem dores, nem tristezas, nem desamor, nem conflitos, nem vaidades, nem

vãs ambições. Para além dessa porta está o mundo da reconciliação, do perdão, do amor, onde nossos rompantes de vaidade cedem lugar ao bem, à bondade e ao belo verdadeiro que o Altíssimo concebeu para os eleitos, onde podemos frequentar academias celestes, onde se aprende o despojamento das coisas materiais que nos perseguem e sobrecarregam neste mundo de sustos e atropelos, onde os vivos se agitam em busca da paz.

A morte, nossa páscoa, nossa passagem é, portanto, meio e não fim. Único meio de transitar em direção à beleza da eternidade divina. É nossa travessia. Todos por aí passaremos, abandonando este mundo material que é efêmero. E ninguém e nada pode subtrair-nos a essa passagem. E sozinhos e despidos como viemos, sozinhos e despidos de todos os adornos, deveremos atravessar essa porta, para o retorno definitivo à eternidade.

Confrade Domingo Glenir Santarnecchi, que o Todo Poderoso ilumine a você, sua alma, seu espírito imortais e seu caminho com a sempre viva Luz Eterna que emana da face dele, Altíssimo Senhor!

Creia, Amigo e Companheiro Domingo Glenir Santarnecchi, logo mais você estará nos olhando lá do firmamento, pontilhado de estrelas, espalhadas pelo Criador para lembrança das efemérides do Universo que somos nós, criaturas dele. Somos a Arte Divina em forma de luz, depois de nosso passamento.

Um dia haveremos de fruir lado a lado dessa glória e juntos, relembraremos os grandes e bons momentos que desfrutamos aqui, o que nos unirá para sempre na Eternidade. Portanto, aqui fica o nosso até breve, confrade e amigo valoroso, Domingo Glenir Santarnecchi, até breve!

(Em seguida, faremos a chamada de todos os presentes e, por último, chamaremos três vezes o nome do Acadêmico falecido, Domingo Glenir Santarnecchi, quando todos juntos respondemos: Presente!) T

Celso de Almeida Cini
Cadeira 37 - Patrono Afonso Schimidt

DESPEDIDA AO CONFRADE DOMINGO GLENIR SANTARNECCHI

Eva Bueno Marques

Descanse em paz, companheiro das letras!

Agora as cancelas deste mundo se fecharam atrás de seus últimos passos.

O seu reto caminhar confiante e esperançoso da recompensa eterna, agora é um presente que se alojou numa embalagem especial e foi depositado nas mãos do Pai. A Ele pertence agora o seu destino, seu futuro de glória no Paraíso.

Goze de toda a beleza que lhe envolve, dessa luz fulgurante sem dores, sem tristezas, sem nenhuma preocupação. Todo seu tempo aí será para contemplação, para adoração ao Criador.

Tenha a paz dos justos, pois você foi um deles. Tenha o lugar dos eleitos, pois foi nomeado por Ele para caminhar no infinito do amor.

Seja a leveza do desprovimento total, sem o peso do corpo, sem as marcas das conquistas e vaidades terrenas.

Seja apenas a essência que se tornou sua alma depois de sua partida sem despedidas, que você não escolheu, mas foi ceifado para uma nova vida, a eterna, a verdadeira, a serena permanente estada entre os anjos na imensidão celestial.

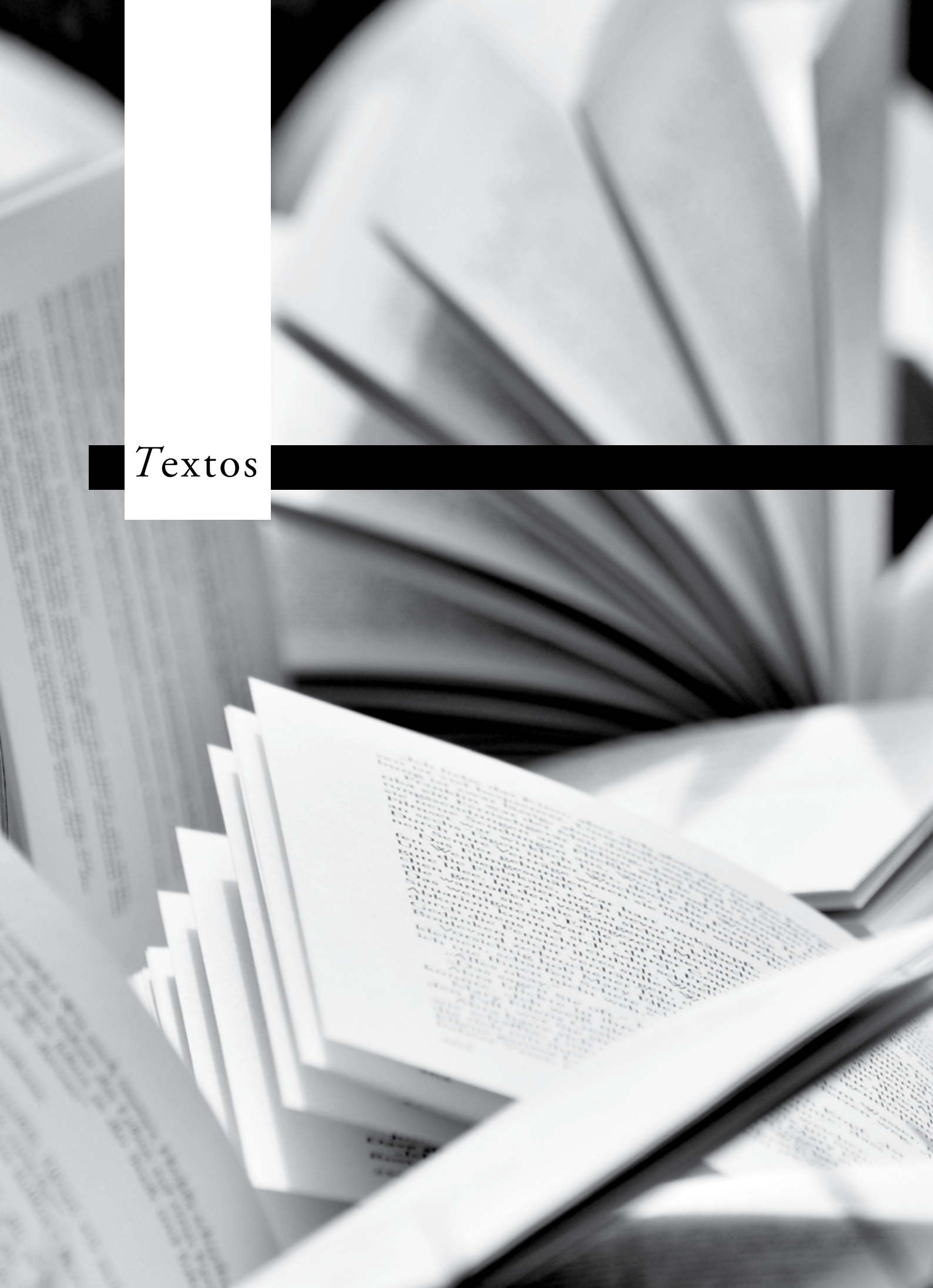
Por enquanto, resta a saudade de sua querida família, de seus amigos e confrades, a busca do consolo de todos nós, até o momento de nosso certeiro reencontro, a fim de nos unirmos para o gozo das maravilhas do céu.

Estará sempre em nossa lembrança com seu sorriso espontâneo, sua voz macia e seu trato gentil e amigo.

Até qualquer hora. Na certa apareceremos por aí. O céu é para todos e a nossa hora é tão certa como a grandeza de Deus.

Pai eterno, dai-lhe o perpétuo descanso entre os resplendores da Luz Eterna. T

Eva Bueno Marques
Cadeira 26 - Patrono Cecília Meireles



*T*extos

OPOSTOS

Uma crítica literária acerca do maniqueísmo na *Magnum Opus* de J. K. Rowling

André A. Bezerra Chaves

Determinada a conseguir publicação do original datilografado de seu livro infanto-juvenil pioneiro, *Harry Potter and the Philosopher's Stone*, finalizada sua escrita em 1995, Joanne Rowling (que assina J. K. Rowling) percorreu tantas casas editoriais quanto recebeu respostas negativas. A ousadia empreendedora veio com o editor Barry Cunningham da Bloomsbury Publishing Plc que publicou os primeiros mil exemplares em meados de 1997 (metade distribuídos à bibliotecas).

Dois decênios depois, a saga completa das aventuras da personagem Harry Potter foi publicada em setenta e três países e passou de quatrocentos e cinquenta milhões de exemplares vendidos. Genuíno fenômeno de vendas pela admirável qualidade da trama — que seduziu leitores de todas as idades — e — pelo valor inestimável à humanidade — por despertar a cultura literária em inúmeras pessoas, entre crianças, jovens e adultos em todos os continentes.

Adaptadas para o cinema em oito filmes e uma peça de teatro, os direitos autorais renderam para a autora fortuna avaliada em mais de quinhentos milhões de libras. Vultoso incentivo para continuar sua carreira como literata.

Embora o enredo quase epopeico fosse capaz de manter entusiastas ao universo de Harry Potter após o encerramento do projeto (sete livros, um para cada ano vivido pela personagem protagonista na *Hogwarts School of Witchcraft and Wizardry*), quem ler atentamente os livros perceberá estreita relação entre trama e existência de opostos radicais.

Prática comum entre escritores, a existência de opostos (protagonista e antagonista) facilita o desenvolvimento do enredo, bem como o entendimento da trama e o envolvimento dos leitores. Não obstante, deve-se atentar ao modo como essa prática pode criar ou consolidar princípios ideológicos. Destaco, no caso da saga em questão, o maniqueísmo.

Seu conceito inicial remonta ao século III da Era Cristã, quando formou-se enquanto doutrina dissidente do decadente Gnosticismo. Foi arquitetada pelo pensamento do profeta Mani, Manes ou Maniqueu, nascido em 216 em Nahar-Kouta (Babilônia), morto no ano de 277 em Bendossadora (Império Sassânida). Suas ideias sincretizavam elementos do zoroastrismo, hinduísmo, budismo, judaísmo e cristianismo. Tiveram aceitação popular na Antiguidade Tardia por algumas extensões geográficas da Pérsia, Índia, China, Turquestão, Síria, Sibéria, Egito, Cartago e Roma.

Acreditava que o mundo fosse conduzido segundo princípios opostos: luz e trevas, bem e mal, verdade e mentira, certo e errado, entre outros conceitos radicalmente opostos, em constante luta. Tudo seria explicado por tais oposições, do momento da criação, continuado nos valores morais e ética do homem, até o fim dos tempos.

Entre os seus mais enfáticos críticos destacam-se os cristãos Santo Agostinho e Bispo Evódio de Uzala (no século IV), os cristãos gregos Severo de Antioquia, no século VI e João Damasceno, no século VIII, o filósofo neoplatônico convertido ao cristianismo Mario Victorino, no século IV, os sírios Santo Éfrem, no século IV e o Bispo Teodoro Bar Kõnai de Kashkar, no século VII, os historiadores árabes islâmicos Kjahiz, no século IX e Ibn al-Nadim, século X, além do escritor árabe Al-Nadim. Condenada pela Igreja Católica como facção herética em vários sínodos desde o século IV, subsistiu na mente e no coração de diversos seguidores até os momentos terminais da Baixa Idade Média.

Passadas as eras da História, o conceito de maniqueísmo tornou-se utilizável para designar qualquer pessoa,

doutrina ou grupo que divide o mundo em aspectos opostos incompatíveis ou irreconciliáveis.

Conexão clara encontra-se em vários momentos da saga de Harry Potter. Contudo, três momentos demonstram que seus aspectos precisam ser cautelosamente observados e inquiridos. O primeiro é o mais evidente. A segmentação entre Harry Potter e seus seguidores, representantes da luz, bondade, verdade, o que é certo, e Lord Voldemort e seus partidários, representantes das trevas, maldade, mentira, o que é errado. O grupo de Harry Potter deseja manter o *status quo* da vida moral e legal do mundo da magia. Evidência disso é a existência de uma disciplina em *Hogwarts School of Witchcraft and Wizardry* chamada *Defense Against the Dark Arts*; outra é a organização da *Dumbledore's Army*, agremiação que depois restaura a *Order of the Phoenix*, grupo que não vê outra possibilidade de existir paz e harmonia no mundo dos bruxos sem o aniquilamento dos *Death Eaters*, exército que serve a Lord Voldemort, como também a destruição deste. Irreconciliáveis grupos que almejam manter a ordem política — algo próximo à república parlamentarista — ou transformá-lo completamente — na direção de uma ditadura fascista ou totalitária.

Dele deriva o segundo momento: a discriminação que Lord Voldemort e seus *Death Eaters* fazem aos bruxos que não são filhos diretos de outros bruxos porque possuem ascendência *Muggle*, classificando-os como *mudblood*. Inicia-se com violência verbal constante na saga (como as menções feitas com frequência por Draco Malfoy a Hermione Granger de maneira pejorativa), chega à violência física (excisão que Beatriz Lestrange infringe a Hermione Granger ao escrever *mudblood* em seu braço) e finalmente à destruição (assassinato da professora de *Muggles Estudies* Charity Burbage, por defender a convivência pacífica entre bruxos e *mudbloods* em artigo no *Daily Prophet*).

Por fim, o terceiro momento aparece na imediata apresentação do enredo no livro *Harry Potter and the Philosofer's Stone*. O bebê Harry Potter tem os pais — Tiago e Lilian Potter — assassinados pelo bruxo Lord Voldemort

no mundo mágico, existente entre o real e o transcendental. É levado por bruxos amigos do casal para uma casa na cidade fictícia Litte Whinging, condado de Surrey, sul de Londres, a fim de ser adotado pelos tios — Válter e Petúnia Dursley — e viver junto ao primo — Duda. Em seu aniversário de onze anos, recebeu cartas de convocação para a *Hogwarts School of Witchcraft and Wizardry*. Seus tios não autorizam sua partida, até que o bruxo Rúbeo Hagrid, um dos que o deixou há uma década, vem para levá-lo. Diante de acalorada discussão sobre a autorização ou não da partida do jovem bruxo, Hagrid dispara: *I'd like to see a great Muggle like you stop him*. Os bruxos, superiores aos seres humanos pela capacidade de realizar feitiços e longevidade, interagem de maneira restrita; no entanto, basta uma oposição à sua vontade (mesmo que tal vontade expresse direito sustentado sobre regras morais ou jurídicas dos humanos) eles podem usar de sua natureza superiora para fazer valer sua vontade. Em outras palavras, há certas regras morais e legais entre os bruxos que, uma vez ameaçadas ou desfeitas, podem impor tirania sobre os humanos. É por isso que os denominam *muggles*, "trouxas", termo pejorativo para qualificar pessoas que são facilmente iludidas ou ludibriadas, tolas, inferiores em algum aspecto.

Quando Antônio Cândido de Mello e Souza observa que a literatura, enquanto arte, sofre interferência do meio cultural em que é criada, levando para sua constituição valores até inconscientes do mundo social, capazes de serem identificados no enredo a partir de seus traços simbólicos, deseja que percebamos a experiência dialética segundo a qual os valores de uma sociedade podem transparecer inconscientemente no discurso literário construído em determinada época.

Não é crível que Joanne Rowling tivesse intenção consciente de colocar em confronto irreconciliável lados políticos opostos para um enfrentamento definitivo, mas é uma escritora do seu tempo que, inconsciente, enxerga a solução de muitos problemas baseados na exclusão. É a tradicional fórmula literária que coloca em luta permanente o bem contra o mal, no qual apenas o vencedor, quase sempre o representante da luz, permanecerá.

Ao longo da história das sociedades, a convivência entre os seres humanos, ou seja, uns com outros, nem sempre foi pacífica. A intolerância se manifestou de diversas maneiras: de gênero, de etnia, de geração, de orientação sexual, de padrão físico estético, de religião ou religiosidade etc. Muitos conflitos foram e ainda são travados em nome de uma determinada ideologia ou de outra. A intolerância de qualquer natureza para com o outro gera a discriminação, o preconceito, o conflito, a violência e a guerra. Divergências resolvidas desse modo são, antes de tudo, antidemocráticas. Isso foi inspiração para inúmeros escritores de ficção.

O princípio da ética permeada pela tolerância e pela alteridade é o respeito ao diferente, ao outro. Surge como principal instrumento de contato o diálogo, instante de interação e educação, capaz de provocar reflexão e libertar para a construção de uma sociedade mais solidária. Somente uma prática comprometida com a diversidade de seus sujeitos e situações pode levar à consolidação de uma realidade em que todos alcancem realização espiritual e material, criando a verdadeira cultura da democracia, um estado sociopolítico e econômico de justiça e paz.

Contribuição significativa é dada quando mais um título literário é lançado. O escritor tem a liberdade de criar do soneto apaixonado à poesia concreta, da crônica rasgada à peça tragicômica, do conto intenso ao romance imprevisível, explorar o universo de possibilidades que a literatura oferece. A História nos conta que assim o faz independente do contexto em que vive e como parte do mundo no qual se insere.

Com efeito, quanto o escritor precisa estar atento à sua literatura para refrear exegeses tóxicas sobre o enredo que criou? A resposta está no íntimo de cada um: é na alma que o escritor carrega os valores emocionais imanentes do coração transformados em obra literária a partir da arquitetura racional de seu conhecimento.

André A. Bezerra Chaves
Cadeira 6 - Patrono Machado de Assis

VI. PANORAMA CULTURAL

Prêmio Nobel de Literatura

Celso de Almeida Cini

Dando continuidade ao ensaio sob o título acima, sobre particularidades dos *Prêmios Nobel de Literatura*, oferecemos, nesta Tamises 2018, a quarta parte, sempre com base na obra do jornalista, Ludenbergue Góes (Todos os Ganhadores do Pêmio Nobel de Literatura de 1901-2010). Neste artigo, damos uma visão sobre a concessão para a agraciada, **Doris Lessing**. No final, fugindo um pouco destes focos, ousamos examinar e comentar a perspectiva da concessão do Prêmio a literatos brasileiros.

Repercussão do Nobel de Literatura de 2007.
A premiada mais idosa!

Ao receber a notícia de sua premiação, a provecta escritora, **Doris May Lessing**, ficou exultante*: "*Já ganhei todos os prêmios da Europa; todos, sem exceção. Estou encantada! É um *royal flush.",* bradava ela aos jornalistas, diante dos portões de sua casa, em Londres.

Mas, eis que a pequenina idosa laureada, depois de alguns meses daquela euforia, passou a queixar-se de que "o prêmio Nobel foi um maldito desastre*!".* Depois dele, o assédio da imprensa não mais lhe dera sossego, consumindo seu tempo, incomodando-a muito e impedindo-a de voltar a escrever com a calma e tranquilidade a que se habituara, roubando-lhe inclusive a energia para trabalhar! Doris Lessing foi a décima primeira mulher, (e a pessoa

mais idosa: contava 88 anos!), a receber a cobiçada láurea do Nobel de Literatura. Ela viveu mais seis anos após receber a premiação, tendo falecido em Londres, em 17 de novembro de 2013, aos 94 anos! Vida longa e muito produtiva. Personalidade temperamental.

Na verdade, meio século antes, 1962, Doris Lessing lançara a obra que garantiu seu maior sucesso: *O Carnê Dourado* (*The Golden Notebook*), considerado pela crítica um clássico feminista, que influenciou e inspirou a grande geração de feministas, no ocidente. Por isto, a Academia Sueca destacou-lhe a epígrafe: "O crescente movimento feminino viu a obra como um trabalho pioneiro que pertence a um conjunto de livros que dão a visão das relações homem-mulher no século XX." (reconhecido como a *guerra dos sexos*). A autora, entretanto, divergia desse entendimento, considerando-o incorreto! Mas, a marca ficou!

Segundo a Academia Sueca, Doris Lessing venceu a eleição para o Prêmio Nobel de Literatura 2007, aclamada pelo Secretário Geral sob a avaliação de "autora de épicos sobre a experiência feminina, que, com ceticismo, fervor e poder visionário, sujeitou uma civilização dividida ao escrutínio" e recebeu sua aclamação pública, porque sua obra tem muito de universalidade, grandeza de espírito e humanismo. Particularmente, lemos com muito agrado o *Diário de Uma Boa Vizinha,* obra carregada de sensibilidade humanitária e muito original.

Entretanto, Doris Lessing, escreveu mais de 50 obras, entre romances, livros de contos, peças teatrais e duas óperas. Levando-se em conta os temas dessas obras de ficção, é possível dividi-las em três fases distintas: *comunista* (1944-1956); *psicológica* (1957-1969) e *sufista* (1970-2000). A última, entendida como "um misticismo árabe-persa que sustenta que o espírito humano é emanação do divino que se esforça para reintegrar-se à origem".

Naturalmente, a Academia Sueca procura justificar sua vitória na conquista do Nobel, afirmando que "Lessing mesclou alta literatura com as mais populares formas, como ficção científica e empregou ousadamente estranhas combinações de tempos, perspectivas, alegorias e naturalismo, numa tentativa de acesso ao que via como

a mais profunda realidade do misticismo, sonhos e até loucura". Seus temas centrais, além do feminismo, foram a guerra dos sexos, a busca da plenitude pessoal e os perigos da tecnologia e dos excessos científicos", como acentua, Ludenbergue Góes em sua obra já citada, e comentários editados na Wikipedia, divulgada pela Internet. A crítica em geral não lhe foi tão favorável. O crítico literário americano, Harold Bloom definiu a decisão da Academia Sueca "como políticamente correta, ainda que a senhora Lessing no começo de sua carreira tenha tido algumas qualidades admiráveis, penso que seu trabalho nos últimos 15 anos é um tijolo (!)... ficção científica de quarta categoria." Já, o alemão, Marcel Reich Rannicki, considerou a concessão do Nobel de 2007 como uma "decisão decepcionante", porque a língua inglesa tem escritores mais importantes e mais significativos, como John Updike ou Philip Roth. Umberto Eco, autor de *O Nome da Rosa*, comentou: "É estranho que um autor de língua inglesa venha a ganhar o prêmio tão pouco tempo depois do inglês, Harold Pinter, em 2005". Praticamente, em todas as concessões do Nobel, há críticas contrárias. Enfim, alguém já externou, certa vez o pensamento de que, "a unanimidade nas decisões coletivas, é considerada 'burra'"(!). Mas, contra os despeitados e insatisfeitos, contrapõem-se os dezessete prêmios internacionais, acumulados pela provecta escritora, ao longo de sua carreira: O *Somerset Maugham Avard* (1954); o *Prix Médice Étranger* (França (1976); o *Osterreichis Literatur* - Áustria (1981); o *Shakespeare* - Hamburgo (1982); o *W.H.Smith Literary* (1986); o *Palermo Prize* (1987); o *Prêmio G. Cavour* - Itália (1989); o *Prêmio Internacional Mondello* (1987); *James Tait B.Memorial Prize* (1995); *Prêmio Internacional da Catalunya* - Espanha (1999); o *Los Angeles Times Beck Prize* (1995); o *Order of the Companions Honour* (1999); o *Royal Society Comp.of Literature* (2000); o *David Cohen British Prize* (2001); o *Príncipe das Asturias* (2001); o *Dupont Golden Pen* (2002). E, o mais cobiçado, o *Nobel de Literatura* (2007)! As premiações de: França, Áustria, Alemanha, Itália, Espanha, EUA, Inglaterra e Suécia, são a resposta viva contra qualquer julgamento negativo, de um que outro crítico, isolado!

Biografia de Doris Lessing -
Vida agitada de jovem rebelde

A escritora, nasceu em Kermanshah, no Curdistão do Irã, antiga Pérsia, em 22 de outubro de 1919 e foi oficialmente batizada como *Doris May Tayler*, filha do Capitão Alfred Tayler e de sua mulher, Emily Maude Mc Veagh Tayler, ambos cidadãos britânicos, nascidos na Inglaterra. O pai de Doris perdera uma perna durante sua participação na Grande Guerra (1914-1918) e durante sua convalescença, conheceu sua futura esposa, Emily, então enfermeira no Royal Free Hospital de Londres. Após o fim da guerra, o Capitão Alfred Tayler, que era bancário, aceitou um emprego no Imperial Bank of Persia, banco britânico que operou como Banco Central do Irã, entre 1889 e 1929, por concessão do governo iraniano, para onde o casal Tayler mudou-se. Doris, nasceu lá, em 1919, onde viveu até os seis anos de idade. Em 1925, ao terminar a comissão de serviço do pai, a família Tayler mudou-se para a colônia britânica da Rodésia do Sul, hoje Zimbabwe, onde Alfred havia adquirido uma propriedade rural, pretendendo cultivar milho e tabaco. Mas, a fazenda não prosperou.

Doris May Tayler foi educada na Escola Secundária do Convento Dominicano de Salisburia, uma escola confessional, só para moças, de freiras dominicanas. Doris jamais gostou do ambiente escolar, das irmãs dominicanas, não se adaptando. Além disso, a Doris adolescente era rebelde e mantinha um conflito permanente com sua mãe, fato que a levou a abandonar a escola aos 13 anos, tornando-se uma genial autodidata em toda a sua formação posterior. Com o agravamento do conflito entre mãe e filha, Doris abandonou também a casa paterna, passando a trabalhar como ajudante de ama, tomando conta das crianças de uma família. Por essa época já se tornara leitora assídua e lia livros sobre política e sociologia que lhe eram emprestados por seus patrões, tendo iniciado a escrever.

Em 1937, aos 18 anos, mudou-se para Salisburia, para trabalhar como telefonista. Aos 20 anos, em 1939, casou-se com Frank Charles Wisdom, com quem teve

um casal de filhos. Mas, o casamento não duraria e, em 1943, o casal separou-se, ficando as crianças com o pai. Após o divórcio, Doris foi atraída para o Clube do Livro Esquerdista, um círculo de leitores de inspiração comunista, onde encontrou seu segundo marido, o alemão Gotfried Lessing, com quem casou-se em 1945. O casal teve um filho, Peter Lessing, antes desse casamento acabar em novo divórcio, em 1949, quando Doris Lessing, com 30 anos de idade, mantendo o sobrenome Lessing, do ex-marido, decidiu partir para Londres, levando seu filho e adotando a cidadania inglesa. Seu ex-marido, Gottfried Lessing, viria, após a Segunda Guerra, a ser nomeado embaixador da República Democrática Alemã, (então sob o comando da Rússia), em Uganda, onde foi assassinado em 1979 durante a rebelião contra Idi Amin Dada.

Uma vez fixada residência em Londres, Doris Lessing publica seu primeiro romance, *A Canção da Relva*, em 1949. Era o início de uma longa e profícua carreira literária, ao longo de mais de 60 anos, durante os quais a escritora seria conhecida em todo o mundo como feminista, enquanto ela própria insistia em afirmar que sua literatura não tinha essa inclinação, nem tal finalidade! Na verdade, suas obras não escondem profundas ideias feministas!

Há esperanças do Nobel de Literatura para o Brasil?

E quanto ao sonho de termos, entre os luminares escritores, poetas e intelectuais, do Brasil, alguém que se destaque e possa vir a merecer e vencer um Prêmio Nobel de Literatura? Há muito pensamos nisso. Essa a razão que nos levou a devotar-nos em conhecer melhor tudo e todos, a respeito do Prêmio Nobel de Literatura: os que o criaram e os que conquistaram essa importante láurea, que distingue e destaca escritores, poetas, historiadores, teatrólogos, filósofos e até músicos letristas, (como Bob Dylan, o roqueiro norteamericano premiado com o Nobel de Literatura de 2016!) e outros luminares da palavra escrita, que honram os países onde nasceram.

É, sem dúvida, ofício muito agradável e fascinante a tarefa de conhecer tudo e todos os envolvidos que

respondem pelo julgamento e pela escolha do vencedor do Prêmio Nobel de cada ano, assim como a vida do premiado e, mais ainda, o conteúdo original da obra que o vencedor criou, conseguindo apresentar a obra idealista, de caráter universal além de receber rica premiação em espécie, a que fez jús.

Infelizmente, as decepções e a sensação de injustiça são inevitáveis e frequentes. Isto porque o Nobel de Literatura é apenas um por ano e, a Academia Sueca, que o concede, mercê dos votos de uma comissão composta por seleto grupo de pessoas de notável saber cultural, que estuda as obras e seus autores e decide secretamente a escolha do vencedor, entre cinco finalistas, é muito severa. Por princípio, não há concessão do prêmio postumamente, conforme condição de Alfred Nobel, o criador dos Prêmios Nobel. Entretanto, tem sido grande o número de dois premiados no mesmo ano, para a mesma categoria, prática considerada saudável.

Poderíamos, então, alimentar a esperança de ver indicações bem sucedidas, de algum escritor brasileiro – que ostente talento universal, verdadeiramente capaz de enfrentar e vencer adversários de altíssimo valor, para merecer tão nobre e elevada premiação literária? Esperança existirá sempre. Resta-nos aguardar o aparecimento do gênio! Porque, até agora...

Dos Autores brasileiros e obras dignas de indicação para o Nobel

Na verdade, o Brasil, secundado e apoiado pela França, chegou a fazer a indicação do nome de João Guimarães Rosa, após a publicação da original e notável obra, *Grande Sertão, Veredas,* que mostra um "cunho idealista universal" ao tratar, de modo rico e habilidoso, da discussão sobre *a existência, ou não, do diabo* em sua longa e original narrativa. O *grande sertão* é o universo e a discussão sobre a existência ou não do diabo, tem alcance e caráter universal. A idéia roseana, tratada por gente simples, sertanejos, gente acostumada a enfrentar a natureza áspera e difícil do sertão, mostrou colocações de

boa aceitação, além do envolvimento por uma linguagem coloquial rebuscada, com toques e requintes de antiguidade a oferecer foros de maior legitimidade ao discurso.

Ainda quando não conseguisse nos primeiros anos, lá manter-se-ia indicado, ao julgamento da Academia Sueca, como ocorreu com vários indicados que foram premiados bem depois da indicação originária. Poderia acontecer, sim, mas o destino cruel privilegiou a finitude da vida e, infelizmente, a morte precoce de João Guimarães Rosa, em novembro de 1959, dois dias após seu acolhimento como membro da Academia Brasileira de Letras, sepultou nossa rara, mas bem fundada esperança. Como dito, a Academia Sueca não premia postumamente! Somente o faz a autores vivos, no exercício de sua arte... ainda que em idade provecta, como foi o caso de Doris Lessing, aos 88 anos. Além de Guimarães Rosa, valeria a pena lembrarmos de Machado de Assis, autor brilhante *que pesquisou e discorreu, em seus romances e numerosos contos, sobre a grandeza e mesquinhez da alma humana*. Reunia possibilidades para uma indicação, pela profundidade com que tratou os temas, inclusive da loucura, nas *Memórias Póstumas de Braz Cubas*, pois viveu até 29 de setembro de 1908 e a distribuição do Prêmio Nobel de Literatura tivera início em 1901. A oportunidade ocorreu, mas não cremos que tenha havido alguma iniciativa dessa indicação. Naquela época havia concorrentes como Tolstoi (falecido em 1910), autor de *Guerra e Paz*, e muitos literatos franceses importantes, além de outros, europeus de grande prestígio no cenário literário universal. Mas, assim como Machado de Assis, muitos outros nos deixaram. A finitude da existência vai podando valores extraordinários, embora a obra do extinto permaneça, como legado, para enriquecer o patrimônio literário e cultural da pátria e do mundo!

Também seria digna de destaque a obra notável de Érico Veríssimo, gaúcho eclético, autor de uma obra extensa, com virtuosas narrativas didáticas como *Viagem à Aurora do Mundo*, e aventuras de ficção, tais como, *Olhai os Lírios do Campo*; a notável recriação da história do Rio Grande do Sul, na grande trilogia épica gaúcha, *O Tempo e o Vento*, englobando *O Continente*, *O Retrato*

e *O Arquipélago*. Veríssimo escreveu, ainda, *Incidente em Antares*. Foi premiado por *Música ao Longe, Caminhos Cruzados* e a sátira política, *O Senhor Embaixador*. Livros de viagem foram, *Gato Preto em Campo de Neve*, *A volta do Gato Preto* e *Israel em Abril*. E livros infantis: *As Aventuras de Tibicuera*, *O Urso Com M*úsica na *Barriga*. Sua última obra foi *Solo de Clarineta*. Também Érico Veríssimo nos deixou sem que houvesse iniciativa da indicação de seu nome para o Nobel ou até pode ter sido indicado, mas sem sucesso.

Mais recentemente, tivemos um sério cadidato ao Nobel de Literatura. Realmente é importante destacar a magnífica obra do notável autor regional, nordestino**,** Jorge Amado**,** realmente merecedora de grandes premiações. Aliás, ele foi distinguido, em 1998, com o título de doutor *honoris causa*, pela Universidade de Sorbone, na França, pelo conjunto da obra.

Trata-se de autor profícuo, realista. Seus romances guardam ingredientes afrotupiniquins, tropicais, fortes e muito sensuais. O uso de termos regionais do submundo é abundante e aplicado com muita graça e espiritualidade. Em todas as obras a sensualidade tropical impera, trazidas com sua notável arte, ao lado das lutas camponesas. Sua narrativa vigorosa não faz concessões à hipocrisia. Como político, denota inclinação esquerdista. De fato: onde a pobreza encanta, o comunismo impera... Mas, depois da divulgação de genocídios no governo de Josef Stalin, foi grande sua frustração pelo Marxismo-Leninismo.

Estreou com o romance *O País do Carnaval*, 1930, aos 19 anos. Em seguida publicou *Cacau*, mostrando a realidade humana e social que aliás aparece em quase todas as suas obras. No ciclo de romances urbanos aparecem *Suor, Jubiabá, Mar Morto e Capitães de Areia*. Em 1945, elegeu-se constituinte pelo PCB, e em 1946 escreveu *Seara Vermelha*. Após cassação do seu mandato comunista, em 1947, viajou para a Europa e a Ásia. Ao retornar escreveu *O Mundo da Paz*, 1950, depois de *Subterrâneos da Liberdade*, 1947. Em 1955 assumiu a direção do semanário carioca, *Para Todos*. Antes dos anos 1960, apareceu *São Jorge dos Ilhéus*. Em 1958 publicou o notável *Gabriela, Cravo e*

Canela, adaptado como seriado de grande sucesso pela TV. *Velhos Marinheiros*, 1962, *Os Pastores da Noite*, 1964, *Dona Flor e seus dois Maridos,* 1966, *Tieta do Agreste*, 1977, *Farda, Fardão, Camisola de Dormir*, 1981. Em 1984 aparece *Tocaia Grande, outra* obra de primeira grandeza. Em 1990 recebeu o prêmio Cino del-Duca. *A Descoberta da América pelos Turcos*, 1994, *Compadre de Ogum,* 1995, *Tereza Batista, Cansada de Guerra*. O notável romance, *Tieta do Agreste que* foi adaptado para o cinema por Cacá Diegues. Jorge Amado foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, em 1999. Casou-se com a célebre escritora paulista, Zélia Gatai, que o sucedeu na Academia Brasileira de Letras, após sua morte em 2001. Nosso Jorge Amado merecia indicação ao Nobel pelo brilhante conjunto da obra que destaca a grandeza das coisas menores da vida comum, sofrida e difícil, do nordestino brasileiro, exposta com arte incomum, rara e preciosa.

Na poesia, destacaríamos particularmente a genialidade da obra de Cecília Meirelles, de Guilherme de Almeida, de Castro Alves entre outros poetas.

Agora, merece-nos especial citação, o poeta paulista, Paulo Bonfim, nascido em São Paulo, ainda vivo e digno de uma indicação ao Prêmio Nobel de Literatura. Vários poetas cantaram a Cidade de São Paulo, mas poucos o fizeram como o paulistano, descendente de Bandeirantes, Paulo Bonfim. Ele, que nasceu na capital paulista, em 30 de setembro de 1926 e já completou 90 anos. Conviveu com Guilherme de Almeida, Ibrahim Nobre, Alfredo Ellis Junior e muitos outros vultos da cultura paulistana.

Sua obra é também prolífica. Seu livro de estreia foi *Antonio Triste*, Prêmio Olavo Bilac, da Academia Brasileira de Letras. Tenho um exemplar, autografado pelo autor, em 03 de outubro de 1962. A primeira edição fora publicada em 1947. Outras publicações se seguiram: *Transfiguração*, 1951; *Relógio de Sol*, 1952; *Cantiga de Desencontro* e *Poema do Silêncio*, 1954; *Armorial,* 1956 – sobre o bandeirismo paulista, em 1956 (em comemoração ao quarto centenário da cidade de São Paulo); *Quinze Anos de Poesia* e *Poema da Descoberta,* 1958; *Sonetos*, 1959; *Colecionador de Minutos*, 1960; *Ramo de Rumos*, 1961; *Antologia Poética*, 1962;

Sonetos da Vida e da Morte, 1963; *Tempo Reverso*, 1964; *Canções*, 1966; *Calendário,* 1968; *Poemas Escolhidos*, 1973; *Praia de Sonetos*, 1981; *Sonetos do Caminho*, 1983; *Súdito da Noite*, 1992; *Sonetos*, 2000 (edição portuguesa); *50 Anos de Poesia*, 1998 e *Aquele Menino*, 2000.

Suas obras foram traduzidas para o alemão, o francês, o inglês, o italiano e o espanhol (castelhano). Ingressou, por eleição, na Academia Paulista de Letras, em 1963. Em 1981 foi eleito O *Intelectual do Ano* pela União Brasileira de Escritores, conquistando o troféu Juca Pato. Em 1991, recebeu o título de *Príncipe dos Poetas Brasileiros*, outorgado pela Revista Brasília e o Prêmio *Obrigado São Paulo*, da TV Manchete. Recebeu da UBE, no Rio de Janeiro, o Prêmio pelos 50 anos de Poesia. Hoje, tem um pequeno programa intitulado *Caminhos da Memória*, na Emissora da Rádio Cultura (Fundação Padre Anchieta de São Paulo), às 10 e às 18 horas, todas as quintas-feiras, quando declama uma saudosa crônica semanal. Paulo Bonfim é, sem dúvida, forte candidato a uma indicação para o Nobel de Literatura. Mas, dado à sua idade avançada, pode não ter muito mais tempo para receber tal premiação.

A esperança não impede o justo desabafo sobre nossos erros

Pessoalmente, expresso convicta admiração ao venerável Prêmio Nobel de Literatura, mas, também acalento a esperança - só o desejo fervoroso - de que, um dia, possa, o Brasil, ver indicados talentos que se mostrem dignos de merecer, não só a conquista do Prêmio Nobel de Literatura mas, igualmente, que haja avanços e destaques entre cientistas e sábios do nosso País, que permitam indicações às demais categorias premiadas pelo Nobel: os luminares da Medicina (ou Fisiologia), da Física, da Química, das negociações para a Paz e, por via indireta, também da Economia, pois esse fato estaria refletindo o esforço sincero e correto de nossos governantes para que o povo brasileiro se capacite cada dia mais tecnológica e espiritualmente e revele grandes talentos pátrios, levando-nos a alcançar, como tantos povos nos demais países do mundo, a séria evolução de todos os índices que medem a

primazia da elevada qualidade em todos os setores da vida humana - os IDH - e de todas as atividades que distinguem o nível de cultura e de qualidade de vida do povo. Destarte, não pensamos nos prêmios por mera cobiça ou vaidade. Nada de *vanitas, vanitatis*. Pensamos no Nobel para premiar esforços e conquistas de nossa gente, por absoluto merecimento, fiado na probabilidade da futura revelação de grandes talentos pátrios entre membros de nossa juventude atual. Mas, então, quando? Bem, quem viver, verá! De nossa parte, são apenas esperanças. Coisas futuras! Como diria Machado de Assis, em ocasião de consulta à *vidente, Cabocla*, no capítulo incial do romance, *Esaú e Jacob*: *"Coisas futuras"!* As críticas severas que cabem aos nossos governantes e ao nosso povo, e que justificam a distância que nos separa desses grandes prêmios, nós a faremos oportunamente!

CRISE NA ACADEMIA SUECA - ESCÂNDALOS 2018

O Estado de São Paulo, publicou, na edição de 13/04/2018, artigo sobre escândalos resultantes de denúncias feitas pela mídia, que perturbaram de tal modo a paz da Academia Sueca (de Letras) que ameaçam prejudicar a normal sequência da concessão do Prêmio Nobel de Literatura, anualmente, anunciado durante o mês de outubro.

O artigo informa inicialmente que a Secretária Permanente da Academia, a escritora, Sara Danius, fora demitida pela Diretoria, em 12 de abril último, por decisão aprovada em sessão secreta. Provavelmente, ela foi responsabilizada pela crise instalada com os escândalos noticiados pelo Jornal Dengen Niheter. As várias acusações tomaram proporções nacionais, inclusive com a abertura de inquérito, pelo Promotor Nacional da Suécia, a fim de apurar

as denúncias contra os responsáveis. O primeiro Ministro do Governo sueco pronunciou-se preocupado com a crise, afirmando que é dever da Academia recuperar a confiança pública.

As denúncias de abuso sexual, vazamento de informações e corrupção, todavia, são todas contra o dramaturgo francês, Jean Claude Arnault que comanda o Clube Literário, entidade de cunho particular, beneficiada por financiamentos concedidos pela Academia Sueca, mas agora, suspeitos de irregularidade, segundo o aludido Jornal. Acontece que, Jean Claude Arnault, é casado com a poeta sueca, Katarina Frostenson, membro da Academia e coproprietária da empresa que controla o Clube Literário do marido, o que constitui violação da imparcialidade na concessão de auxílios, pela Academia, cuja relação foi suspensa.

Diante das graves denúncias de corrupção, abuso sexual e vazamento de informações, o Plenário da Academia Sueca discutiu e votou proposta de expulsão da poeta, Katarina Frostenson, mas a maioria negou-se a aprová-la, mantendo a permanência da mesma. Revoltados, três membros vitalícios da Academia apresentaram suas renúncias (Osterguen, Espmark e Englund). E foi, depois deste episódio, que a Diretoria reuniu-se e decidiu destituir Sara Danius, do cargo de Secretaria Permanente. A ex-Secretária só comentou que *"o prêmio já foi afetado e que isso é bastante prejudicial"*.

Como se percebe, além das provas de corrupção contra Jean Claude Arnault, pesam contra ele sérias acusações de abuso sexual, de, nada menos, 18 mulheres, perpetrado nas dependências da própria Academia Sueca e ainda, a denúncia de que Arnault tinha acesso a informações oficiais e confidenciais sobre premiados do Nobel de Literatura tendo cometido a imprudência de vazar tais informações. A crise instalada na Academia é grave.

Os três acadêmicos renunciantes pertencem ao grupo dos dezoito vitalícios encarregados de cuidar de todas as atividades relativas à premiação do Nobel de Literatura. Além desses três membros, há duas cadeiras vagas de membros inativos portanto, também ausentes, o que,

somado às duas ausências - da Secretaria Permanente e da poeta Katarina Frostenson, completam sete membros a menos no quadro dos 18, restando 11 votos que são insuficientes para eleger novos membros, sabe-se que são necessários pelo menos 12 votos para preencher cadeiras vagas. Mesmo com as renúncias, as cadeiras dos renunciantes ficariam vazias, pois a substituição só será possível com a morte deles, pois o múnus é vitalício!

Desse modo, o mundo aguarda com parcas esperanças as possíveis soluções para devolver a paz e a serenidade à Academia Sueca, encarregada pela Fundação Alfred Nobel de realizar as cuidadosas avaliações para conceder anualmente, o Prêmio Nobel de Literatura, o mais aguardado a cada ano.

Crise Para o, Mundo - Esperança Para o Brasil

Como falamos em incertezas para nossos literatos brasileiros alcançarem, algum dia, boas indicações para concorrerem ao Prêmio Nobel de Literatura, o que continua sendo verdade, temos de nos render à evidência de que nem tudo está perdido. Já nos referimos ao *Prêmio Nobel de Economia*, criado por entidades financeiras nos anos 60 do século passado e que se incorporou harmonicamente com todos os demais prêmios concedidos pela Fundação Alfred Nobel, embora não pertença realmente ao rol dos Nobel.

Usando dessa mesma iniciativa, Bill Gates, fundador da Microsoft, criou o *Global Teatcher Prize*, que se intitula, *Nobel da Educação*. No dia 13 de fevereiro, ele divulgou por meio de um vídeo, para todo o mundo, o nome dos dez educadores finalistas desse prêmio para 2018. Em oportuno artigo, "Um Mestre com Carinho na Vida Real*",* a notável Revista Seleções Reader´s Digest, de abril/2018, confirma que *"nessa lista constava, pela segunda vez, um representante brasileiro", Diego Mahfouz Faria Lima*, de 30 anos, 14 dos quais dedicados à Educação. Ainda na Faculdade de Pedagogia, esse dedicado professor espelhava-se em Darcy Ribeiro como *modelo e exemplo de um grande mestre.* E eis que, em 2014,

o professor Diego assumiu o cargo de diretor da Escola Municipal Darcy Ribeiro, de São José do Rio Preto.

A escola era conhecida pelo elevado índice de evasão escolar e pela característica de ser uma das mais violentas da região. O professor Diego Mahfouz, utilizando o tripé - ouvir os alunos, envolver a comunidade e fortalecer a cultura do diálogo -, tudo associado à sua disposição, disponibilidade pessoal, coragem e fé em seus planos, logrou sair-se vitorioso em dois anos de trabalho, lutas e liderança, merecendo aquela indicação para o Nobel de Educação.

Diego acreditou no projeto social que criou: "Minha Escola: Reconstrução Coletiva" que enfrentou muitas barreiras, mas contou com a persistência do jovem professor, disposto a batalhar pela transformação para mudar a realidade da escola. Assim, no ano de 2013, foram 202 alunos evadidos. No ano seguinte, o primeiro ano do professor Diego, esse número reduziu-se a dois. E, em 2017 as evasões desapareceram.

Na primeira reunião com os pais dos 1.189 alunos matriculados, em 2014, houve apenas nove comparecimentos. Em 2016, na última reunião do ano, havia 900 pais, afirma o novo diretor, com orgulho. Resolveu todos os casos de *bullying* ou qualquer outro tipo de violência, à base do diálogo franco, dando voz às duas partes e praticando a habilidade de saber ouvir. Decidiu-se a ir pessoalmente à casa dos alunos ausentes, quando não havia justificativa para a falta. Tornou-se respeitado e amigo de seus alunos e dos pais, que, em retribuição, passaram a fazer e melhorar todos os serviços de manutenção da Escola.

O sucesso do projeto rendeu a Diego a indicação ao *Global Teatcher Prize*. A vencedora foi Andria Zafirakou, do Reino Unido, anunciada em 18 de março. Diego Mahfouz Faria Lima sentiu-se orgulhoso e gratificado por figurar entre os dez melhores educadores do mundo, pois concorreu com mais de 40 mil inscritos em 170 países. São muitas as ligações telefônicas que recebe, para perguntar qual é o segredo da Escola Darcy Ribeiro. E ele diz "É preciso mudar a visão de pais e alunos em relação à Escola". T

ADIAMENTO DO PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA DE 2018

"Dois vencedores serão anunciados em 2019"

Na sequência dos escândalos que abateram a Academia Sueca, noticiados em meados de abril deste ano pelo periódico O Estado de São Paulo, o mesmo noticia em 5 de maio, no Caderno 2/3 o desdobramento da crise, com decisão da Academia Sueca de suspender oficialmente este ano a designação, o anúncio e a premiação do Prêmio Nobel de Literatura de 2018, adiando essas atividades para 2019, com a premiação de dois agraciados, conjuntamente, no anúncio relativo ao laureado de 2019. As denúncias tiveram lugar em novembro de 2017 e, desde março do corrente ano, discutia-se a possibilidade do adiamento do Nobel de 2018, agora comunicado oficialmente, em 04 de maio, pelo Secretário Interino da Academia Sueca, Anders Olsson.

O adiamento tornou-se necessário porque, dos dezoito membros eleitos pela Academia, sete solicitaram afastamento, deixando vagas essas cadeiras. Como o quorum mínimo de julgadores é de 12 membros, não há como desenvolver os procedimentos previstos, sem descumprir as exigências estatutárias, com o quórum de apenas 11 Acadêmicos. Em razão disso, está prevista para este exercício a reforma do Regulamento. Mas essa iniciativa deve necessariamente passar pela pessoa do Rei Gustavo Carlos XVI, da Suécia, o que demandará grande parte do tempo deste ano, inviabilizando o Nobel de 2018!

Uma investigação fora aberta pelo Ministério Público Criminal de Estocolmo, em março último, mas infelizmente, os casos foram arquivados, em razão de prescrição legal (tempo decorrido) dos crimes relatados pelas vítimas, pois datavam de 2013 e 2015!

O presidente da Academia Brasileira de Letras, fez um pronunciamento a respeito, publicado pelo Estado de São Paulo, no qual diz, in verbis *"A* resposta da Academia Sueca é extremamente radical, mas vem demonstrando uma tendência importante destes últimos anos, que é a de não subordinar a perspectiva ética a outras questões que a relativizem. Hoje, cada vez mais, se trava uma luta ferrenha sem descanso contra qualquer tipo de abuso. E isso tem se colocado de forma muito determinada*."* Marco Lucchesi – Presidente da ABL. T

Celso de Almeida Cini
Cadeira 37 - Patrono Afonso Schmidt

PICASSO

Picasso, a personalidade artística predominante do século XX, um dos maiores gênios criativos de todos os tempos

Maria Zulema Cebrian

Pablo Diego José Francisco de Paulo Juan Nepomuceno Maria de los Remedios Crispin Crispiano Santísima Trinidad Ruiz y Picasso, nasceu em Málaga, Andaluzia, Espanha em 25 de outubro de 1881. Filho de Maria Picasso y Lopez e de José Ruiz Blasco.

Muitas foram as lendas surgidas após o seu nascimento. Algumas das quais Picasso esforçou-se em promover. Contava a seus biógrafos: "nascera morto e o médico Don Salvador o salvara da morte por asfixia soprando-lhe fumo de charuto na face fazendo-o chorar".

O biógrafo Roland Penrose, pesquisou a origem de sua genialidade e inclinações artísticas. Seu pai era pintor e desenhista, de talento medíocre. Don José se dedicava a pintar pombos que pousavam nos bananais da *Plaza de la Merced,* próxima à sua casa. Ocasionalmente pedia ao filho para terminá-las. Da descendência materna, sabe-se que contava com dois antepassados pintores.

Uma vida longa de impressionante produtividade, pintor, escultor, artista gráfico, ceramista e poeta, encantou continuamente e afrontou o mundo com seu talento prodigioso e visão revolucionária.

Os primeiros anos da vida de Picasso são em Málaga. No entanto, o minguado salário do pai como conservador de museu e professor de desenho na *Escuela de San Telmo* não era suficiente para o sustento da família. Ao receber como oferta uma colocação melhor remunerada no Instituto Eusébio da Guarda, no norte do País, à hesitação sobrepôs-se a necessidade e Don José, muda-se para *A Coruña*, capital da *Galícia* à beira do Oceano Atlântico.

Os desenhos da infância de Picasso, representavam cenas de touradas. Sua primeira obra preservada é *O Toureiro*, um óleo sobre madeira, pintada aos oito anos. Obra que o acompanhou durante toda a sua vida, aonde quer que estivesse. Mais tarde pintaria *A morte da mulher destacada e fútil*. Uma obra que expressa, claramente, sua injuriosa relação com as mulheres.

Na primavera de 1895 a família novamente se transfere, agora para Barcelona. Picasso submete-se à prova de admissão na escola de arte *La Lonja*. Apresenta-se com maestria superando, inclusive o trabalho dos finalistas. Esses trabalhos o coloraram na série de pintores conceituados de Barcelona como Santiago Rusiñol e Isidro Nonell, e seu primeiro quadro acadêmico, *A Primeira Comunhão* é exposto em celebre exposição da época na cidade.

Em Madrid, instala-se em um novo atelier e inscreve-se na conceituada e mais próspera academia de artes espanhola, a *Real Academia de Belas Artes de San Fernando*. Passa a visitar o *Museu del Prado* e copia os grandes mestres, captava o estilo e imitava-os, o que lhe permitiu desenvolver capacidades efêmeras e, por outro lado estagnar-se, limitando seu gênio criativo à cópias de trabalhos históricos. Estas obras, mais tarde foram alvo de uma revisitação e interpretação de Picasso em fases mais avançadas.

Picasso adoece, e sua recuperação o obriga a retornar a Barcelona, instala-se na aldeia Horta de Ebro, na fronteira de Aragão, nos Pirineus, junto a Manuel Pallarés, seu amigo. A reclusão motivou-o a novos projetos aos quais daria início ao voltar a Barcelona. Conviveu com artistas e intelectuais no café, *Els Quatr Gats*, espaço da vanguarda espanhola, entre eles o pintor Casagemas e Toulouse Lautrec. Nesse mesmo estabelecimento, realizaria sua primeira exposição, em 1900.

O desejo de conhecer Paris, levou-o à capital de vanguarda e metrópole da moda. Conheceu Max Jacob, jornalista e poeta, com quem passou a dividir o quarto. Max dormia à noite e Picasso dormia de dia. Um período de extrema pobreza, frio e desespero. Muitos de seus desenhos tiveram que ser utilizados como material combustível para

aquecer o quarto, ali alcançou a liberdade necessária para desenvolver experiências estéticas. Autodidata e moderno, tinha como meta transformar a arte moderna em algo mais modernista.

Trabalhou em diferentes estilos tornando sua arte autobiográfica. "Os quadros, dizia, são páginas do meu diário". A sequência cronológica de sua obra equivale a andar pelos corredores de sua vida amorosa. As mulheres foram sua principal fonte de inspiração.

Fases artísticas distintas, transformações e aprimoramento contribuíram para descortinar traços marcantes e estados de espírito incontestáveis.

Impressionado por El Greco e intimamente machucado e triste com a morte de Casagemas tem início o período azul, caracterizado por uma paleta suave, de nuances frias de azul índigo e cobalto, que refletiam seus anos de luta. Os quadros deste período apresentam, quase que invariavelmente, um mundo subterrâneo de pessimismo social, desolação e desespero. Para ele o azul era a cor da solidão e da melancolia refletindo a precariedade da época.

Picasso tinha uma perspectiva pessimista, comum aos artistas da época. Um senso de ausência de esperança da vida, socialmente determinado —algo parecido com o que Rilke, nas características literárias de seus poemas, celebrava a união transcendental do mundo e do homem, numa espécie de espaço cósmico interior. Sua poesia, assim como a arte de Picasso provocava reflexão existencialista e instigava os leitores a se defrontarem com o desencantamento da primeira metade do século XX. *La vie* foi a obra de maiores proporções produzida nesse período.

Em 1904 ainda em Paris, viu, pela primeira vez as pinturas de Cézanne, que o marcariam profundamente. Estimulado, espirituoso e eloquente, gradualmente abandona o lirismo melancólico da fase azul para adotar um estilo mais vigoroso.

Nos bairros de *Montmarte* e *Montparnasse*, conhece um seleto grupo de intelectuais: André Breton, Guillaume Apollinaire e a escritora Gertrude Stein.

Mendigos e figuras famélicas são trocadas por saltimbancos, arlequins e mágicos, representantes deste período, caracterizado pela leveza técnica, pela tenacidade da linha e a sutileza das deformações. Apaixonou-se por Fernand Olivier, conheceu-a em Paris em 1904, artista e modelo vivo, surge em várias obras da fase rosa. Fernand Olivier esteve envolvida com Picasso por sete anos e escreveu um livro sobre esse problemático período afetivo, *Loving Picasso*, que foi publicado em 1988. Suas pinturas se transformaram. Nesta fase da paixão, há abundância de tons rosa e vermelho marcando a presença do mundo do circo. Era o protocubismo, o antecessor do cubismo. Alguns acreditam que os tons quentes desse período possam ter sido influenciados pelo consumo de ópio.

Por volta de 1907, Picasso descobriu a cultura da África e da Oceania e seu apelo estético, usou-o como aríete contra a concepção clássica de beleza incorporando-o à sua arte, chamada de fase negra. Foi neste ano que pintou *Les Demoiselles d'Avignon*, título à Rua Avignon em um bairro mal falado de Barcelona. Esta obra pretendia retratar uma cena de bordel, mas acabou se transformando em material de construção revolucionário, composto de vácuos e sólidos e de difícil descrição. O primeiro quadro realmente do século XX que encerrou, de fato, o reinado de quase quinhentos anos da Renascença na arte ocidental. Considerada a mudança mais radical na arte desde Giotto e Masaccio, essa pintura abalou todos os preceitos da convenção artística. A primeira das obras a ser chamada de cubista, embora o rosa duro das mulheres jovens e medonhas esteja distante do cubismo posterior. Impossível dimensionar a importância que este quadro representaria na arte subsequente. Uma obra que apresenta o medo que Picasso tinha das mulheres e a necessidade de dominá-las e distorcê-las.

Entre 1908 e 1912 acontece uma das fases mais criativas, conhecida como cubismo analítico, evoluída do cubismo cézanniano. O cubismo analítico que desestrutura a obra em todos seus aspectos dá início ao cubismo sintético como reação à excessiva fragmentação das formas. Braque e Picasso tiveram uma identificação criativa que, muitas vezes, torna difícil distinguir a quem pertence a obra.

Apaixonou-se por Olga Kokhlovo, a bem-nascida bailarina russa, da companhia de Sergei Diaghile, para quem o artista estava desenvolvendo figurinos e cenários do ballet Parade, em conjunto com o compositor Erik Satie e o dramaturgo Jean Cocteau. Casaram-se sem muita reflexão e a união revelou-se conflituosa. Tinham interesses distintos. Esta relação teve muita influência sobre sua obra, mas, seria negada quando a relação naufragou. Viveram juntos de 1918 a 1935. Olga engravidou e tiveram um filho, Pablo. Nesta época criou uma série de pinturas de mães com filhos.

Picasso aproxima-se do teatro e passa a criar cenários. Em Londres faz desenhos para *Le Tricorne*, *Pulcinella*, de Stravinsky, faz o cenário para o balé *Le Mercure*; desenha a cortina para o *Le train Blue*. Período em que surgem temas clássicos, como naturezas mortas, em seus trabalhos.

Seus amores foram motivo de inspiração e podem ser constatados em toda sua obra.

Marie Thérèse Walter em 1927, com quem manteve uma relação amorosa, inspirou uma arte encantadora, uma jovem corpulenta e plácida com cujas formas arredondadas adorava brincar nas telas; as obras inspiradas por ela revelam uma plenitude que talvez não seja sentida em outras telas. Em *A mulher nua numa cadeira vermelha*, Picasso se apresenta, pela última vez, relativamente benévolo. A impressão de plenitude, rara em Picasso, nunca ressurgiria.

Nos primeiros tempos, a presença da jovem musa em seus quadros manteve-se oculta, uma vez que continuava casado com Olga Koklova. A divulgação pública de seus retratos precipitou a revelação da relação secreta. Com ela teve uma filha Maya Widmaier Picasso. As pinturas com Marie, até seu romance começar a ruir são extraordinariamente gratificantes, vivas, graciosas, doces e provocantes.

Em 1936, Picasso se apaixona por Dora Maar, artista e fotógrafa nascida na Iugoslávia. Essa união se manteve até 1944. Foi tida como sua musa inspiradora. Além de ser conhecida por fotografar a evolução das etapas da pintura do famoso quadro Guernica.

Entre o início e o fim da Segunda Guerra - 1939 a 1945 - dedicou-se à escultura, gravação e cerâmica.

Sua primeira experiência como gravador foi em 1899, sobre um tema que conhecia: a tauromaquia. A gravura recebeu o título de *El Zurdo*, em português: o canhoto. No entanto, como estreante, esquecera que o que desenhasse sobre o cobre seria invertido na impressão. O picador segurava uma farpa com a mão direita, mas na prova estava na mão esquerda, o título, bem-humorado, foi dado pelo próprio Picasso. Esta obra não tem grande valor artístico, seu valor é apenas histórico. Seria a primeira de uma monumental obra gravada. Em Paris, em 1904, Picasso realiza sua segunda gravura: *Le Repas Frugal,* obra prima, não apenas do século XX, mas de todos os tempos. Essa prancha, o situaria entre os maiores gravadores. Toda a obra que se seguiu fez dele o maior gravador do século XX.

A arte escultórica era esporádica. Utilizou elementos convencionais – como gesso, argila e bronze, mas também outros nada ortodoxos, como madeira, papel cartão, placas de metal, fios, areia e até mesmo objetos da vida cotidiana. Tudo com muita paixão e inventividade. Picasso revolucionou a escultura profundamente. Em 1912, sua composição *Guitarra,* em folha de metal, rompeu os métodos tradicionais de esculpir mármore ou modelar argila. Picasso transformava os objetos encontrados em improváveis matérias escultóricos. *Cabeça de Touro*, a mais conhecida, composta por um selim e um guidom de bicicleta.

Neste período apaixona-se por Marcell Humbert que viria a falecer em 1917.

Em 1943 conhece Françoise Gilot, uma pintora francesa, crítica de arte e autora consagrada. Em 1990 premiada com a *Chevalier de la Légion d'Honneur*. É reconhecida como o amor e musa de Picasso de 1943 a 1953 com quem teve dois filhos Claude e Paloma Picasso, nesse período pintou *Alegria de Viver*. Gilot publicou em 1964 um livro de memórias, intitulado *Life with Picasso*, que descreve a parceria artística, as infidelidades e as complicações de seu relacionamento com o grande artista.

Ainda envolvido com Gilot, em 1951, Picasso man-

teve um caso, durante seis meses com Geneviève Laporte, quatro anos mais nova que sua esposa. Em 1953, finalmente Gilot deixaria Picasso.

Dora Maar, foi a quarta das sete mulheres de Picasso, relação que durou aproximadamente nove anos. Morreu na miséria rodeada de telas que recusou vender. O retrato de Dora M*ulher que chora*, pintado no mesmo ano que *Guernica* tem um poder terrível.

Dora e Françoise eram mulheres obstinadas e fizeram com que Picasso ressaltasse, em suas obras, a crueldade e a determinação em não se deixar intimidar por elas.

Picasso fora escolhido pelo governo espanhol para representar a Espanha na Exposição Internacional de Artes e Técnicas em Paris. Ao receber a notícia do massacre ocorrido na cidade basca de *Guernica*, faz do desastre o tema de sua tela.

Guernica, pintada em 1937 é um capítulo especial de Picasso. É uma declaração de guerra contra a guerra e um manifesto contra a violência. O quadro além de ser um ícone da Guerra Civil Espanhola representa um símbolo do antimilitarismo mundial e da luta pela liberdade do homem. Atualmente está no Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia, em Madrid, na Espanha.

Picasso expressava sua simpatia com relação às ideias anarquistas e comunistas, com sua arte expressava sua ira diante das ações de Franco e Fascistas, recusando-se a pegar em armas na Primeira Guerra Mundial, na Guerra Civil Espanhola e na Segunda Guerra Mundial.

Durante a Guerra Civil Espanhola, Picasso continuou vivendo na França, mesmo tomando partido dos Republicanos, teria se recusado a retornar ao seu País. O serviço militar para os espanhóis no estrangeiro era opcional e envolveria um retorno voluntário ao País para alistamento a um dos dois lados. São muitas as especulações a respeito deste fato; na opinião de alguns contemporâneos, esta decisão deveu-se ao lado e ideias pacifistas de Picasso; no entanto, para outros, incluindo Braque, essa neutralidade tinha mais a ver com covardia que com princípios. Também manteve-se à parte no movimento de indepen-

dência da Catalunha, durante a juventude, apesar de expressar total apoio aos ativistas. Nessa época filiou-se ao Partido Comunista.

Durante a Segunda Guerra Mundial, houve a ocupação de Paris pelos alemães. Os nazistas odiavam seu estilo e durante essa época foi impedido de expor seus trabalhos. Em seu estúdio continuou pintando durante todo o tempo da ocupação. Embora os alemães tivessem proibido a fundição de bronze, deu continuidade ao seu trabalho comprando bronze contrabandeado pela resistência francesa.

No ano de 1947, final da Segunda Guerra, conheceu Miguel Garcia Vivancos, um anarquista veterano da Guerra Civil Espanhola e da Segunda Guerra e, até então, um pintor desconhecido. Impressionado pela obra do pintor, Picasso o acolheu em sua residência interessado por sua obra e história. Vivancos, mais tarde se tornaria, em parte pela influência de Picasso, um grande pintor espanhol.

Para terminar seus dias escolheu Jacqueline Roque, que trabalhava na Cerâmica Madoura, na Riviera onde conheceu a Picasso, local em que ele criava e pintava seus trabalhos em cerâmicas. A princípio tornou-se sua amante, casaram-se em 1961 e assim continuaram até sua morte em 1973.

Todas as mulheres presentes em sua vida representaram diferentes períodos de sua carreira. Inegavelmente foram fontes de inspiração, muitas vezes turbulenta, contribuindo para a evolução de sua produção artística e revolucionária linguagem visual.

Praticamente desconhecido do público é o fato de que Picasso escreveu poesia. Alguns de seus poemas foram recolhidos em antologias de poemas surrealistas.

Em 1961, na Espanha, foi publicado um livro - *Trozo de Piel* - contendo alguns poemas de Picasso, descobertos pelo Prêmio Nobel da Literatura Camilo José Cela. Considera-se que estes poemas tenham algo de expressionismo.

Um trecho de um texto do livro:

> "Gritos de meninos gritos de mulheres gritos de pássaros gritos de flores gritos de madeiras e das pedras gritos de móveis de camas de cadeiras de cortinas de caçarolas de gatos e de papéis gritos de aromas que se arranham gritos de fumo..."
>
> 15 ou 18 de junho de 1937 - Tradutor: J.T. Parreira

Uma edição completa das suas obras poéticas foi publicada pela editora Gallimard em 1979, na França. Na obra póstuma, nomeada Picasso Écrits, Michael Leiris, poeta surrealista amigo de Picasso, pertencente ao grupo de Surrealistas para quem costumava ler seus poemas, aponta para o Picasso poeta que dá livre curso ao inconsciente, representando "não coisas da ordem do que se passa realmente, mas coisas que lhe passam pela cabeça". Por volta de 1935, o pintor realmente estava entusiasmado com a escrita, praticando uma poesia próxima do Surrealismo.

Em 2006, o pesquisador Rafael Inglada, considerado um dos principais estudiosos da vida e obra de Picasso, reuniu trinta e nove poemas escritos pelo artista entre 1894 e 1968, com o título *Textos espanhóis*. O título se deve ao fato de que, mesmo quando escritos em francês, os motivos - touros, gastronomia, hábitos e costumes - do autor têm sempre referências predominantemente espanholas. Para o pesquisador, é no Picasso poeta que aparece *o* "Picasso claramente espanhol, andaluz e malaguenho".

Em 2008, na Espanha, foram publicados mais de cem poemas em prosa do autor, descobertos apenas em 1989. Apresentando a diversidade que caracteriza a sua obra plástica, os textos se aproximam do estilo da colagem picassiana, sem estrutura lógico-formal, compostos de "jogos de palavras, simbolismos e descrições visuais... delirantes e descabeladas".

Aos 87 anos, produziu em sete meses, uma série de trezentas e quarenta e sete gravuras recuperando os temas da juventude: o circo, as touradas, o teatro, as situações eróticas. Anos mais tarde com a saúde debilitada e visão deficiente põe fim às sus atividades.

Como honraria a Picasso, no seu 90º aniversário, o Museu do Louvre faz uma grande exposição dos seus trabalhos. Tornando-se o primeiro artista vivo a expor suas obras no museu francês.

Pablo Picasso morreu a 8 de abril de 1973 em Mougins, França, aos 91 anos. Na noite anterior brindara com seus amigos dizendo: "bebam à minha saúde, vocês sabem que não posso beber mais". Depois, teria pintado até as três da manhã antes de dormir. Acordou com dores no peito e não conseguiu levantar-se, morrendo poucos minutos depois de um enfarte.

Foi sepultado no Castelo de Vauvenargues, Aix-em -Provence, Provença - Alpes - Costa Azul, sul da França.

Um artista surpreendente em sua criatividade com variações ilimitadas que permitirá ao longo dos tempos a cada observador a escolha de um período: o favorito.

Maria Zulema Cebrian
Cadeira 04 - Patrono Guilherme de Almeida

O CASO DA PREGUIÇA

Ana Cristina Silva Abreu

Era outra tarde ensolarada e morna; até onde as bocas ainda conseguem contar, o que costuma ser muito além do que as mentes conseguem lembrar, quando a nau lusa trazendo à frente o brasão da Companhia de Jesus aportou no Porto do Brasil, como conhecido à época, que era na verdade o de São Salvador da Bahia de Todos os Santos. Ao menos todos os existentes até então. Era reinado de D. João III, difícil saber a data precisa.

Como foi dito, é de costume popular falar além do que se recorda, acrescendo-se a cada recontagem um detalhe ou outro do que se acha, mesmo que o que se ache agora não se achasse àquele tempo. O que, com a devida vênia, não altera em tanta substância o relato. Apenas sabemos, com certeza, que o ocorrido se deu após 1549, pois existia o porto.

Mas, voltemos à embarcação ali ancorada. Velas recolhidas, manobras feitas e alguns poucos exemplares da nobreza de Portugal a descer pela tábua, enquanto seus pertences eram descarregados nos baús e caixotes que não paravam de chegar à terra firme. Descia também pai, mãe, o desejado varão ainda de colo e duas outras meninas, nos seus dois e cinco anos. Não faremos descrições detalhadas, pois estas estão fadadas aos erros espaciais e visuais de se transpor histórias pelos séculos. Vamos logo passar ao ponto em que a família, agora acomodada na sede das terras recebidas de Sua Alteza para que ajudassem na colonização e ordenação do torrão descoberto pros lados onde se põe o sol, passa a explorar a região.

Sai em comitiva o novo proprietário, Pedro de Alvarenga, a esposa, Maria do Socorro, as meninas correndo à frente e o bebê no colo da ama, sob a sombrinha que traz um pajem. Também sob uma sombrinha vinha o Padre que de antemão analisava os arredores em busca da melhor posição para se construir a igreja que Dona Maria do

Socorro financiaria. Afinal, não se pode ficar sem um lugar santo por perto, para ser casa de Deus e abençoar a vizinhança. Por outro lado, o Capitão responsável pela segurança da viagem e da estadia olhava aos mesmos arredores que o padre, procurando, por sua vez, sinais dos tão afamados índios, com suas poucas roupas e suas setas ameaçadoras que poderiam, a qualquer momento, pôr fim ao passeio. Mas o que o Capitão João Romeiro não admitia, entretanto tivesse confidenciado a um dos seus subordinados de maior confiança, era que esperava ansiosamente um confronto entre suas modernas armas e as arcaicas flechas dos arcos indígenas. Uma vitória sobre um ataque surpresa, quem sabe, permitindo-lhe impor toda a força de seu pelotão, uns vinte homens, e sair ainda fazendo ares de heroico salvador a cujos préstimos seriam eternamente gratos os presentes.

Eis que a certa altura do caminho grita de espanto a mais velha das meninas, Lúcia, apontando o alto da árvore que se estendia à sua frente como que no intento de tocar o céu. Todos se alvoroçaram para ver do que se tratava e o capitão tomou a dianteira crendo que poderia ser um indígena lá empoleirado de tocaia.

— Mai que diabos é isso? — indagou, mais exclamando do que buscando uma resposta e logo depois se corrigiu — Perdão, Padre!

— Que isto não se repita, filho. — e olhou ao redor esperando qualquer outra manifestação — Alguém apto a responder a mal formulada pergunta do capitão?

— Não é coisa desse mundo! — completava a Senhora.

— Nunca vi nem ouvi descrição de tal animal. — acrescentou, pasma, a ama.

Alguém então lembrou-se de gritar pelo índio, cristão recém-batizado, que servia de capataz no local. Enquanto Dona Maria pegava uma filha no colo e puxava outra pela mão, afastando-as do estranho animal, o capataz se aproximava e observava a comoção de todos ao redor. Não havia tempo para apresentações e o Senhor Pedro correu logo ao assunto.

— Diga, homem, do que se trata aquele animal?

— Preguiça.

— Que absurdo, homem! Diga como se chama o animal!

— Preguiça é pecado capital. — orientou o Padre.

E antes que a situação piorasse para o pobre, veio socorrê-lo um português que há alguns anos vivia por ali, Seu Joaquim do cais, como era conhecido.

— É o nome do bicho, senhor. É chamado aqui de bicho-preguiça.

— Mas é o bicho então pecador? — intrometeu-se o pajem.

—Como pode um bicho ser pecador se nem alma tem? — retrucou a ama.

— Mas como pode então ter preguiça se não peca? —emendou um dos soldados.

E todos voltaram os olhos e a atenção ao Padre, esperando que ele os resgatasse da dúvida. O Padre, por sua vez, varria a própria mente em busca da resposta mais adequada. Enquanto pensava, as meninas gritavam: Preguiça! Preguiça! E saltitavam tentando livrar-se da proteção materna. Fazendo jus ao nome, o bicho peludo acinzentado, de membros longos e corpo magro, olhava pacífico sem compreender a discussão, ou compreendendo-a, não sabemos, uma vez que o Padre ainda não havia se pronunciado sobre ser o espécime pecador ou não. Se fosse, era porque tinha alma. Com alma, certamente pensamento teria. Assim sendo, estaria a entender e rir-se da ignorância daquela gente branquela que por ali aportara. Não sendo ele, ou ela (afinal não sabemos distinguir preguiças de "preguiços"), um preguiçoso(a) capital, não pecando não teria alma nem capacidade de pensar naquela pequena cabeça de movimentos lentos e, logo, não estaria a pôr sentido na conversa, com diziam os antigos. Bem, não sabemos ao certo se naquele tempo se dizia isso, ou se a expressão foi criada por antigos menos antigos que aqueles.

Lúcia finalmente escapuliu da guarda da mãe e correu em direção ao animal que agora descera lentamente alguns galhos e estava ao alcance das mãos. A mãe se adiantou para

impedi-la e a ama soltou um grito que foi quase um barrido:

— Não toque a preguiça pecadora!

— Mas não foste tu a dizer que não tinha pecado o animal? — retrucou o pajem.

— Não se manifestou o Padre ainda sobre a questão!

— Se peca ou não o animal, não me cabe supor. — interrompeu o Capitão. — Mas preguiça não há de ser qualidade em instância alguma. Entre meus homens eu jamais admitiria tal atitude.

— Por isso não se alistam preguiças! — riu-se o pajem.

— Parem com tais especulações, deixem que se manifeste o Padre. Não vamos deixar de lado os bons modos da corte e o respeito eclesiástico pelas palavras de nossa Santa Igreja.

Todos se calaram diante das palavras do Senhor, envergonhados e percebendo a falta de educação que fora tal discussão. O Padre não podia mais se furtar à explicação.

— É claro que, meus filhos, o animal não tem pecado. Sem alma, envolto na bestialidade, não há de sofrer os desmandos da carne e ser punido pelo Pai todo Poderoso, tal qual ocorre conosco. Quem peca é o ser humano e se é pecado o nome de um animal foi porque os homens assim designaram. Se o pobre bicho é possuído pelo pecado é por culpa mais nossa que dele.

— Está possuído, então, o bicho e por isso se chama preguiça, Padre? — dessa vez apenas o senhor daquelas terras se manifestou.

— Pode ser que sim. — hesitou o Padre.

— Não seria o caso de um pouco de água benta? — completou a senhora.

— Não hei de desperdiçar água benta com um desalmado!

— Desalmado? Além de preguiçoso, com este jeito lento, é um desalmado?

— Não, senhor Capitão. Não quis dizer desalmado no sentido dos homens de má índole. Desalmado porque

não possui alma, como um cão ou um cavalo, que por mais leais e obedientes que sejam jamais poderão nos encontrar no céu.

— Eu sempre soube que bicho-preguiça não ia pro céu! — comentou o pajem.

— E por acaso esse não seria o primeiro que vês? — retrucou a senhora.

— Sim, claro, minha senhora. Mas suponho que um animal que traga pecado no nome não seja digno de pisar o solo celestial. — disse isto e estranhou as próprias palavras. Como seria o solo celestial se, por lógica, deveria ficar no céu? Era melhor não importunar o Padre com mais esta questão, visto que estava nervoso o bastante.

— A menina Lúcia! — gritou a ama.

Todos se viraram e instintivamente correram para salvar a menina do enfadonho animal que estava em seus braços recebendo carícias como um gatinho. O Capitão saltou à frente desembainhando a espada e encostando-a no dorso do animal. Lúcia, assustada, soltou a preguiça que caiu pelo chão, atordoada. A ponta da espada roçou levemente a garganta da menina e teria causado mais que um pequeno filete de sangue se o Capitão não tivesse sido ágil em afastar-se. Dona Maria gritava que o capitão quase matara a pequena e o senhor Pedro olhava-o de modo como ficasse bem claro o destino do militar.

Ele, que sonhava enfrentar índios com bravura, rumava agora a Portugal, deitado no convés, cuidando da gaiola que continha um animal desconhecido no velho mundo. A corte certamente se divertiria com ele por alguns dias, para depois esquecê-lo num cercado qualquer. Mas o capitão em nada veria diversão, nem esquecimento, visto que assumira os desígnios de tratador. Sem bainha nem espada, sem montaria nem farda, apenas folhagens típicas e uma dorna de água doce a desmentir os devaneios do que poderiam ter sido os dias de sua glória.

Ana Cristina Silva Abreu
Cadeira 12 - Patrono Herculano Pires

DIVA DAS BRUMAS

Flávio Ferreira de Melo

As Brumas Dissipam-se...

Prelúdio...

O tempo trás junto ao vento
Terrível tempestade, pressentimentos!
As aves já não piam
E os animais juntam-se nos celeiros,
As nuvens acinzentam
E tudo se torna, mórbido, silêncio!

Ninguém do vilarejo
Ousa de sua casa sair,
E sucumbe o choro e o beijo
Crianças amedrontadas,
Nem se ouve ais, nem cair...
De marchas cavalgadas!

E do pântano agreste
Que vida nada ostenta,
Apenas praga e doença...
Navega nas águas turvas
Tal Caronte por moedas
A Diva da Ida e da Tumba!

A Diva das Brumas!...

Amour
Na ponte da cidade...

Durval

Entre Petúnias e Rosas
Vejo esta que meu peito desabotoa
E torna feito cálice de vinho
Cada gota de meu sangue!

Na janela de sua casa...

Lívia

Entre as lívidas margaridas
Avisto choroso o homem
Que meu coração perfurou
Com a seta do amor!

Durval e Lívia

O apego, o amor que de nós provou
A carne, o espírito, e nos deixou...
Presos e agrilhoados nas lousas
Tortuosas pétalas das Magnólias!

Durval

Eis que surge entre as Brumas
A divindade segunda,
Que prova entre as penumbras
Os segredos da vinda!

E o poeta que cego tece
Odes e sonetos,
Para esta são obsoletos,
Pois seu coração me pertence!

Avisto entre a névoa densa
Que sobre o rio descansa
Aquela que de meu peito furta
O coração fraco; e murcha...

A esperança de um verso
Pequeno que seja,
Do poeta que mudo rasteja
Aos teus pés cá estou submisso!

Lívia

Sinto que a lua se diluiu
Entre as nuvens cegas
E entre o sol do meio dia
E a loucura das Vergas...

Donde meretrizes pastam
À toa, feito o esmo navegante,
Entoam dos amores, arrastam,
Aqueles que nos são amantes!

E o livro que sobre a mesa morre
Aberto em folhas manchadas,
Provam ao poeta a dor melancólica
Do gosto de lágrima que escorre.

Durval

Mas se não sou eu o poeta
Que ama e odeia linda França?
Quem mais seria se tu viste
Entre emaranhados quiseste...

Minha ode tão pequena
Perante Mestre que Declama
Sua celebre e bela poesia, ouço...
Dos umbrais da noite O Corvo!

E uma voz soa em meu ouvido
E me diz quase mórbido,
Nunca deixe de amar, jamais
Pois será tarde - NUNCA MAIS!!!

Lívia

Fecha a janela e se deita, põe a mão sobre o ventre...

Sinto o calor me rasgando o ventre
Sinto tal o vento que fratura a flâmula
Sinto no peito o lábio sangrento
E num tortuoso momento...

Posso ver a língua que mingua
Dentro da vagina úmida,
Sim... sim... posso senti-la
Dentro, profunda tal ferida!

A tempestade desaba...

E posso me aquietar ao segredo
E no poço do fundo desejo
Tal o corpo que esquartejo
Tal o funéreo e tétrico beijo!

Se Durval pudesse cá ficar
Dentro desta musa que o deseja
Seria eu sua e ele meu, que seja,
Tal a rima a poesia elitista!

E na ponte sob tempestuoso tempo...

Durval

Caia sobre este corpo ó tempestade
Tempo tempestuoso, leproso!
De nada me vale a vida, atadura
Desta ferida moribunda!

A cavalaria surge dentre a neblina, enquanto as lamparinas uma a uma apagam-se, Durval puxa seu florete...

Duelo

Durval

Alto... quem lá vem?
Digais quem este peito perturba
O amor e o silêncio em tumba...
Se desejares dar-te-ei a mais funda!?

Sobre seu cavalo, ao lado de dois soldados....

Pérsio

Capitão-Mor de nosso Rei
É o que sou, e tu poeta Boêmio
Pelo que de ti sei
Perambula pela noite em lamento...

Parta-te já, eu te ordeno
Ou terei que a ti levar
Às masmorras do castelo
E lá tu deverás ficar!!!

Durval

Ó se não és o saqueador
Que usa a coroa do mau rei
Para seu bel prazer?
Digas ó senhor que rasteja
Deve-se derrubá-lo da cavalgadura
Ou espero para te pilhar a vida?

Pérsio

Desde já se considere morto
Poeta maldito Werter dos seus,
Deve-se saber, todo o povo
Que Durval esta noite morreu!

Cravar-te-ei a espada e o punhal
Uma sobre a outra, de ti farei modelo
Para os outros malditos boêmios
Que poeta e mula são assim que se matam!

Durval

Fico a me perguntar: serás tu
Homem de briga como de palavra
Sim, porque tu apenas falas
E não o vejo do cavalo apear?

E tal feito tu a mim vier
Sentirá tal a Obra de Cyrano
Cada palavra de meus versos
Enquanto te perfuro o antro!

Há muito que te espero
Sim, como o Alquimista o demônio
Tal a fábula a moral
Tal o anormal espera o fenômeno!

Sentirás Ó Pérsio Maldito
A ira deste poeta Florentino.
Que sejas como queiras
Desça e venha....

Pérsio desce de seu frondoso cavalo, desembainha a espada e parte sobre Durval...

Pérsio

Morra, morra seu bosta
A França de ti rumina
A palavra reprimida
De poetas bostas como tu...

Sinta a lâmina do império
E rasteje enquanto vosso sangue
Escorre sobre esta ponte
E verás meu rosto sorrindo...

Durval em meio ao duelo, atravessa o peito de Pérsio que cai por terra, cospe sangue enquanto grita...

Durval

Tome... corra... fuja... Vá!
Conte ao rei que fui eu Durval
Que seu Capitão-mor
A vida no florete lavou tal o mal!

Pérsio

Morrendo...

Eu te amaldiçoo poeta
Serão tristes cada um de teus dias,
Tua vida será tal o meu sangue
Que nesta tempestade mingua!

E no castelo recebe nosso rei o tortuoso recado de Durval, que de seu cavalo derrubou da vida Pérsio Príncipe filho do rei da França!

Rei Hadrien

Eis a minha vontade, único desejo,
Quero que meu forte exército
Varra a cidade, pedra por pedra
E aos meus pés Durval esteja...

Darei ao homem que com vida
O trouxer, mil moedas de ouro
E a mão de minha filha Lívia...
E o tornarei Capitão-mor do reino!

Saem às ruas os soldados em milhares, todos esperam encontrar Durval, que ainda se encontra na ponte se lamentando pela vida...

Durval

Vendo-te cuspir sangue verme
Lembro-me dos tempos de liceu
Onde Mestres grandiosos, tecem
O ensinamento aos poetas como eu!

Saiba que a poesia...
É filha do dia, prima
Da noite e irmã da rima!

Tem início a amarga vida...

Durval ouve uma voz ecoar pelas ruelas, um voz de mulher, de menina e corre em direção, encontra Lívia moribunda...

Lívia

Por que homem que amo
Mataste meu único irmão,
Por este ato, nos separa como
Celas escuras no coração!

Não o culpo pelo ato criminoso
Não desconhecia o ódio que por ti
Pérsio carregava e tinha
Como modelo de prélio e rinha!

Mas meu pai o Rei, acaba de ordenar
Que dará por vossa cabeça mil moedas
E minha mão para o mais valente a ganhar
Minha virginal flor e sua vida ao seus pés!

Durval

O que me dizes leva-me a crer
Que desde já devemos partir,
Seguir mar adentro e navegar
Esquecer de uma vez este lugar!

Tenho em minha casa economias
Dará para um barco e uma tripulação
Corajosa e preparada comprar...
Partiremos no alvorecer!

Lívia

Entenda, viver contigo é o que mais quero
Mas partir dessa maneira não desejo
Espere, fuja e se esconda, arrumarei um meio
E partiremos assim que pudermos!

Durval

Para onde irei, se ficar bem sabes que morrerei
Pois vivo teu Pai nosso maldoso rei
Não verá a cor de meus olhos
E se vier a ver o matarei tal a Pérsio!

Os soldados...

Despedem-se com um comovente beijo, Lívia volta para as sombras e Durval monta a cavalgadura de Pérsio e parte em direção à área rural...

Continua...

Flávio Ferreira de Melo
Sócio Correspondente

BODAS

José Bueno Lima

O tempo era de casamento. Não foi só na Inglaterra que aconteceu. Aqui também tivemos o nosso. Claro que não dá para comparar. Não temos a Abadia de Westminster, o Palácio de Buckingham, as carruagens puxadas pelos pomposos cavalos, nem a guarda real, com seus uniformes magníficos. E, muito menos, príncipe.

Durvalina e Genival conheceram-se numa roda de samba. Numa daquelas em que os bambas do partido-alto eram encontrados. Entre eles Aniceto do Império, Candeia, Xangô da Mangueira, Geraldo Babão, Clementina de Jesus, e tantos outros.

Ela, diarista de casa de família, morando no Vidigal, era uma cabrocha daquelas que, se Sargentelli ainda vivesse, não teria dúvida em contratá-la para sua "troupe". Um corpo escultural. Dançava samba como ninguém! Mas, de uma seriedade a toda prova! Com ela não havia aquela história de, olhou, deu uma piscada, já estava nos braços do galanteador! Não! Era preciso ter muitas qualidades para conquistá-la. Vivia sozinha. Apesar de ficar na favela, sua casa, de alvenaria, era um primor. Tudo no seu lugar, a cozinha sempre limpa, equipada com fogão moderno, geladeira *frost free*. A sala, pequena, com sofá de dois lugares, e uma TV de 20 polegadas, tela fina. Assim arrumadinho era seu quarto, com cama de casal, e um guarda-roupa bem organizado. Banheiro impecável. Dava inveja à vizinhança. No trabalho, então, poder-se-ia encontrar alguém igual, o que já era difícil, melhor jamais. Feliz a dona-de-casa que tivesse Durvalina como sua auxiliar de limpeza. Para completar, em algumas das casas em que trabalhava, era contratada para cozinhar. Excelente, também, no fogão!

Diante de todos esses predicados, sua fama era de uma mulher ideal, e o homem que tivesse a felicidade de conquistá-la como companheira, poderia levantar as mãos para os céus, em agradecimento a Deus.

Genival, por sua vez, não foi à toa que conquistou Durvalina. Trabalhador, solteiro, morava em Ramos, membro da Sociedade Amigos de Ramos, onde exercia o cargo de diretor. Era funcionário da Secretaria de Saúde do Estado, todavia, na área burocrática. Sério, um servidor cumpridor fiel de suas obrigações. Jamais deixava seus deveres para amanhã. Arquivos sempre atualizados. Como ela, era afrodescendente.

Sua paixão era o samba, e, nos fins de semana, não deixava por menos, ia para o reduto dos sambistas famosos.

Numa dessas ocasiões, conheceu Durvalina. Quando vislumbrou aquela mulata, foi como um raio fulminante. Um clarão turvou sua visão! Fechou os olhos, como se estivesse num sonho, não acreditando no que via. Aquele rosto bonito, corpo maravilhoso, lábios carnudos, tudo conjugado com a simpatia da moça, logo se sentiu conquistado.

Durvalina, como era de se esperar, apesar de ter simpatizado com Genival, não deu qualquer demonstração de interesse. Apenas sorriu. Ela percebera que havia impressionado aquele desconhecido. Trocaram palavras, simples amenidades, não passando disso. Entretanto, mais tarde, já bem descontraída, houve uma abertura e ele se aproveitou, convidando-a para novos encontros.

Assim, pouco a pouco foram se conhecendo. Cada vez mais Genival sentia-se atraído por Durvalina. Sua doçura, meiguice, sinceridade, todas essas qualidades, e as provas de excelente dona-de-casa que demonstrava ser, deixavam-no tranquilo, com a certeza de que teria nela, uma grande companheira. Sem falar em seus atrativos como mulher bonita, atraente, que impressionava qualquer cidadão que a visse.

Com Durvalina acontecia a mesma coisa. Via em Genival um homem honesto, trabalhador, sério, fiel cumpridor de seus deveres, demonstrando que haveria de ser um bom marido, e um ótimo pai. E, não deixava de ser um bonito mulato. Além disso, tinham em comum, algo que adoravam fazer: dançar. O samba estava em seus sangue.

Um dia, dançando na Estudantina, conhecida gafieira carioca, Genival diz ao ouvido de Durvalina:

— Você quer casar comigo? — Ela arregalou os olhos, surpresa pelo momento, conquanto já o esperasse.

— Claro meu amor, é a coisa que mais queria ouvir de você! — E deu-lhe um sonoro beijo.

Daí em diante, começaram a traçar os preparativos. Durvalina, muito consciente, pés-no-chão, elaborou uma lista minuciosa de tudo o que mais precisavam a fim de concretizar o desejo. Genival, então, confessou a ela já haver todo o necessário. Durante o tempo de namoro, com muita cautela e sem alarde, fora adquirindo móveis, aparelhos domésticos. E a casa onde morava, sendo de sua propriedade, toda reformada, iria ser a residência do casal. Estava totalmente mobiliada.

Marcaram a data: 29 de abril de 2011.

Por coincidência, o mesmo dia do casamento do príncipe William e a plebeia Kate, na Inglaterra.

Naquela sexta-feira, Durvalina acordou mais cedo, e assistiu, inteirinho, o casamento real. Ficou mais ansiosa! Tinha plena noção das diferenças entre as duas cerimônias. Mas, sentia-se feliz!

Cerimônia simples, na Igreja de Nossa Senhora da Penha, e recepção na quadra da Escola de Samba Estação Primeira da Mangueira, com direito à exibição da mesma, durante a festa.

Mais ou menos às 22h, quando a comemoração estava no auge, Genival lembrou-se de algo muito importante. Imediatamente, largou Durvalina no meio da pista de dança, e do mesmo jeito que estava vestido, saiu em desabalada carreira, rumo à sede da Sociedade Amigos de Ramos.

Lá estavam todos os seus documentos necessários.

Por esquecimento, no corre-corre dos preparativos do casamento, deixara de fazer e enviar a declaração de seu Imposto de Renda, cujo prazo de entrega venceria dali a menos de duas horas!

Foi cumprir seu dever!

CHICO E BENTO NA PEDRA BRANCA

Homenagem ao Dr. Rubens Awada, o Bimbo

Na prazerosa Trabiju, município próximo de Araraquara, interior de São Paulo, fica a Fazenda Pedra Branca, de propriedade do Dr. Rubens e Dona Ignez.

Ali viveram Chico, um cocker spaniel e Bento, um labrador. Toninho e Ana, caseiros da fazenda, tinham a companhia deles o dia inteiro, sendo testemunhas das algazarras e peraltices que promoviam nos arredores da casa.

Ora correndo atrás das angolas, ora latindo em direção ao papagaio Loro, que ensinado pela Cíntia, filha do casal, entoava o hino nacional, e vivia chamando o pessoal da casa pelo nome. Até o casal de seriema, presença diária diante da casa, deliciando-se com as nozes que a menina lhes oferecia, era sempre acossado pelos dois cães. Não davam sossego para ninguém. Eram da paz. Desconhecidos, todavia, que se cuidassem, pois, aí, eles avançavam para morder.

Um grupo de velhos amigos dos donos da fazenda, liderado pelo proprietário, costumava passar certos fins de semana no paradisíaco lugar.

Chico e o Bento recebiam essa turma, seus conhecidos, com muita alegria. Para os filhos, netos, sobrinhos e até os parentes adultos dos donos então, os dois tornaram-se parte da família, pela maneira e carinho com que tratavam uns e outros.

Certa ocasião, Chico sumiu, ninguém tendo a mínima noção de onde estaria o safado do cachorro. Ficou vários dias ausente, todos pensando: será que ele morreu? Será que foi levado por alguém? Por fim, certo dia reapareceu, como se nada tivesse acontecido. Provavelmente teria sido levado por alguma paixão...! Estava muito magro.

Passado algum tempo, tornou a desaparecer. Dessa vez não retornou. Foi assim: Chico e Bento saíram pela noite, quem sabe para uma caçada, ou em busca de uma aventura amorosa. Chico nunca mais voltou. Para Toninho, o caseiro, ele foi morto por um animal selvagem pois, "com certeza, eles existem, inclusive há nas imediações, um morro coberto por fechada vegetação. Verdadeira floresta. Volta e meia, gato do mato deixa seus rastros". Hipótese não descartada. O fato é que ele nunca mais deu sinal de vida, para desespero de todos os que com ele conviviam!

Com Bento, também aconteceu um fato interessante. Uma noite saiu para a costumeira caçada. Apareceu, no outro dia, com o focinho todo espetado, na certa ocasionado pela luta com um ouriço. Grande sofrimento. Houve necessidade de ser anestesiado para a remoção dos espinhos. Por esta ocasião, notava-se uma queda muito grande em sua saúde. A idade, avançada, pesava-lhe e, de fato, pouco depois ele veio a falecer.

Como em certa ocasião, a pedido de um fazendeiro vizinho, ele cruzara com uma cadela de sua raça, nasceram alguns filhotes e um deles veio viver onde Bento morara.

Desta forma, Bento ainda está representado na Fazenda Pedra Branca.

José Bueno Lima
Cadeira 14 - Patrono Álvares de Azevedo

NÍSIA FLORESTA

João Bosco dos Santos

A vida de Nísia Floresta Brasileira Augusta é repleta de acontecimentos dignos de registro. Nascida no ano de 1810, no dia 12 de outubro, em Papari, filha do português Dionísio Gonçalves Pinto Lisboa e da brasileira Antônia Clara Freire, é reconhecida como pioneira pelas causas feministas no Brasil e na América Latina. Ao escolher o seu pseudônimo levou em consideração o seguinte: Nísia, o final do seu nome de batismo Dionísia; Floresta, uma homenagem ao sítio onde nasceu; Brasileira, uma necessidade de afirmar o seu nacionalismo e; Augusta, uma homenagem ao seu segundo companheiro, Manoel Augusto de Faria Rocha, com quem se casou em 1828.

Ao longo de sua existência, Nísia Floresta viveu durante quase três décadas na Europa, especialmente em Paris. Na efervescência parisiense ela conviveu com Lamartine, Alexandre Dumas (pai) e Auguste Comte, considerado o pai do Positivismo, que a influenciou de modo considerável. Foi, provavelmente, "a primeira mulher a romper os limites entre os espaços públicos e privados publicando textos em jornais, na época em que a imprensa nacional ainda engatinhava". Convicta de seus ideais lutou pela educação das mulheres, pelos indígenas, pela abolição da escravidão e pela liberdade religiosa. Nísia Floresta, como feminista empedernida, entendia as mulheres como figuras sociais de importância relevante, dotadas de uma identidade fundamental para o crescimento das sociedades. Conforme aponta Constância Lima Duarte:

> A cultura geral, enfaticamente pleiteada, serviria tão somente para melhor preparar a mulher para assumir com responsabilidade o papel de mãe de família, dentro do rígido controle de sua moralidade. O "poder" feminino, tão sonhado anteriormente, limitar-se-ia àquele obtido através da influência junto aos filhos. (Duarte, 1995, p.218).

Nísia Floresta escreve em *Direitos das Mulheres e In-*

justiça dos Homens, seu primeiro livro e o primeiro no Brasil a tratar dos direitos das mulheres à instrução e ao trabalho, considerado como a tradução livre do *Vindication of the Rights of Woman,* de Mary Wollstonecraft:

> Se cada homem, em particular, fosse obrigado a declarar o que sente a respeito de nosso sexo, encontraríamos todos de acordo em dizer que nós nascemos para seu uso, que não somos próprias senão para procriar e nutrir nossos filhos na infância, reger uma casa, servir, obedecer e aprazer aos nossos amos, isto é, a eles homens. (Floresta, 1989, p.35).

Para alguns estudiosos, o *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens* não era genuinamente de sua autoria e sequer a tradução do *Vindication* de Mary Wollstonecraft, apesar dessa informação ter se perpetuado na historiografia e contribuído para a identificação de Nísia Floresta como precursora do feminismo no Brasil. Como educadora, tornou-se uma crítica indomável do sistema de ensino vigente à sua época. Um pequeno excerto do *Opúsculo Humanitário*, publicado em 1853, traz-nos a sua compreensão sobre o que ela considerava como "sistema inquisitorial":

> Acrescentemos agora ao medíocre número dessas escolas a confusão dos métodos, das doutrinas seguidas pelas professoras, quase sempre discordes em seus sistemas e, como já observamos, em grande parte sem as necessárias habilitações e teremos, reduzido à expressão mais simples, o número da nossa população feminina que participa do ensino público e o grau de instrução que recebe.

À frente do seu tempo, a educadora, escritora e poetisa Nísia Floresta defendeu, com convicção férrea, o direito à educação científica para meninas, lançando as bases para que gerações futuras de mulheres pudessem aprender e ensinar em escolas e universidades. Para Veríssimo de Melo, "Nísia Floresta Brasileira Augusta foi a mais notável mulher que a história do Rio Grande do Norte registra". Dona de vasta bibliografia, publicou cerca de vinte livros entre os anos de 1832 e 1878.

DOIS POEMAS DE NÍSIA FLORESTA

Aqui sob esta abóboda

Aqui sob o zimbório, onde um santo viveu,
Eu cismo sobre o nada... E a lama entristeceu...
E vem-me ao coração, assim, desiludido,
Santa recordação do meu filho querido...
A lembrança dos meus é orvalho enluarado
Suavizando o calor do meu peito abrasado.
Da vida no espinhal, de minha mãe a imagem
É perfume de flor, é verde de ramagem...
Branca e doce visão aos pés do altar pendida,
Intercedendo aos céus pela filha dorida,
Que chora de amargor, ante o vício e o pecado,
Enquanto escuta da alma um som nunca estudado...
Brando e divino som, que ao coração me vem
Como réstias do sol, como um sopro do Bem...
Seria a tua prece, ó mãe, o teu cicio
Que em mim repercutindo, eu sinto que alivio?
Deus fazendo vibrar seráfica oração,
Harmonia do céu, dentro do coração?
Ó mãe, esposo e pai, ó trindade primeira,
Que eu recordo, entre o crepe e a flor da laranjeira,
Como estrelas brilhando em rosários de luz,
Um clarão derramai aos pés da minha Cruz!...

Improviso

Ao distinto literato e grande poeta, Antônio Feliciano de Castilho

Vate sublime, que os primeiros sonhos
Da juventude minha hás embalado,
Quando às margens do fresco Beberibe
Os teus primores d'arte eu decorava
Às ilusões entregue dessa idade,
Em que os risos de amor tanto seduzem!
Tu nos deixas enfim! e as plagas nossas
Ao verem-te sair gemem saudosas;
Gemem os corações dos brasileiros,
Que como meu reter-te não puderam
Nesta terra que ufana te incensara
Se o gênio aqui tivesse um templo seu!
Inclina triste a fronte, ó Pão de Açúcar,
Ao poeta que passa! ao gênio deve
A matéria imponente assim curvar-se.
Embalde indiferente ela se ostente,
A grande inteligência, que mar afora
Lá se vai!... nos corações nossos deixando
Da pungente saudade a dor acerba!

Nísia Floresta morreu em consequência de pneumonia, aos 74 anos, em 24 de abril de 1885 e seu corpo foi sepultado no cemitério de Bonsecours, Rouen, na França. Em agosto de 1954, quase setenta anos depois de sua morte, os despojos foram levados para sua cidade natal, estando sepultados em um túmulo no Sítio Floresta, onde ela nasceu. T

João Bosco dos Santos
Cadeira 28 - Patrono Catulo da Paixão Cearense

Eva Bueno Marques

A PRESENÇA DA POESIA EM MINHA VIDA

A Poesia esteve sempre presente em minha vida. Desde criança, antes mesmo de saber ler, ficava encantada com os versos que minha mãe dizia, e que aprendera quando ainda estava no Grupo Escolar. O mesmo em que estudei, hoje, a famosa Escola Estadual Coronel Manuel Pinto. Mamãe tinha, como eu, a alma envolta por coloridos raminhos delicados da poesia. Enquanto ela ia declamando o - Pássaro Cativo - de Olavo Bilac, eu ia admirando cada gesto dela torcendo pelo fim do sofrimento daquele passarinho. Queria que chegasse logo ao final para que eu sentisse o alívio da liberdade concedida àquela ave tão desprotegida. Eis alguns dos versos:

> *Não quero o teu alpiste!/Gosto mais do alimento que procuro/Na mata livre em que a voar me viste;/Tenho água fresca num recanto escuro/Tenho frutos e flores, Sem precisar de ti!/...Não quero a tua esplêndida gaiola!/Pois nenhuma riqueza me consola/De haver perdido aquilo que perdi ...//Solta-me ao vento e ao sol!/Quero saudar as pompas do arrebol!/Deus me deu por gaiola a imensidade:/Não me roubes a minha liberdade .../ Quero voar! voar!...“/Estas cousas o pássaro diria,/Se pudesse falar./E a tua alma, criança, tremeria, /Vendo tanta aflição:/E a tua mão tremendo, lhe abriria/A porta da prisão...*

Quando comecei a estudar tive a sorte de ter como livros de leitura do segundo ao quarto ano, “As Mais Belas Histórias” da mineira Lucia Monteiro Casasanta, uma das mais respeitadas educadoras do Brasil. Foi nesse mundo maravilhoso, publicado em 1954, que tive o contato com as primeiras poesias escritas. Gostava tanto que as decorava, muitas eram as vezes que as lia.

Mas a primeira poesia que li marcou-me tanto que a trouxe para a realidade, chegava a ouvir o som do (troc...troc.. troc...), de - A canção dos Tamanquinhos -. E jamais poderia imaginar que me apaixonaria pela sua autora que, naquela época, criança ainda, nem conhecia: Cecília Meireles.

> *Troc…troc… troc…troc…/ligeirinhos, ligeirinhos,/ troc…troc… troc…troc /vão cantando os tamanquinhos /Madrugada. Troc troc /pelas portas dos vizinhos/ vão batendo, Troc troc /vão cantando os tamanquinhos /Chove. Troc troc troc /no silêncio dos caminhos/ alagados, troc troc /vão cantando os tamanquinhos /E até mesmo, troc troc /os que têm sedas e arminhos,/ sonham, troc troc troc /com seu par de tamanquinhos*

E sonhei tanto com eles que minha mãe acabou comprando um par para mim. E quando os calçava e ouvia o seu troc...troc..., sentia-me dentro da poesia. Caminhei com eles por jardins imaginários, sobre nuvens coloridas, de mãos dadas com muitas crianças encantadas. Esse desejo infantil que me marcou tanto, fez com que a poesia entrasse pelos meus pés (troc...troc...) e foi crescendo regada pelo estímulo das queridas antigas mestras, aos poucos, tornando-se uma frondosa árvore que se enraizou por todo o espaço de meu coração.

Depois morri de amores pela *A Fazenda* de Paulo Setúbal. (Tatuí-SP - 1893/1937 - advogado, jornalista e escritor de prosa e verso. Autor de romances históricos, crônicas, contos, poesia e memória, Setúbal traduz como poucos a vida simples do brasileiro interiorano. A fidelidade com que retrata a vida campestre em seus poemas emociona, inebria).

Tão bem descritos os detalhes que compunham aquele bucólico lugar que eu sentia muita vontade de conhecer, então o trouxe também para a minha vida.

Leves cortinas bailando ao sol da manhã, varanda cheirosa de bogaris, altos coqueiros circundando o pomar, o pasto, um boi deitado no chão, casinhas brancas de cal, a escola, o cafezal, a poesia daquela radiosa manhã e a interrupção do olhar absorto e extasiado pela mucama chamando para o café. Uma estrofe da linda poesia:

...Fulgem, na estrada tranquila,
Casinhas brancas de cal:
E a colônia que cintila,
Graciosa como uma vila,
Risonha como um pombal....

Quem não gostaria de ficar para sempre nesse mundo de paz que ele tão bem soube descrever com seus versos e suas rimas? Eu quis muito.

Olavo Bilac também me chamou a atenção. Declamei algumas vezes na Escola, *A Pátria* de sua autoria:

...Vê que grande extensão de matas, onde impera
Fecunda e luminosa, a eterna primavera!...
...Criança! não verás país nenhum como este:
Imita na grandeza a terra em que nasceste!

E Castro Alves, Gonçalves Dias, Fagundes Varela e muitos outros poetas também me deram o prazer de conhecê-los na escola através de suas poesias.

Que aulas prazerosas aquelas em que líamos as belas poesias, minha alma sorria alimentada com a beleza de tantos versos, os quais não saíam de minha cabeça.

Como as professoras perceberam a minha facilidade para decorar e o meu gosto pelas poesias, em todas as festas da escola e da cidade, sempre estava eu lá, marcando presença, com uma poesia que era sempre ensaiada com antecedência.

A sonoridade das rimas que se repetiam me dava o prazer de ouvir uma melodia na minha própria voz. Na poesia, a língua é mais trabalhada e nesta sensibilidade estética eu conseguia imaginar todo o simbolismo das palavras quando chegavam aos meus ouvidos. E isso foi desenvolvendo a minha criatividade e educando a minha imaginação, levando-me a escrever mais e entender melhor os textos. O que eu lia se reproduzia em imagens no meu mundo concreto e assim aprendi a passear pelo imaginário, com grande facilidade.

Aprendi a ver Deus, o mundo, a natureza e as pessoas com poesia na alma. Tudo fica mais leve, em versos. É uma questão de treino, gosto e aptidão que vai trazendo essa leveza ao interior e aflorando cada vez mais a sensibilidade.

A semente plantada no Grupo Escolar brotou com força e cresceu bastante no decorrer do curso Ginasial - hoje Ensino de Primeiro Grau - e pelo Curso Normal - Magistério.

A poesia se tornou o meu corrimão nas adversidades da vida. É o guarda-chuva que me protege das tempestades que encontro, inesperadamente, em minha caminhada.

Ler uma poesia em voz alta, vai treinando a nossa atenção para a respiração, impostação, ritmo e acentuação, requisitos tão importantes para se falar em público. Vai educando a nossa voz e treinando-nos para uma melhor comunicação.

A poesia é como se fosse um jogo de palavras que nós escolhemos, juntamos num verso e, em doce melodia, elas vão nos mostrar mais beleza e nos proporcionar profunda satisfação.

Poesia é arte de escrever em versos, com a liberdade de passear sem limites pela imaginação, buscando desabrochar a voz do coração. Ela é mais emoção que razão. A razão vê a realidade tal como é mas, a poesia pode modificá-la conforme determina o coração que divaga e se mostra nas entrelinhas. E necessário senti-la, absorver a carga de emoção que transborda do íntimo do poeta, após seu motivo de contemplação e sua inspiração.

Mas foi a sensibilidade de Cecília Meireles que me acompanhou pela vida afora e está entranhada em meu coração. Segui os passos de sua vida e nunca deixei de ler as suas encantadoras poesias, obras-primas de sua análise do mundo, inconformada com os acontecimentos da vida, mas sem deixar de ser leve. E essa leveza em sua obra é o seu maior encanto. Do seu livro *Cânticos*, reunião de 26 poemas intimistas para reflexão, vejam em dois abaixo, a profunda contemplação da autora e a beleza de conteúdos:

Cântico I
Não queiras ter Pátria.
Não dividas a Terra.
Não dividas o Céu.
Não arranques pedaços ao mar.
Não queiras ter.
Nasce bem alto.
Que as coisas todas serão tuas.
Que alcançarás todos os horizontes.
Que o teu olhar, estando em toda parte
Te ponha em tudo,
Como Deus.

Cântico XII
Não fales as palavras dos homens.
Palavras com vida humana.
Que nascem, que crescem, que morrem.
Faze a tua palavra perfeita.
Dize somente coisas eternas.
Vive em todos os tempos
Pela tua voz.
Sê o que o ouvido nunca esquece.
Repete-te para sempre.
Em todos os corações.
Em todos os mundos.

Os quatro últimos versos deste *Cântico* foram selecionados e constam ao lado de sua foto, estampados na cédula de cem cruzados novos lançada em 1989, pelo Banco Central e que circulou no país de 15/04/90 a 30/09/92.

De sua vasta e rica obra, é muito difícil selecionar algumas, porque todas são repletas de beleza poética. Não poderia deixar de registrar aqui o seu

Epigrama nº 8:
Encostei-me a ti sabendo bem que eras nuvem
Sabendo bem que eras onda depus a minha vida em ti.
E como sabia bem tudo isso e dei-me ao teu destino frágil
Fiquei sem poder chorar quando caí.

Em 1985, tive a sorte de conhecer dois grandes poetas com quem muito aprendi nos anos de convivência: Rinaldo Gissoni e Gioconda Labecca. Sonetistas de grande sensibilidade, seus versos apresentam uma técnica perfeita e encantam a todos. Logo a seguir, também conheci uma mulher valorosa, que se tornou minha grande amiga até os seus últimos dias de vida: a professora e poetisa Yolanda Ascencio, grande sonetista, de apurada sensibilidade, tão querida confidente, com quem falava quase todos os dias e de quem sinto uma saudade imensa. Foi muita felicidade poder conviver com pessoas tão especiais que alimentaram o meu coração com suas belas poesias. Agradeço a Deus essas presenças em minha vida.

Revendo meus anos, posso constatar que da infância até hoje, tive a boa estrela da poesia a me seguir e alimentar a alma e por isso acho que fui premiada com um destino melhor que o das princesas das histórias infantis, pois construí um lindo castelo interior.

Não saberia dizer até que ponto a poesia norteou a minha vida porque é imensurável, só sei que ela me fez tricotar muitos sonhos com a linha do horizonte e peneirar muitas estrelas que iluminaram meu caminho, trazendo a beleza e a serenidade para a minha alma. Apenas posso dizer que o efeito da poesia é muito particular, depende de quem a ouve, não se define nem se explica, poesia é mesmo para sentir!... T

Eva Bueno Marques
Cadeira 26 - Patrono Cecília Meireles

PAZ

Semeia-se a paz todos os dias

Ana Stoppa

Sentimento capaz de proporcionar ao ser humano a serena sensação de bem estar, equilíbrio, da proximidade com Deus e ampliação do amor fraternal, abrangendo não só os fatos positivos mas a superação dos negativos. A paz é um sentimento que se semeia diariamente, regando-o com a água da bondade, da compreensão, do entendimento, da sabedoria, do amor e do perdão.

No entanto, a busca pela paz não se traduz em simples vontade. Quando duas ou mais pessoas se comunicam existem diferenças a serem compreendidas e superadas, pois a perfeição não existe e o aprendizado ocorre quando opiniões diversas se confrontam até que se estabeleça o ponto de equilíbrio e assim se encontre a almejada paz. Ela vai além das nossas necessidades pessoais. Somos todos partículas do Criador, por isso se nosso semelhante sofre, também sofremos. Se ele perde a batalha pela vida, ou sucumbe diante da desigualdade social, da injustiça, das doenças e das guerras, também morremos um pouco.

E o que dizer das crianças abandonadas, dos idosos depositados em asilos, dos marginalizados de todas as espécies, dos refugiados, dos sem teto ou terra, dos sem norte, daqueles a quem a vida por circunstâncias que não nos cabe julgar sempre permaneceram do lado de fora da igualdade, rejeitados como meros viventes desprovidos de sentimentos?

Neste contexto, que agradeçam incessantemente os que vivem em um lar estruturado, dispondo de um mínimo digno necessário para esta vida transitória. Estes deveriam, de alguma forma, promover ações para amenizar o sofrimento dos semelhantes. Esta é a missão que Deus nos reserva, independente da raça, credo ou fé.

A paz jamais estará restrita às quatro paredes das confortáveis mansões ou dos casebres, das posses ou dos títulos acadêmicos. Vivemos em uma aldeia global, basta abrirmos a porta de nossa casa para nos depararmos com

a realidade, e se não agirmos com determinação e vontade de projetar um mundo melhor, fora do "casulo", estaremos tão desprotegidos em termos de segurança, serenidade e paz quanto os segregados. Fechar a porta não tem qualquer valia se cada um, criar condições que permitam uma vida descente somente para si e os seus.

Se Deus deu a cada um de seus filhos o dom da vida, certamente não o fez apenas para que viessem a este mundo desfrutar das benesses, amealhar o ouro de tolo, as inúteis e ilusórias riquezas ou títulos para a promoção pessoal; a paz não comporta estas futilidades, ademais tudo ser absolutamente transitório, somos todos meros passageiros sem data prevista para o desembarque final.

Então, como promover esta paz? Como tornar-se um ser operante em busca de um mundo melhor onde o meio ambiente seja respeitado, a natureza e tudo o que ela contém sejam tidos como o maior bem que Deus deixou para o ser humano? Como contribuir para amenizar, no que for possível, o sofrimento de nosso semelhante? Como trabalhar pela paz entre os homens?

Efetivamente não seremos capazes de solucionar o todo, mas se nos colocarmos à serviço da paz, descobriremos o quanto podemos fazer ao nosso redor.

Experimentamos e propagamos a paz com postura positiva, quando fazemos, enquanto instrumentos de Deus, trabalhos voluntários; quando estendemos um olhar de ternura ou damos um abraço naqueles que jamais poderiam nos retribuir, especialmente os que vivem segregados em asilos, orfanatos, hospitais e instituições de caridade.

Experimentamos a paz quando transmitimos aos nossos filhos valores essenciais, como honestidade, fé, simplicidade, capacidade de perdoar, de compreender, de aceitar, de agradecer e entender que somos todos filhos de Um mesmo Deus, e que a finalidade de cada um nesta breve existência será sempre fazer este mundo melhor.

Abraços e sorrisos sinceros desconhecem as barreiras impostas pelos acomodados e incapazes de perceber o quão rápida é esta vida para se fechar em torno do tolo poder ou patrimônio, esquecendo-se que ao final tudo é

absolutamente nada, e que as riquezas amealhadas a custa de muito trabalho e sem tempo para si, restará fadada ao desperdício das gerações futuras, se os valores essenciais não lhes foram transmitidos seguindo-se os preceitos cristãos.

Semeia-se a paz todos os dias, independente de se experimentar o estado de tristeza ou de alegria, de embotamento ou euforia. É um exercício diário, que demanda persistência, consciência e muita vontade de ser útil neste cenário hoje tão deturpado diante das desigualdades.

Essa paz tão sonhada por todos reside na simplicidade, na soma de pequenos gestos solidários, na sabedoria, no sentido de que, quando a propagamos, retorna. Respeito ao ser humano, respeito ao meio ambiente, respeito ao patrimônio público, ações para melhorar as condições de vida das crianças, dos idosos, de todos que careçam de uma mão amiga, são gestos que semeiam a paz, e que retornam em abundância como as flores na primavera.

Que sejamos capazes de despertar enquanto temos o sagrado dom da vida, para que por nossa conduta, quando retornarmos à casa do Pai, possamos apresentar um saldo positivo das boas obras praticadas; que possamos deixar semeados infindáveis canteiros de paz, onde em cada amanhecer sob o orvalho matinal da esperança desabrochem as flores de indescritível beleza perfumadas de serenidade, sabedoria, amor fraternal, alento, caridade e perdão.

Semear a paz independente do nosso estado de tristeza ou de alegria; esta é a condição para difundi-la e experimentá-la todos os dias.

Então ela transbordará dos corações, alcançará as ruas do abandono para transformá-las em floridos jardins, caminhará serena entre os becos escuros para abrir espaço que permita ao sol da esperança brilhar para todos amenizando as lágrimas noturnas dos esquecidos pela fé.

Que a igualdade possa se revelar na medida em que os abastados desçam de seus pedestais para juntarem-se às massas sofredoras, numa efetiva atuação em busca de se concretizar a Paz.

Ana Stoppa
Cadeira 09 - Patrono Rinaldo Gissoni

HISTÓRIAS QUE ESCREVI TOMANDO VINHO

Humberto Domingos Pastore

Quem tomou a primeira taça de vinho?

Para responder a esta pergunta procurei ler diversas publicações, em sites e em livros. Eis aqui, o resumo desta história, amigos apreciadores do vinho.

Seguindo o pensar dos historiadores conto que tudo começou há cerca de oito mil anos na região conhecida como Cáucaso, envolvendo os países da Turquia, Armênia e Geórgia. O vinho era apreciado pelos povos da Mesopotâmia, e transportado em odres, pequenas bolsas produzidas com peles de animais. Existem registros de que no século III a.C. o cultivo de uvas já ocupava grandes faixas de terra ao longo do Rio Nilo.

Achados arqueológicos no Egito mostram desenhos e hieróglifos registrando como era feita a vinicultura, desde a prensagem das uvas, sua fermentação, os primeiros rótulos com informações sobre elas, as safras e descrição dos sabores. Não estamos falando de comercialização para o grande público, mas restrito a oferendas aos deuses, e claro, aos reis terrenos...

Deve-se a conservação da bebida aos gregos que começaram a aplicar resina em seus vinhos transportando-os em ânforas mais resistentes, para regiões remotas. Foram também os povos helênicos, os primeiros a estudar as propriedades medicinais do vinho.

Reverendo inglês melhora a vida de apreciadores de vinho

Há algum tempo hospedei-me em um Apart-hotel na cidade de Vila Velha, no Espírito Santo. Numa das noites, decidimos comer por lá mesmo. Fomos ao mercado, bem na esquina, compramos tudo para a refeição e claro, escolhemos um vinho que, se recordo, era um chileno. Mas o que ficou marcado é que ao distribuirmos tudo na mesa da cozinha, sentimos falta do bendito abridor...

Conversando com amigos, sempre aparece uma história semelhante, o que me fez pensar como é que faziam antes da in-

venção do amado saca-rolhas. Ao pesquisar descobri a história que agora conto, já querendo dedicar um prêmio ao seu inventor.

Foi no século XVIII, com a produção em grande escala do vidro para fabricação de garrafas, que os produtores descobriram que ao vedarem suas garrafas com rolhas a qualidade do vinho ficava muito melhor. E em 1795, ao tomar conhecimento deste fato, o reverendo Samuel Henshall, nascido em Oxford, Inglaterra, teve a brilhante ideia de patentear o primeiro saca-rolhas em formato de um "T", empregando uma rosca de metal aderida a um pedaço de madeira. A história conta que foi este, o primeiro caso de patente de um saca-rolhas. Hoje, com a sua evolução temos centenas de variações.

Inglaterra e França são responsáveis pela garrafa de vidro

Além do ingrediente principal, que é o vinho, minha curiosidade tem me levado a pesquisar tudo o que o envolve. E assim, literalmente, fui à busca da primeira garrafa de vidro utilizada para acondicioná-lo. A melhor informação encontrei no artigo de Marco Ferrari, no Blog *Vinho Fortaleza*, de 2011. Aqui vai um resumo que passo, especialmente a você que lê este texto.

Após o Império Romano perder força, o vidro deixou de ser trabalhado e só retornou por volta de 1400, na Ilha de Murano, em Veneza, na Itália. Ao longo dos anos foi ganhando um *design* próprio, mas a primeira garrafa a receber o vinho só foi acontecer em 1613, na Inglaterra. Era verde, mais resistente, vedada com rolha, pescoço alongado e bojuda. Curiosamente, a maioria dos governos proibia o transporte de vinho acondicionado em garrafa.

Foi só em 1728 que o governo francês autorizou os produtores da região vinícola de Champagne a utilizar a garrafa de vidro para comercializar o vinho. A partir daí o seu uso se espalhou pelo mundo e cada região desenvolveu um modelo diferente para armazenar o seu produto.

Quem aprecia vinho, admira as suas rolhas

Pode reparar nos admiradores de vinho. Eles também dedicam uma atenção especial às rolhas, principalmente

às tradicionais produzidas em cortiça. Tanto que existem empresas especializadas em fabricar peças artesanais onde os colecionadores podem guardar suas relíquias retiradas das garrafas de vinho que foram abertas... e consumidas.

As rolhas também têm sua história. O Blog português, da Revista de Vinhos nos revela que "nos anos 30 do século XVII, Kenelm Digby inventou a garrafa de vidro" e que "cinquenta anos depois, uma segunda revolução aconteceu, com o desenvolvimento da rolha de cortiça".

Conta a história que as primeiras rolhas de cortiça eram cônicas e em 1680, D. Pérignon deu-lhes o lugar das rolhas de madeira no gargalo de uma garrafa com vinho espumante. Em 1830 surgiram os equipamentos capazes de introduzir rolhas cilíndricas nos gargalos das garrafas e 60 anos depois foram fabricados os primeiros aglomerados de cortiça. No ano de 1903 inventaram-se as rolhas de duas peças, com a parte inferior de cortiça natural e a superior com aglomerado. Atualmente são produzidas rolhas de cortiça de diferentes tipos e dimensões - de cortiça natural, de aglomerado, mistas, cilíndricas, cônicas, para champanhe, de inserção manual, *twin top*, entre outras.

Os vinhos da nau de Cabral

Quem quiser conhecer a história do vinho em terras brasileiras precisa ler o livro de Carlos Cabral, intitulado *Presença do Vinho no Brasil - um pouco de história*, lançado pela Editora de Cultura em 2004.

O autor Carlos Ernesto Cabral de Mello escreveu também um extenso e rico artigo na Revista Adega, que vale a pena ser procurado no blog da *uol,* e lido. Mas como aperitivo conto em resumo a passagem que mostra a existência de um carregamento de vinho na frota de Pedro Álvares Cabral, aquela que saiu do Tejo, em Lisboa, no dia 9 de março de 1500 e chegou às costas brasileiras.

Uma das treze naus da esquadra foi ricamente abastecida de vinho tinto produzido na vinícola de Pêra Manca, no Alentejo. Estes vinhos eram utilizados no preparo e higienização dos alimentos, nas refeições e nas missas diárias das 13 embarcações. Consta que não foi possível

manter este vinho em perfeitas condições, tanto que ao ser oferecido para dois índios experimentarem a bebida, eles, mesmo diante do almirante Cabral, não pensaram duas vezes, cuspiram o líquido todo. Querem mais? Já dei a dica do livro lá no início.

Já tomou vinho de garrafa sem rótulo?

Respondo com um sim! Foi em um restaurante a beira do Rio Douro, na cidade Peso da Régua, em Portugal. Era o verdadeiro "vinho da casa" e custou apenas três euros. Confesso, de ótima qualidade. Fomos orientados pelo nosso guia, que conhecia o vinho e a casa, a pedida mostrou-se muito acertada.

Mas a história que quero contar é que nem sempre as garrafas tinham rótulos. Durante muitos anos a identificação era apenas gravada nas barricas. Isso começou a mudar só no final do século XVIII, com a invenção da litografia, a técnica que permite a impressão de gravuras.

Segundo também, o blog *Vinitude clube dos vinhos*, no século XIX, os franceses e os alemães começaram a utilizar a informação do vinho em rótulos para divulgar suas excelentes safras em sinal de distinção social. Os primeiros rótulos dos vinhos franceses eram limitados e utilizados de forma quase privada, atendendo, muitas vezes, a encomendas de gente de muitas posses.

Conta a história que em Portugal, o Vinho do Porto começou a ser rotulado em 1869, por encomenda de Dona Antónia, para engarrafar os vinhos que deram origem à Quinta do Vesúvio de Dona Antónia A. Ferreira.

Quantas uvas 'cabem' na garrafa de vinho?

Você escolhe o seu vinho, abre, enche as taças dos amigos, aprecia o sabor. E confesse. Nunca se perguntou sobre quantas uvas são necessárias para produzir uma garrafa de vinho! Então respondo, fui pesquisar e posso lhe afirmar que são necessárias 300 uvas. Claro que tem a ver como foi feita a fermentação. Se elas estavam grandes e cheinhas, gerando mais líquido e mais leveza ou acidez, ou eram uvas quase passas, cheias de açúcar natural, mas produzindo menos vinho.

A melhor informação que o Dom Pastore "colheu" e lhes passa agora, foi no blog do vinho Sonoma, que aliás explica que um hectare de videiras tem mais ou menos 1.200.000 bagos, produzindo em média 33 barris de vinho. Número que na divisão, chega ao total de 300 uvas por garrafa. Pronto. Agora pode continuar apreciando sua taça, detendo mais esta rica informação.

Um húngaro protege os produtores de vinho

O padroeiro dos produtores de vinho nasceu no ano de 316 na então Sabária, Panômia, onde hoje está a Hungria. É, portanto, um santo húngaro: São Martinho de Tours. Aos 15, soldado do exército romano, desistiu para seguir Jesus Cristo. Tornou-se padre e serviu como bispo na cidade francesa de Tours, época em que a França chamava-se Gália.

Sua festa acontece no dia 11 de novembro em toda a Europa. Só na França são mais de duas mil igrejas com seu nome. A Catedral da Eslováquia tem sua denominação. Festas tradicionais acontecem em seu dia, tanto na Alemanha como em Portugal.

No Brasil é lembrado principalmente pelos produtores de vinho, que no seu dia cantam dois ditos populares:

— No dia de São Martinho beba o vinho e deixe a água correr para o moinho;

— No dia de São Martinho vá à adega e prove o vinho.

O que a uva tem a ver com a tevê colorida?

Diria que tudo. É que a primeira transmissão oficial em cores, em rede nacional, na televisão brasileira aconteceu na Festa da Uva, na cidade de Caxias, Rio Grande do Sul, no dia 10 de fevereiro de 1972. A responsabilidade pela geração das imagens foi da TV Difusora, com a colaboração técnica da TV Rio e o apoio das TVs Gaúcha, Piratini e de Caxias.

Vale dizer também, mas não conta, que em 1970 houve uma transmissão de TV em cores no Brasil. Foi na Copa do Mundo do México, pela EMBRATEL, mas em caráter experimental e fechado, só para um público bem seleto.

O GPS MENTAL

Antonio Roberto de Carvalho

Nem o próprio Rosiclalvo sabe informar como a coisa teve início. Sabe-se apenas que ocorreu num momento de aborrecimento, quando tentava inutilmente descolar uma vaga para estacionar sua velha perua (Kombi em alguns dialetos), no caótico trânsito da região central de São Paulo, onde o nosso herói labutava há mais de trinta anos como entregador de legumes nos restaurantes da capital paulista, defendendo uns cobres minguados que mal davam para manter as contas em dia.

Desnecessário dizer que a rotina do pobre Rosiclalvo era apinhada de percalços de todos os tamanhos. Trânsito engarrafado o tempo todo, falta de vagas para estacionamento de carga e descarga (apesar do custo astronômico do famigerado "Zona Azul"); horários apertadíssimos para as descargas, uma vez que tudo tinha de ser entregue antes que a panela do cozinheiro entrasse em fervura; e assim por diante.

Em oposição a todos esses contratempos, sobrevive o legado que o abnegado motorista carrega com muita honra e indisfarçável orgulho: o conhecimento pleno das intricadas vias de trânsito da megalópole paulistana. Enquanto muita gente se perde pelas ruas da cidade imensa, ziguezagueando feito formiga de formigueiro recém-desfeito, Rosiclalvo conduzia com invejável sapiência a sua velha perua pelos atalhos labirínticos de todas as zonas, bairros e sub-bairros que formam a cidade.

Não raro, um motorista desprevenido o interpelava nos semáforos, solicitando informações de como chegar a este ou àquele destino. Rosiclalvo, sempre com boa vontade, fornecia as informações e às vezes, dependendo do destino do outro, fazia o convite com um sorriso simpático e orgulhosamente servil:

— Me segue que to indo pra lá.

Um dia, estava atrapalhado no meio do trânsito, procurando uma brecha onde enfiar a perua para descarregar

suas mercadorias, quando um homem, com semblante tenso, o abordou:

— Moço, como é que eu chego à Barra Funda?

Rosiclalvo estava tão compenetrado, que se virou bruscamente e, sem querer, deu uma testada na fronte do interlocutor, que havia enfiado parte da cabeça pela janela da perua. Não foi uma batida forte, mas o suficiente para provocar um ardorzinho chato, que fez os dois franzirem o cenho e exclamarem ao mesmo tempo, enquanto coçavam a testa:

— *Uuuuui!!*

Superado o incidente, Rosiclalvo foi explicar o caminho, mas se surpreendeu quando o outro disse que não precisava mais.

— Acabei de descobrir exatamente como chegar à Barra Funda — disse ele. — Aliás, embora seja a primeira vez que venho a São Paulo, sou capaz de lhe assegurar que consigo chegar a qualquer lugar que eu queira.

Disse isto e saiu correndo, com a confiança e a certeza de quem sabe exatamente aonde vai.

Rosiclalvo achou tudo muito estranho, mas tratou de esquecer o episódio e tocar a vida; afinal, continuava com o seu dilema de não ter onde estacionar.

As coisas só se tornaram mais claras quando, dias depois, o mesmo cidadão novamente o interpelou e disse que estava procurando-o desesperadamente pela região central.

— Eu sabia que você trabalha por aqui e tenho passado nesta rua todos os dias, em vários horários, pra tentar encontrá-lo.

— Meu Deus! Tudo isto por causa de uma simples informação que eu nem cheguei a lhe dar?

— Na verdade, não é por causa da informação, mas da testada — respondeu o outro.

O perueiro arregalou os olhos.

— O senhor se machucou? Vai me processar? Pedir indenização?

O sujeito fez um ar de riso.

— Não é nada disso. Eu só quero que você me dê outra testada.

Rosiclalvo não estava entendendo mais nada. Seria aquele sujeito um louco? Ou um promíscuo em busca de aventuras exóticas?

Percebendo a dúvida do perueiro, o sujeito explicou:

— É que aconteceu uma coisa incrível! Depois daquela testada, foi como se um GPS houvesse se instalado por um período em minha mente. Uma espécie de chip, sei lá... Algo que deve ter saído da sua cabeça e se instalado na minha, pois o mapa da cidade inteira se abriu em minha mente, indicando-me, durante três horas, todos os caminhos que eu precisava percorrer. Depois simplesmente se apagou e eu voltei a ser o mesmo motorista perdido de antes.

Rosiclalvo deu um riso de canto de boca e pensou: "É doido varrido, coitado!"

— Não sou doido, não — disse o outro, como se tivesse ouvido o pensamento do perueiro. — Se as minhas suspeitas se confirmarem, você vai ficar milionário!

— Milionário? — repetiu Rosiclalvo, interrogativamente. Esta palavra sempre o deixava excitado.

— Sim! Imagine se você consegue passar a sua experiência de motorista conhecedor de todos os segredos do trânsito de São Paulo, apenas dando uma testada nas pessoas?

A palavra "milionário" ainda ecoava na cabeça do Rosiclalvo quando ele perguntou:

— O que o senhor quer que eu faça?

O outro abriu os braços.

— Que bata a sua testa na minha, exatamente como fez naquele dia.

O perueiro titubeou. Olhou para os lados. A rua estava cheia.

— Aqui? Assim? Na rua?

— Claro! – exclamou o outro quase gritando. — É só uma experiência...

Mal acabou de falar e Rosiclalvo, antes que a cora-

gem ~~o abandonasse, meteu-lhe uma cabeçada bem no centro da testa.~~

— *Uuuuui!!!* — gemeram os dois, coçando a fronte.

Após alguns segundos de expectativa, o sujeito arregalou os olhos, abraçou o perueiro e gritou:

— Funciona! Funciona! Olha, eu vou ser o seu primeiro cliente. Quero o número do seu telefone pra quando precisar do seu socorro. Ah, e vou lhe pagar dez testadas antecipadas. Quanto você vai cobrar? No atacado é mais barato?

Rosiclalvo estirou os lábios e girou as mãos num movimento abrupto.

— Quanto? Sei lá quanto vou cobrar!...

— Pois eu sei o quanto vale a sua importante tarefa. Vou lhe pagar isto aqui, ó, pelas dez próximas testadas.

Quando viu o montante de dinheiro na mão do empolgado cliente, Rosiclalvo arregalou os olhos e escancarou a boca. Era muito mais do que ele ganhava em uma semana de trabalho duro. Meteu o dinheiro no bolso, deu o número do seu celular para o cliente e foi tomar um copo d'água para se refazer da surpresa.

Não foi preciso que ele divulgasse o inusitado ofício. O próprio "primeiro cliente" tratou de espalhar a novidade e, em pouco tempo, Rosiclalvo passou a ser procurado diariamente por dezenas de motoristas perdidos, perfazendo atualmente em seu cadastro, cerca de mil fregueses que o procuram para receber a magnífica "testada informativa" ou o incrível "GPS mental".

Rosiclalvo já não sofre com as entregas, nem com a falta de vagas para estacionar, nem com falta de dinheiro... A única coisa que o incomoda agora é uma dorzinha crônica na cabeça, mas nada que não possa ser resolvido com alguns comprimidinhos analgésicos. T

Antônio Roberto de Carvalho
Sócio Correspondente

Milton Bigucci

A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO NA VIDA DO JOVEM

Os jovens devem comandar o mundo. Aliados às experiências dos mais velhos fazem uma dupla perfeita e dinâmica. Sou um fanático pelo trabalho. Sempre fui. Todo cidadão, incluindo o adolescente, deve trabalhar. O trabalho e o estudo são básicos para o sucesso dele e do País. Por isso prego que o jovem deve trabalhar a partir dos 14 anos de idade, ou um pouco menos, em trabalhos compatíveis.

O trabalho molda o caráter, cria o respeito ao próximo e às normas sociais. O trabalho ensina para a vida o relacionamento e o crescimento social.

Com certeza o jovem não perderá a sua juventude, pelo contrário, terá mais disposição para se divertir, passear, praticar esportes, dançar, namorar, com muito mais amor e entusiasmo. O trabalho e o estudo alimentam a garra e o relacionamento.

O trabalho ensina o jovem a dar valor às coisas e ao próximo.

Comecei a trabalhar há 65 anos, aos 11 anos, desde 12 de janeiro de 1953, como auxiliar de balconista de uma loja de ferragens e material de construção no bairro do Ipiranga, capital, SP. Por necessidade, para poder estudar. Não me arrependo. Pelo contrário, sou muito grato aos meus pais, trabalhadores braçais e humildes, por terem trilhado o caminho do bem, da moral e da ética, o que só me valorizou. Deles muito me orgulho.

Criei meus filhos ao lado de minha esposa e meus sobrinhos ao lado de minha irmã, da mesma forma. Desde cedo sempre no trabalho e no estudo. Deu no que deu. Todos, homens e mulheres, são bons e vencedores, formados em uma ou duas faculdades cada um, responsáveis, que comandam a MBigucci e suas famílias com sucesso. Meus netos estão vindo pelo mesmo caminho, seguindo a mesma cartilha, graças a Deus. Esta regra, lastreada no trabalho e no estudo, serve também para nossos parentes, amigos, nossos colaboradores da empresa ou seus filhos.

Lembro, como se fosse hoje, quando meus filhos com 7 anos, subiam comigo no telhado da nossa casa para limpar as calhas, ou colocavam comida para o Atlas, nosso cão Fila Brasileiro, que era maior que eles. Colocavam e saíam correndo de medo. Depois, todos foram *office boy/girl* na MBigucci. Aprenderam a trabalhar cedo.

Não acredito em vencer sem produzir ou trabalhar. Por esse motivo todos têm de começar cedo. O trabalho não mata ninguém, pelo contrário, valoriza a vida. Comparem duas pessoas, uma que trabalha e outra que não o faça e vejam a diferença, a importância e os valores. Aquele que não trabalha ou recebe tudo de mão beijada, só reclama.

Recentemente o Ministério do Trabalho divulgou os dados do Caged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados), destacando maior inserção dos jovens no mercado formal de trabalho. No primeiro semestre de 2017, segundo o levantamento, 260,7 mil trabalhadores jovens entraram no mercado de trabalho, ocupando funções na indústria, comércio e serviços. Somente em junho/2017, o saldo de abertura de vagas ficou em 10,4 mil postos para jovens até 17 anos; 55,9 mil para jovens de 18 a 24 anos e 2,2 mil para pessoas entre 25 a 29 anos. Segundo o Ministério do Trabalho, a construção civil é um dos setores que mais recebe estes jovens. Ainda há muito a percorrer, mas estamos no caminho.

Um país e seu povo progredindo pelo trabalho, respeito às leis e às pessoas

Esta é a melhor religião.

O RELACIONAMENTO COM OS JOVENS

Parece que a cada dia que passa nosso relacionamento com os jovens fica mais difícil. Eu, que tenho quatro filhos e sou avô por doze vezes, tenho procurado aprender com eles, adolescentes e crianças.

Na sociedade parece que existe um abismo entre velhos e jovens na cultura, na educação, nas atitudes, no vestuário e nos costumes. Hoje não é só "velho careta". Ou os idosos se atuali-

zam para entendê-los ou a tarefa de educá-los ficará mais difícil. Ou impossível. Mesmo para os pais.

O jovem, em geral, nos vê como fora de moda. Usa piercing, faz tatuagem, não gosta de conversar com os mais velhos. Só quer saber do seu grupo. Será que o defeito está conosco, que não nos atualizamos e não nos acercamos deles para saber das suas fraquezas, para ajudá-los com a nossa experiência?

O trabalho externo dos pais dificulta a convivência entre as gerações. Mesmo os avós ficam distantes. Pais, filhos e avós deveriam ser mais "família", mas a vida moderna os distancia. No passado, a mãe não trabalhava fora e o diálogo era mais fácil. Hoje, pouco se conversa. Ninguém pode perder tempo. É lamentável e só faz aumentar o abismo.

Sigo uma meta há anos. Dê estudo e trabalho desde cedo ao jovem, ele terá uma autoestima forte e, fatalmente, salvo alguma exceção, seguirá valores úteis. As ações sociais que os pais praticam voluntariamente são também uma boa medida para fazer os jovens participarem, ajudando a terceiros carentes. Devemos criar neles o amor ao próximo.

Procuremos ouvi-los mais. Fazê-los falar conosco. Embora não gostem, são carentes. Temos de ganhar a sua confiança.

Não sou adepto a dar de "mão beijada". Gosto de fazer com que o jovem conquiste as suas metas, ajudando-o a alcançá-las sem que perceba, mostrando-lhe que não estou facilitando. Ele deve se sentir como conquistador. Dar tudo pronto é chamar o jovem de irresponsável e incapaz. Devemos direcioná-lo a um bom porto, o qual deverá conquistar. Não devemos ferir o seu orgulho, só assim conseguiremos formar homens para o futuro.

Vamos encurtar cada vez mais as distâncias entre jovens e velhos, ficar mais próximos, deixar de censurar seus atos. Não nos esqueçamos que, pelo distanciamento, também somos culpados.

Refletindo e agindo, cada qual a seu modo, dentro de sua família e da sociedade, poderemos melhorar esta formação juvenil.

Criticá-los é ajudar o barco a afundar para depois dizermos ao mundo: "ah, aquele jovem não tinha jeito".

Sempre é tempo de mudarmos.

PARA PENSAR

Quero trazer uma grande motivação para o nosso cotidiano. Leia essa historinha e reflita. As nossas atitudes diárias estão corretas? Não estamos cobrando muito do próximo e pouco de nós? Não estamos falando demais e ouvindo de menos? Estamos sendo humildes ou prepotentes? Estamos produzindo ou só fazendo marola?

"**O BARULHO DA CARROÇA**

Certa manhã, meu pai, muito sábio, convidou-me a dar um passeio no bosque e eu aceitei com prazer. Ele se deteve numa clareira e depois de um pequeno silêncio me perguntou:

— Além do cantar dos pássaros, você está ouvindo mais alguma coisa?

Apurei os ouvidos por alguns segundos e respondi:

— Estou ouvindo um barulho de carroça.

— Isso mesmo, disse meu pai, é uma carroça vazia...

Perguntei a ele:

— Como você pode saber que a carroça está vazia, se ainda não a vimos?

Ora, respondeu, é muito fácil saber que uma carroça está vazia por causa do barulho. Quanto mais vazia a carroça, maior é o barulho que ela faz."

Tornei-me adulto, e até hoje, quando vejo uma pessoa falando demais, gritando (no sentido de intimidar), tratando o próximo com grossura inoportuna, prepotente, interrompendo a conversa de todo mundo e querendo demonstrar que é dona da razão e da verdade absoluta, tenho a impressão de ouvir a voz do meu pai dizendo:

"Quanto mais vazia a carroça, mais barulho ela faz."

Reflita!

Milton Bigucci
Cadeira 05 - Patrono Lima Barreto

Clóvis Roberto dos Santos

CRÔNICAS PEDAGÓGICAS

SER PROFESSOR

Estava alinhavando esta crônica, quando me deparei, no arquivo, com duas publicações sobre o tema. A primeira de Mirian Goldenberg, Folha de São Paulo - 3/12/16. p. 2B, com o título: *Quem quer ser professor?* subtítulo: *Mesmo matando um leão por dia, é um privilégio uma profissão onde é necessário aprender diariamente***.** A autora comenta a procura de candidatos às várias profissões quando a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento (OCDE) perguntou a brasileiros de 15 anos: *O que você quer ser quando tiver 30 anos? Respostas: médico - 24,8%; engenheiro - 20%; advogado - 17,9%; profissional de esportes - 8,8%; arquiteto - 7,5%; artista - 4%***.** Nenhum jovem (0%) respondeu que queria ser professor.

Outro texto interessante foi o de Ruth Manus: *Ser professor nos tempos de cólera* - O Estado de São Paulo, 11/12/16, C6, sobre a alegria que sente quando, em algum lugar, alguém a chama "Professora, não importa hora ou lugar. Fenômeno parecido com o que acontece com os pais e mães quando ouvem essas palavras. Parece que determinados títulos tornam-se equivalentes aos nossos próprios nomes, a ligação entre nós e eles é imediata".

Tenho, sempre tive, enorme orgulho em ser professor, tanto que publiquei, em 2015 *Eu, Professor: Reflexões,* pela Editora Páginas e Letras, SP, onde registrei que no início de 1948 minha família mudou-se para Franca, SP, única cidade da região com escolha do ensino médio, de curso que deveria fazer em escola pública: clássico, científico ou normal. Escolhi o último porque me habilitaria de imediato para ser professor primário (hoje fundamental I) e seguir a carreira do magistério. Incrível foi minha rápida adaptação ao curso, pelos seus objetivos, pela competência dos professores. Minha formatura foi em dezembro de 1950, posteriormente, fiz os cursos superiores de Pedagogia, Direito e especialização, mestrado e doutorado. Lecionei em várias universidades do ABC, da Capital e de Santos.

Hoje, com muito orgulho, meus conhecidos, amigos e vizinhos chamam-me P*ROFESSOR.*

OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

Minha preocupação nesta crônica é fazer uma ligação entre as atividades dos docentes, gestores, pessoal técnico-administrativo, pessoal técnico-pedagógico e alunos com a ética e moral que devem permear todas as funções dos profissionais que trabalham nas instituições escolares.

Profissional, de um modo geral, é aquele que exerce no mercado de trabalho, formal ou informal, determinada atividade. No caso da educação escolar temos, entre outros, o docente, o diretor, o supervisor de ensino, o coordenador pedagógico, o orientador educacional. A LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) os denomina de profissionais da educação e os divide em duas categorias: os docentes, para as atividades-fim (didáticas) e os não-docentes para as atividades-meio (administrativas e técnicas).

Para os objetivos deste texto, o ponto central é o dever, proposto por Kant na conhecida deontologia, ou o tratado dos deveres, que pode ser entendida como o estudo dos princípios, fundamentos e sistemas de moral ou conjunto de deveres profissionais contidos num código específico. Assim, o bom profissional da educação é aquele que, usando de suas competências legais, orienta não só pelos preceitos vigentes mas, também, pelos princípios morais e éticos para orientá -lo na escolha de suas decisões, de seu comportamento e do próprio caminho. Essa possibilidade de escolha, desde que para o bem comum, é uma das liberdades mais sagradas que permitem ao ser humano tornar-se grande.

O comportamento ético dos profissionais da educação deve ser exigido em todos os momentos de seu magistério e, ainda mais, com a família e a comunidade onde a escola está inserida. Assim, valores como honestidade, transparência, justiça, liberdade, respeito e responsabilidade nas relações de trabalho docente devem ser vivenciados, estimulados e discutidos no diálogo constante, na explicitação clara das propostas de trabalho e dos critérios em realizá-los.

A escolha de uma profissão implica no dever de ter conhecimento de seu trabalho e no dever da execução adequada e competente das tarefas a ele inerentes. A profissão não deve ser apenas um meio de ganhar a vida, mas de ganhar pela vida o que ela proporciona, representando, sempre, um propósito de fé. Seus deveres, nessa acepção, não são imposições, mas vontades espontâneas. Isto exige, portanto, que a seleção do profissional passe, necessariamente, pela vocação, pelo amor do que se faz como condição de uma opção. Lógico, não deve ser profissional da educação apenas quem quer, por necessidade ou por um "bico" para sobreviver durante algum tempo enquanto não se firma em outra atividade. O magistério precisa de quem tenha boa formação específica, vocação para o trabalho, muita competência, amor, dedicação e paixão pelo que faz.

O exercício de qualquer profissão demanda pleno do conhecimento específico, domínio sobre a tarefa a ser executada e da forma como executá-la, além de atualização e aperfeiçoamento constantes. Buscar a perfeição de uma tarefa é um dever do profissional que depende do conhecimento e de sua aplicação plena no trabalho.

Lembrando: "Para ser professor não basta querer. Precisa saber se pode."

REFORMA DO ENSINO NA FINLÂNDIA

Em 2015, a imprensa divulgou que a Finlândia, uma tradicional referência em educação, promoveu uma reforma do ensino onde *todas as escolas de nível fundamental do país terão de incluir em sua grade curricular ao menos dois projetos multidisciplinares que juntem conteúdos de diferentes áreas de conhecimento***.**

Lemos que o objetivo é o de unir várias disciplinas em um mesmo projeto onde alunos e professores devem definir, juntos, um tema que envolva diferentes conteúdos curriculares para serem desenvolvidos durante o ano letivo, como *mudança climática* para ser integrado à estatística, à geologia, à física, à química etc.

Outros aspectos a serem considerados: maior autonomia para os professores e pouca ênfase às provas, liberdade aos alu-

nos como sonhava **A.S.Neill**, o famoso diretor da *Escola Summerhill*, da Inglaterra, que, em seu *Liberdade Sem Medo,* (1960) expõe o *princípio básico e a autodeterminação onde a autoridade foi substituída pela liberdade, ensinando à criança sem uso da força e sim pelo apelo à sua curiosidade e às suas necessidades espontâneas,* nas palavras de Eric Fromm, prefaciador da 10ª edição.

Analisando, descobrimos que tais *"inovações"* voltam às antigas propostas de educação renovada como os *Sistemas Montessori (*liberdade*), Decroly (*centros de interesse*), Dewey (*situação problemática*).* Mais interesse na Educação Nova, indico o livro de **Lourenço Filho**: *Introdução ao Estudo da Escola Nova*.

Os problemas da educação escolar brasileira não se resolverão com as atuais propostas de "Reforma do Ensino Médio", nem das "Novas Bases Curriculares", conforme preocupações do Governo Federal. Tenho certeza, quase que absoluta, de que a má qualidade de nosso ensino reside no corpo docente e na gestão das escolas de ensino fundamental e médio. Nossos professores e dirigentes são mal formados em cursos de Pedagogia que enchem as cabeças dos alunos de teorias, a maioria delas importadas, cuja aplicação é muito difícil em nossas escolas. Os cursos de formação do magistério, muito mal ensinam o "porquê" fazer, mas nunca o "como" fazê-lo, por absoluta falta de possibilidade de uma prática de ensino eficaz e, também, porque os professores universitários da área, muitos mestres e doutores, jamais vivenciaram uma atividade de ensino fundamental ou médio. Tais profissionais foram da educação básica para a universitária, graduação e pós-graduação tendo passado pelos ensinos fundamental e médio apenas como alunos.

A boa educação escolar passa, necessariamente, por um bom e competente corpo docente apoiado por uma gestão em condições de ajudar o professor na sua lide diária. De nada adianta um belo *Plano Nacional Comum Curricular*, conforme aprovado recentemente, se não tivermos pessoal capacitado e competente no "chão" da escola para implementá-lo.

É o que tenho afirmado e reafirmado: ***É mais um fracasso anunciado.***

Clóvis Roberto dos Santos
Cadeira 16 - Patrono Euclides da Cunha

Agnaldo L. Sacramento

CRÔNICA DE UMA BORBOLETA

Era uma tarde e, como sempre, muito calma e tranquila no Sítio. Assentados na varanda, conversávamos descontraidamente.

De repente, vi passar uma borboleta, que voava despreocupada e calmamente mas, curiosa e ávida, à procura de uma planta em que houvesse, no mínimo, uma pequena flor pra pousar e exaurir-lhe o néctar. Era uma pequena e linda borboleta de um vermelho tendendo ao abóbora, com pinceladas pretas e pequenas manchas brancas.

Passou tão perto de mim que, em rápida visualização, apreciei muito as lindas manchas coloridas como se tivesse colocado suas melhores vestes para uma festa especial. Surpreendeu-me com o seu voo rasante!

Em seguida, num gesto pronto e rápido, peguei meu celular no propósito de fotografá-la assim que pousasse em alguma planta ou flor.

Fui ao seu encalce como que numa caça ao tesouro para surpreendê-la e, a mim também, com uma linda foto de lembrança dessa elegante peregrina colorida.

Vi-a, cerca de três metros, pousada numa pequena flor do campo amarela.

Antes de aproximar-me com a câmera, magicamente, voou beirando o lago onde se encontrou com outra. Se esta era borboleta fêmea ou borboleta macho, não se sabe, mas cumprimentaram-se ou, então, houve um rápido flerte e cada uma seguiu o seu caminho.

Fiz mais três tentativas para uma foto especial, mas a borboleta agitou-se um pouco mais e partiu determinada por outra direção.

Sim, linda borboleta avermelhada em tom cor de abóbora, malhada de preto e branco que, solitariamente, voava ao cair de uma tarde.

Quem sabe se seu voo apressado por outro caminho não fosse em função de não ter hábito noturno como os demais insetos e já buscar proteção em seu habitat antes do escurecer?

As borboletas são lindas, coloridas e diversificadas!

E saber que aquela pequena e formosa borboleta faz parte de cerca de vinte mil espécies delas que povoam o planeta Terra sendo, aproximadamente, três mil só no Brasil como já pesquisaram os estudiosos!

As borboletas têm histórias de vencedoras desde a fase do ovo, seguida pelo período em clausura, situação em que permanecem de cabeça para baixo até ao romper da bolha ou pupa onde se encontravam oprimidas e espremidas para se tornarem adultas, lindas princesas, na natural ascensão de uma bela rainha alçando voo ora rápido, ora pausado, mas flexível, exibindo, sempre, suas vestes coloridas com detalhes incomuns nunca vistos mesmo nos mais sofisticados ateliês das modas antiga ou moderna.

Voem sempre livres, lindas e altaneiras borboletas, de todas as cores, alimentando-se do néctar das mais variadas flores; são anônimas, coloridas, independentes, exibindo beleza e enriquecendo os olhos de quem muito as aprecia.

Borboletas, vocês são esplêndidas expressando, sempre, o lado bom da vida e um pouco da beleza posta na Terra, pela mão do Criador, o nosso maravilhoso Deus! T

Agnaldo L. Sacramento
Cadeira 04 - Patrono Rui Barbosa

*P*oesias

LAGO DAS BRISAS

Lagos das brisas no país Goiás...
Fatos estranhos nessas brisas leves:
umas sonoras, outras semibreves,
nesses concertos flautas de sabiás.

E restam, nessas brisas ultraleves
liras de Orfeu, romances de Tomás,
as fragrâncias das rosas de Goiás,
todo o frescor das verdejantes seves.

Manhãs de luzes, tardes radiosas
na ronda eterna uma oblação de amores:
sinfonias só de ânsias e saudade...

Brisas trazendo em ondas milagrosas
um gorjeio de beijos e de dores:
à tal beleza resistir, quem há-de?

LE VASE BRISÉ

Neste vaso a flor não morre breve,
deveria o soneto vir assim,
pois a flor que viceja como a seve
é justamente a flor que existe em mim.

Cada palavra, sim, nesta hora deve
lembrar que se há uma paixão sem fim,
também não há o adeus que se releve
e despedace a flor do meu jardim.

Cacos de um vaso do meu velho abrigo,
hei de juntá-los sem jamais chorar
no romance de amor em que prossigo.

É para a frente que decido olhar
levando, não as pétalas comigo,
mas a certeza doce de te amar.

MEU RETRATO

Tu és, oh minha filha, o meu retrato:
aura de agora e dos tempos idos;
meus ideais se acham resumidos
nesse perfil naturalmente exato.

No teu retrato vejo o meu retrato:
uma existência rica de sentidos;
somos, assim, em tudo parecidos
até mesmo no mais singelo fato.

Do quanto nestas linhas retratado
nem sei, oh filha, se restou
a figura falaz de uma quimera...

Tudo se esvai nas brumas do passado,
uma lembrança apenas nos restou
a ingratidão, essa cruel pantera.

MEUS ANTEPASSADOS

Venho de longe, de épocas remotas…
Quem me dera igualar, nas aventuras,
a quantos que em difíceis conjunturas,
sempre venceram sem sofrer derrotas.

Artes finais, das bases às alturas...
Não ficariam, certamente, ignotas
todas as glórias e, até mesmo imotas
se não houvesse sopros das Primuras.

Magnos palácios, belas catedrais...
Porém tristeza, pois cada arquiteto
a morrer pobre, e pleno de consciência,

Teria sido escravo de ideais,
e a superar um Tales de Mileto
nessas passagens breves da existência!... T

Rinaldo Gissoni
Ex-presidente e fundador da Academia de Letras da Grande S.Paulo

SONETOS

DIAGRAMA

Enquanto a humanidade tece a trama
para envolver meu nome lentamente,
fazendo dos meus gestos forte drama,
dou-lhe o desprezo, assim, gratuitamente.

Com tanta habilidade, fielmente,
da minha vida faz um diagrama,
e me enreda no jogo fortemente,
e de injúrias prepara a minha cama.

Humanidade hipócrita. Não mudas!
Em toda parte aonde vou tem Judas
a me vender como vendeu Jesus...

— E a condenar e a censurar meus atos,
Tu me atiras de Herodes a Pilatos,
e eu me defendo com o sinal da cruz!

A SOLIDÃO RONDA MEU QUARTO

Meu quarto esta semana está vazio!
Uma tristeza o invade desde a sala,
depois que ele se foi, ficou sombrio,
deixando em tudo a nostalgia opala.

Por todo lado escuto a tua fala
e vêm-me à mente sonhos e arrepio;
quanto mais penso sua voz propala
no meu quarto de jovem, vago e frio.

A nossa última noite de lascívia,
de um amor sem escrúpulos e pejos,
sua pele morna em minha pele nívea.

Ainda, conservo tudo sobre a cama:
seu travesseiro onde sufoco os beijos
e sua calça listrada do pijama.

MEU MUNDO

Dá-me tuas mãos, amor, vamos andando
antes que o nosso amor caia abatido
pela inveja dos maus, que caluniando
torne este amor em ruínas, destruído.

O nosso caso estive examinando
e o que falam de nós não tem sentido...
Enquanto, o amor vai nos execrando,
nosso amor tem mais viço e colorido.

Que importa o mundo que nos atordoa,
se sou fértil, sou generosa e boa,
e ainda sou moça e cheia de vigor?

— Deixa que falem, seja onde e como,
meu mundo é aquele que em meus braços tomo,
meu mundo é feito pelo nosso amor!

PERFEITA UNIÃO

Vivemos sempre os dois, num mundo alado,
na maior paz, em sã tranquilidade;
o nosso mundo é feito de bondade,
parece ser por Deus, abençoado.

Assim, nós temos a felicidade
de vivermos isentos do pecado,
andamos sempre lado a lado,
pari-passu com o amor e com a verdade.

A Deus me ergo numa rogativa:
— Que conserve esta chama rediviva
que segue os nossos passos aonde vamos...

Que possamos os dois a vida inteira,
transpor montanhas, afastar barreiras,
mostrando ao mundo como nos amamos.

Gioconda Labecca
Cadeira 30 - Patrono Augusto dos Anjos

Maria do Céu Formiga de Oliveira

SOBRE A VIDA E O VERSO

I
Futuro.
Posso pensar sobre ele.
Pouco.
O sustento retiro das agruras
e das delicias dos meus dias.
Sou peregrina,
me distraio e deixo rubricas
pelo caminho
mas o que me encanta mesmo
é ser sustentada por um céu
cheio de estrelas
e promessas.

II
Os lírios dos campos
continuam crescendo
como Deus no meu sótão
onde abrigo o íntimo
de mim que desconheço...

III
A grande vida de pequenos
personagens encontrei
primeiro nas matinés de domingo.
Época em que eu não tinha asas,
só tinha sonhos
e devagarzinho fui entendendo
que é tão intenso chegar de verdade
como através da imaginação.

IV
Como as flores
com discreta insistência se inclina
na direção do sol,
assim a arte,
com discreto silencio me inclina
na direção do prazer,
quando meu corpo sem voz,
sutil e secreto,
não consegue se revelar...

V
Aquarela e poesia
são como as folhas secas que, caindo
solenemente de uma árvore,
fazem cócegas na minha história
quando eu tímida e encolhida passo
ao largo do exercício do fascínio...

VI
Entre a dor e a alegria
um suave suspiro...
A porta se abre ...
calmo e calado
o seu abraço
suado de saudade
e a favor dos meus anseios
se aproxima e me refaz...

VII
Meu lugar de recomeço.
Você.
No seu olhar,
Encontro o repouso que,
por tanto amor,
empresta à minha vida,
o sentido que
por vezes se ausenta.

VIII
O afeto valsa sobre
os cômodos do meu abrigo.
Sempre.
Até com gemido
toco no infinito
e vivo a serenidade
de ter sempre um ombro
para descansar,
lavar o rosto
e seguir na pontinha dos pés.

IX
Saudade e amor
como possibilidades de esperança

é como mar que não impõe resistência.
Embora entendendo que
nasceu para partir
não se furta de dormir na praia
ansiando por provisórias pegadas,
de uma infância que só encontrou
inverno.

X
Todas as minhas idades
não dão conta de esconder
as soleiras que nunca pisei...
Sempre olho por onde piso.
O olhar poético é meu destino.
Sou como a flor de iguapé
ao redor da fonte
que dá vida a suas flores
em tom lilás de beiral branquinho.

XI
Luto para que o desatino
que há no mundo
não encontre terra descansada
para se desenvolver em mim.
Protegida pelo que creio,
busco o que me toca
e tento eternizar,
nem que seja por segundos,
sentidos e significados.
Não nasci para machucar
ou outras temporárias desnecessidades.
Nasci para salvar pássaros
e entrelaçar mãos.

XII
Chuva branda
nas calhas do velho sobrado.
Cantiga de ninar
que adormece gente
miudinha e indefesa.
Ato eucarístico inserido
na memória
que eu não tenho
porque renunciar.

XIII
Vida ribeirinha.
As aguas dos rios se avolumam demais.
Animais sobre as marombas
aguardam o fim de tanto excesso.
E no meio disso tudo,
resta recordar o que,
na inundação passada,
conseguiu sobreviver.
O olhar de quem não arrisca
desilusão,
põe no incômodo,
a sacralidade do milagre.

XIV
A fila que não escolhemos
parece que que anda sempre
mais rápida.
O percalço em mim
não é presença.
Me espreita o pânico de que
o destino tome providência
e eu desaprenda que depois
do choro,
é tempo de viver
ainda mais e melhor...

XV
Meu olhar dócil
mascara minha natureza
insubordinada.
A ovelha inocentemente ferida,
nem sempre consegue
diluir os frutos da indignação...
Por isso encolhida na maciez
dos seus pelos alvos feito a neve,
se abriga pelos campos de alfazema
sonhando com o afago
que com certeza
em breve virá
dos braços do seu bom pastor.

XVI
Tristeza tem fim sim senhor.
Por isso quando chegar
a trate como hóspede importante,
e permita que se esparrame
pela sala de estar
porque quer queira ou não,
ela vai querer passar uma temporada
dentro de você...
então não a enxote,
o endereço está correto,
vem trazendo na bagagem
oportunos e inesquecíveis presentes...
Descanse... é hóspede apenas...
da mesma forma como chegou
em breve irá embora...

XVII
Posso me apresentar em rascunho
porque albergo a liberdade
e o desejo de ser melhor.

XVIII
A vida convoca a ganhos e lutos.
Coisas que cabem
folgadamente em um poema.
Um verso desprendido
de uma circunstância sincera,
encurta a duração
de um mal súbito.
Pode ser um jeito de aliviar
o temor da hora em que,
de fato, não há ninguém por perto
para dividir o pão e o vinho sobre a mesa,
nem para enxugar o suor,
do seu coração...

XIX
Porta entreaberta.
Deito-me sobre o silencio.
Minha solidão.

XX
No silencio relembro
Com que delicadeza fui sonhada,
atenuo os descampados
dias inseguros
e assim, os sonhos escapam
da sua reclusão
e se incorporam
(delicadamente)
os meus dias...

XXI
Deixo a chave do meu
Jardim secreto
guardada embaixo do travesseiro
de Deus.
O gesto que não cochila na razão,
encontra liberdade nas sensações.
ergue as cortinas da varanda
e faz o coração descansar vislumbrando
a eternidade.

XXII
A poesia permeia minha historia
como o romance
permeia a razão com parcos
intervalos de insensatez.
Não temo o recomeço.
Que não me falte disposição
para ir ao encontro
do que desconheço
mas sei que,
ansiosamente,
me espreita, me espera.

XXIII
Gosto do tempo
dos preparos.
Deus me convoca a deslocamentos.
Eterno êxodo.
O desejo sempre me faz partir.
Atenta ao Seu chamado
me apresento com o coração

batendo na boca,
e a expressão acesa de sustos.
Não tenho espaço para chorar
pelos abandonos.
A travessia cheia de esperança
me consome.
A terra prometida eu a sinto
pela prevalência do mistério
e pelo vento suave que desalinha
meus desatinos.

XXIV
Ao falar dos temores
reconstruo a coragem.
Alguns medos permanecem,
me rondam madrugada adentro.
Embora o mar continue me assustando,
com cautela evito naufrágios
e flagro milagres.
As ondas de medo
perdem sua fúria
quando meus pés,
não temendo a ausência do chão,
levitam sonhando futuros.

XXV
Privilégio da minha humanidade
não ter que recolher temores
para depois e só depois,
abrir a porta da frente
e brindar a vida
mesmo que seja
com o pouquinho que lhe resta... T

Maria do Céu Formiga de Oliveira
Cadeira 38 - Patrono Mário Quintana

José Roberto E. Xavier

ATO DE CRIAÇÃO

Homenagem às mulheres

Que se faça, então,
O milagre que plasma o anjo.
Que se busque o mais que perfeito
Da proposta de criação.
Que se encontre na forma a harmonia
Entre o Ser e o seu espaço
E que a síntese das virtudes do Mestre
Habite o todo, em cada pedaço...
Que neles se ajustem
Perfis divinos elaborados,
Entre o belo, o bom e o excelso,
Explícitos ou dissimulados,
Para que do estilista
Não se reconheça o traço.
Que por curvas, perfis e silhuetas,
A beleza se insinue com irreverência
E tenha o demônio do desejo
Como artífice da nossa demência!
Que no seu âmago se agasalhem
Sementes férteis, germinando esperanças,
E que por elas se doe inteiramente,
Eternizando mãe e criança...
Tornem-se mistério insolúvel
As lágrimas que vertem
Das fontes profundas,
Do olhar infinito, perdido,
Para nunca se compreender,
Em tempos de dor ou de alegria,
O que surge do amor,
O que é da nostalgia.
Do seu sorriso faça-se
Arma de mortal sedução,
Instrumento ardiloso e preciso,
Que sob frágil farsa de inocência
Arrasta-o aos infernos,
Ou lhe ergue ao paraíso!
Assim, pela solidão dos braços vazios,
Por todas as carências de corpos e almas
Desnutridos de afeto,
Assuma-se a doce loucura do ato
E, com a consequência que dele vier,
Apaixonadamente, crie-se a Mulher...

RENASCER

O que restou das outras festas
Senão o vazio das promessas?
Senão o engodo da paixão alienada?
Hoje, com a certeza da estima reconstruída,
Quem pode julgar o que se brinda?
Findou-se o tempo e o espaço percorrido
Por caminhos de bizarros destinos,
De aprendizados fúteis nas hostes dos sem fé,
A destruir sonhos e dilapidar virtudes.
Ilegítimo seria outro juiz desta razão
Diferente do Eu ressurgido na esperança.
A coragem de mudar a própria sina
E conter as rédeas de ludíbrios farsantes,
Cultiva o renascer no aconchego do afeto,
Resgata a ousadia de tecer novos horizontes.
Dê-me suas mãos, ergamos nossas taças
Com alegria, saudemos a paz de uma nova realidade.
Experimente o sabor de um vinho honesto
Que não mistifica o paladar nem a verdade,
Que ilumina o espírito e não embota a mente.
Ouça a música que os embala neste momento,
Suave, arrebatadora, envolvente, assim a quero
A lhes conduzir abraçados pelos palcos da vida,
Almas unidas no compasso de um amor sincero...

José Roberto E. Xavier
Cadeira 24 - Patrono Alberto de Oliveira

TÍTULO

"*Nenhum coração jamais experimentou o sofrimento quando seguiu os próprios sonhos.*" Paulo Coelho.

Delicadas rendas
Entrelaçam fitas coloridas
Abraçam corações
Ousadamente corajosos
Que entregam aos sonhos
Desnudam a alma
Ignoram preceitos
Preconceitos
Amores desfeitos.

O etéreo tempo
Clama por pressa, espaço,
Asas capazes de transportar
Um mar infinito de sonhos
E em cada dimensão da lua
Realizá-los de forma intensa
Absoluta, profunda
Mística
Por inteiro.

Descortinam-se os véus
Outrora disfarce do comodismo
Transmutado em coragem
Sob as vestes da intuição
Guia mestre do existir
Incrusta no âmago do ser
Repentina força
Que brota da voz
Interior!

Ritual sob a luz de velas
Tela sedutora
Aquarelas tons carmim
Borboletas coloridas
Coragem que se revela
Nos corações destemidos
Relicários de emoções
Sob a chama incandescente
Que nasce da grande paixão.

O amor invade os poros
Ágil feito um meteoro
Acende a intensa chama
Arroubos de felicidade
Obra prima do desejo
Intuitivo, transcendental
Vence o frágil cansaço
Preenche
Todos os espaços!

Nota da Autora: Na versão em italiano, poesia classificada em 1º lugar – Categoria: Autor Estrangeiro. X Edição Prêmio Scrivere, 2017 - Roma, Itália.

MATÉRIAS

Aquele amor

Você chegou,
me confundiu,
trouxe o amor
depois saiu.
Aonde foi
estou sem saber!
Se vai voltar?
Não sei dizer.
Ainda acho
que posso ter
um dissabor
para viver!
É que eu sinto
no coração
uma pontinha
de solidão.
Como ficar
sem seu amor
e não chorar
esse amargor?
Volte aos meus
braços, por favor,
refaça os laços
daquele amor.

As joias

Os homens já sabem
que as mulheres
são as joias
e mesmo
as mais simplórias
brilham mais
que os diamantes.
As flores dos campos
são puras
e tão perfumadas!
E mesmo
no escuro das noites
permanecem
brilhantes.
Isso posto
a natureza entendeu
que a beleza antes da flor
já pertencia à mulher.
E o mundo em festa,
então, compreendeu
que a mulher, no coração,
tem amor pra quem quiser.

Bocas fétidas da miséria

Deitada entre molambos,
só com o calor do coração!
Emergindo da carniça,
da miséria em profusão!
Noites eternas,
pavorosas!
Dias tristes,
doloridos!
Corpos famintos engolem
alimentos crus,
descoloridos!
Vermes pútridos da sarjeta
recolhem
o lixo apodrecido
em bocas fétidas
da miséria.
O mal cheiro que ali se instala
pode ser sentido ao longe.
O vento leva consigo
milhares de bactérias.
Onde estarão,
em breve?
Não sei,
não sabe ninguém!
Há naquele meio
reservas de virtude?
Posso procurar
vestígios de caráter?
Quem sabe?!
Dentro de uma cabeça
pode girar o mundo,
além do sangue
igual a todos nós!
E o coração
é diferente do nosso?
Certamente
a miséria induz
a cruzar os braços,
carregar a cruz!

Eternamente

Mesmo que eu não seja
aquela luz que ao longe brilha,
aquele sol que maravilha
a beleza das manhãs!...
Mesmo que eu não seja
a onda mansa que passeia
nas calçadas coloridas
das cidades beira-mar!...
Inda que eu não tenha
o brilho mágico da alvorada,
que assanha a passarada,
quando chega o amanhecer!...
Quero dizer para você
que por mais difícil seja a vida
eu fui, sou e serei
eternamente o seu amor.

Lembranças de minha mãe

Vez por outra há em mim um desejo
de procurar a paz em um templo.
É lá que me concentro e contemplo
a sabedoria exposta que eu vejo.

Sinto no peito o meu coração suspirar
aos devaneios que o pensamento sugere.
Enxergo claros profundos e isso me fere!
Então a lembrança de minha mãe vem me olhar.

Se na vida há sorrisos e alegrias
pelas festas recheadas de fantasias,
o tempo não para, mas caminha insinuante.

Segue em frente nos levando ao limite
da existência biológica que nos permite
invocar o espírito por um instante.

Sebastião G. F. Gomes
Cadeira 01 - Patrono Gustavo Teixeira

SONETOS E POESIA

NOVA ERA

Prometi a mim mesmo que um dia
mesmo que fosse ao apagar das luzes
todo o meu amor eu confessaria
mesmo só restassem algumas cruzes.

Estou escrevendo esta poesia
como se fosse a minha despedida...
Como se esse fosse o último dia
e agora fosse a hora da partida...

Talvez um dia, Deus, no trono eterno
vendo, na Terra, um sorriso terno
reconstitua o amor de verdade...

Quanto sorriso, quanta gratidão...
Não ter mais ódio em nosso coração
e conviver com a felicidade!

ATO DE FÉ

Ainda hoje penso em nosso amor
ao relembrar momentos do passado
mas tudo o que era doce se acabou
e hoje a solidão vive ao meu lado.

É claro o ser humano não perdoa
nem ama como Deus tem nos amado.
o máximo que consegue é uma garoa
no deserto do ódio represado...

Não consegui amar quem me amou
nem perdoei a quem, me perdoou
e não mereço a migalha do seu pão.

Eis-me aqui, Senhor, ajoelhado
atrás do altar do Deus crucificado
implorando, em prantos, o perdão!

TEM LÓGICA

Eu já tentei o máximo que pude
compreender a essência da verdade.
Já toquei flauta e toquei alaúde
na busca insana da felicidade!

Já desestruturei minha saúde
tentando entender a realidade...
Eu já nem peço mais que Deus me ajude
tão grande é a minha insanidade!...

Disseram que Deus tarda mais não falha
mas, por saber o quanto fui canalha,
e jamais teria a chance do perdão...

Agora se eu quisesse ser feliz
teria desfazer tudo o que fiz
e conviver com a eterna solidão.

C´EST FINI

Vai fazer uma semana
Que não faço nenhum verso.
Pois a vida é tão bacana
Mas o destino é perverso.

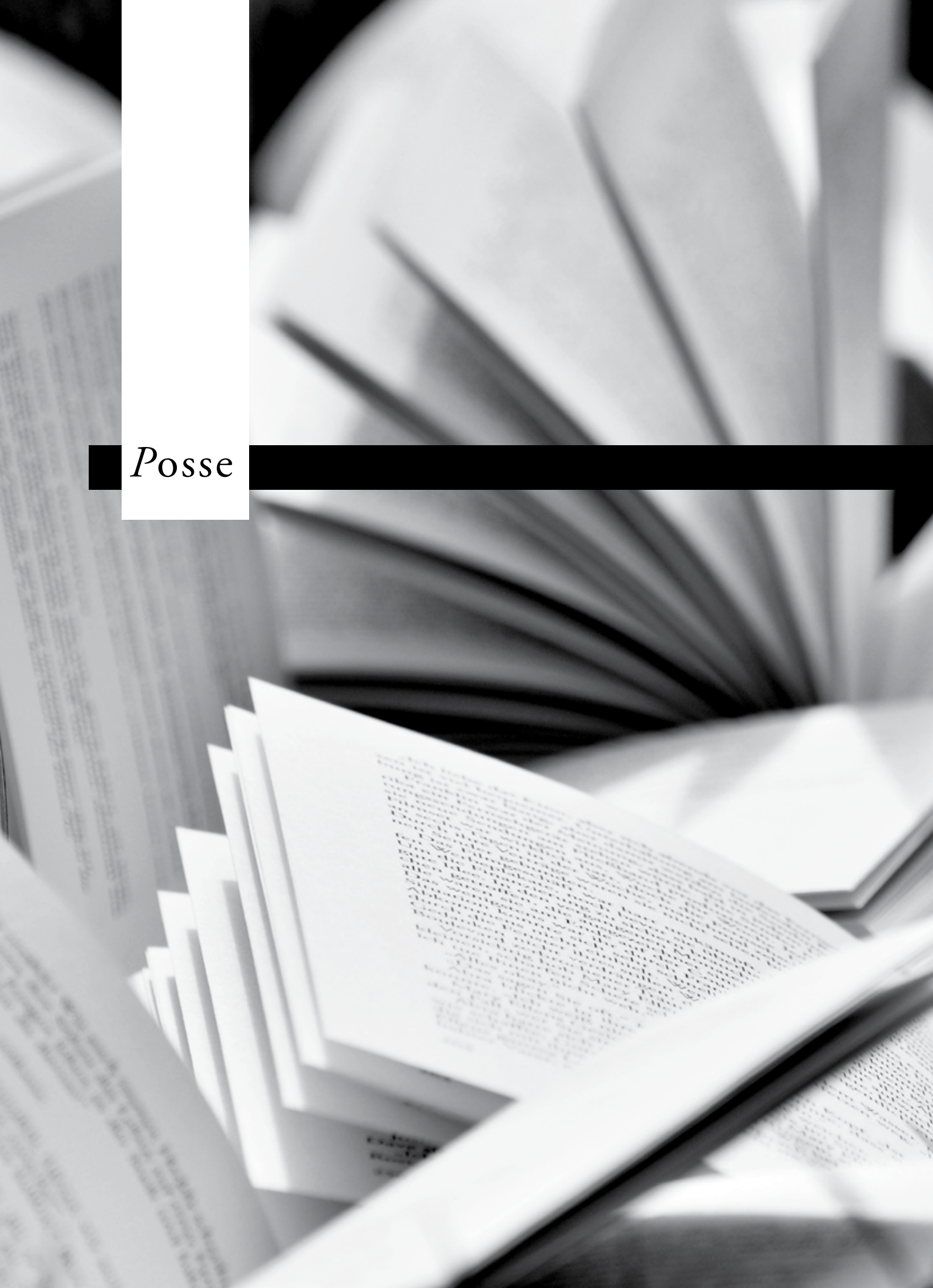
Por isso estou escondido
Sozinho, atrás do altar,
E a quem me tem ofendido
Não consigo perdoar...

Agora sou réu confesso
Matei a felicidade...
Se cometi um excesso
Foi por amar de verdade.

Não precisa julgamento
A vida é minha cadeia.
O amor é meu tormento
Só se colhe o que semeia.

Não conto com seu perdão,
Porque você jamais me perdoou.
Pois, depois daquele não
A minha vida se acabou.

José Ramos Vitorino
Cadeira 33 - Patrono Amadeu Amaral



Posse

DISCURSO DE APRESENTAÇÃO

BOA NOITE A TODOS,

Os pássaros voam alto e muito longe...

Foi o que, um dia, Alcidéa ouviu de seu pai.

Assim é e continuará sendo a sua caminhada. O caminho dos que acreditam na importância do aprimoramento da língua portuguesa e sua manifestação literária.

Alcidéa, alçar esse voo é um desafio que se inicia a partir deste momento em que a Academia de Letras da Grande São Paulo lhe outorga o título de Acadêmica.

Assumir a Cadeira de Vinícius de Moraes é comprometer-se com a responsabilidade e determinação na vereda literária. Compromisso este, culto e inteligente, que leva a meditar sobre o drama da indulgência cultural que prospera e avança, rápida e sombria.

Alcidéa nasceu em Vitória no Espírito Santo, filha de Alfredo Miguel e Margarida. Viveu e cresceu entre livros e determinações culturais que a levariam a dedicar-se às letras e à música.

Ávida por conhecimento e aprimoramento, enveredou pelo mundo das artes, buscando seu crescimento, acrescendo à sua vida, importância e significado.

Orgulhosa de sua família, recebe o apoio incondicional de seu esposo Moacir e a sustentação necessária para seguir adiante de seus filhos Lucas, Amanda e Daniel.

Voe Alcidéa!

Realize a profecia de seu pai Alfredo!

A Academia de Letras tem enorme prazer em recebê-la.

Venha! Junte-se a nós neste combate especialmente importante e decisivo.

Venha! Nós seus, agora Confrades e Confreiras, a recebemos com alegria. T

Maria Zulema Cebrian
Presidente da Academia de Letras da Grande Sao Paulo

DISCURSO DE POSSE

Alcidéa Miguel de Souza

Excelentíssima Acadêmica Senhora Maria Zulema Cebrian, ilustre Presidente da Academia de Letras da Grande São Paulo, que me proporcionou a honrosa oportunidade para fazer parte desta Academia de Letras, minha Madrinha.

Digníssimo Secretário da Cultura de São Caetano do Sul, João Manoel da Costa Neto. Digníssimo Secretário da Cultura de Ribeirão Pires, Robson Miguel.

Nobres Acadêmicos, Autoridades, Caros Amigos, Inestimáveis Colaboradores.

Querida Família, Senhoras e Senhores.

Para mim é uma honra, hoje, poder ingressar na Academia de Letras da Grande São Paulo como membro titular da Cadeira 25, que tem como patrono, Vinicius de Moraes.

Agradeço ao Deus Todo Poderoso que me concede essa graça e honra, que me deu o dom de alcançar os corações através da escrita.

Ao meu esposo Moacir, aos meus filhos Lucas Vinicius, Amanda Miguel e Daniel Henrique.

Agradeço ao meu genro, às minhas noras, aos meus irmãos.

À presença da minha amada família, dos queridos amigos e a todos que de alguma forma contribuíram para que eu chegasse até aqui.

Agradeço também ao meu querido pai Alfredo, *in memorian,* que desde que eu era pequenina acreditou no meu sucesso e sempre disse que eu voaria longe, como os pássaros.

À minha mãe Margarida que me estimulou a várias habilidades artísticas, enfim, estou imensamente agradecida!

O Patrono da minha cadeira é um compositor, músico, escritor que muito marcou a culura e a literatura do Brasil.

Marcus Vinicius Melo Morais, conhecido como: Vinicius de Moraes, nasceu no Rio de Janeiro em 19 de outubro de 1913. Filho do funcionário público e poeta Clodoaldo Pereira da Silva e da pianista Lídia Cruz. Poeta e compositor, foi um dos grandes nomes da Bossa Nova, sendo reconhecido internacionalmente pelo seu trabalho no cenário musical. Começou a escrever seus primeiros versos e poemas ainda na escola e, em 1929, tornou-se bacharel em Letras pelo Colégio Santo Inácio, ingressando na Faculdade de Direito no ano seguinte. Em 1933, ano de sua formatura em Direito, Vinícius publicou seu primeiro livro de poemas *O Caminho Para a Distância*. Onde reúne suas poesias. Não exerceu sua carreira em Direito.

Em 1943 Vinicius de Moraes foi aprovado no concurso para Diplomata, cumpriu sua carreira diplomática nos Estados Unidos, Paris, Montevidéu e Brasil.

Compôs peças teatrais, foi dramaturgo, crítico de cinema, jornalista, fez parceria musical com grandes compositores como: Chico Buarque, Tom Jobim, Carlos Lyra, Edu Lobo, Francis Hime, João Gilberto, Baden Powell, Toquinho e outros nomes.

Suas composições musicais somam cerca de 250 músicas entre elas individuais e parcerias, 13 livros, 3 prosas e 4 peças teatrais.

Na literatura, entre os livros publicados destaco: *Forma e Exegese*, 1935, *Poemas*, *Sonetos e Baladas*, 1946, *Antologia Poética*, 1954, *Pobre Menina Rica,* 1962, *A Arca de Noé*, 1970.

Vinicius de Moraes faleceu em 9 de julho de 1980. 14 anos depois, o livro *Jardim Noturno*, uma coleção de poemas inéditos organizados por Ana Miranda, venceu o Prêmio Jabuti na categoria Poesia.

Sua música inesquecível, entre tantas outras, é *Garota de Ipanema* que se tornou um hino da música popular brasileira.

Meus aplausos ao meu Patrono Vinicius de Moraes que me dá a honra de ocupar sua cadeira 25.

Meu objetivo como acadêmica, é preservar e enaltecer a língua portuguesa, a cultura e a literatura brasileira.

Como representante desta Instituição, desejo contribuir com os meus textos e edições. Criar projetos facilitadores que incentivem de forma prazerosa a pensar, ler, escrever, criar, compor, editar pois, acredito que o compartilhar

traz ao leitor a oportunidade de abrir as asas e alçar voo.

Almejo estar de prontidão assessorando a quem eu puder servir e orientar nos assuntos literários e, da mesma forma, ser útil nos trabalhos com a equipe acadêmica, escritores e leitores, auscultando sempre mais o que a cultura brasileira forjar de mais expressivo.

Como dizia Vinicius de Moraes: "Quer? Então faça acontecer, porque a única coisa que cai do céu é a chuva".

"A vida só se dá pra quem se deu." (Vinicius de Moraes)

Finalizando meu discurso, quero estender minha gratidão e agradecimento a minha filha Doutora Amanda Miguel por ter olhado para minha trajetória literária e ter lançado um crédito para eu ocupar esta cadeira. Ela veio à Academia de Letras se informar quais eram os procedimentos para ser um de seus Membros. Obrigada filha!

Como mulher, escritora, cidadã brasileira que hoje, com a ajuda de Deus, dos brasileiros amantes das causas nobres, uno-me a esta casa de pensadores, profissionais de diversas áreas, diferentes faixas etárias, credos, raças, mas cada um, com suas singulares características, pode fortalecer esta causa praticando o que disse o escritor Eça de Queiroz: "Só um livro é capaz de fazer a eternidade de um povo".

Eu acredito que a boa literatura promova mudança, esperança e é a chave que abre portas das mais surpreendentes que podemos imaginar.

Alcidéa Miguel de Souza
Cadeira 25 - Patrono Vinicius de Moraes

ISSN 2447-438X